

4ª Entrevista : 26.02.1981

L.H. - O senhor gostaria de fazer alguma complementação a respeito de seus colegas que o acompanharam na vida militar?

A.M. - É. Eu queria me referir que, em Curitiba, quando o general Vasconcelos foi assumir o comando, levou como seu ajudante-de-ordens o então tenente Aurélio Lira Tavares, que tinha sido meu colega de Colégio Militar, de Escola Militar e agora ia servir também em Curitiba na mesma guarnição. As nossas vidas militares vão se desenvolver mais ou menos juntas até o fim. Ele no Ministério do Exército, e eu na chefia do Estado-Maior.

Outro ponto de que eu desejava também falar, é que durante a Revolução de 32, como eu disse, eu tinha muito contato com o quartel-general do general Góis. Pelas circunstâncias de amizade e de situação de uma bateria que tinha uma locomotiva à disposição. Nessa ocasião é que eu vim a conhecer dois homens de quem depois me tornei amigo: Osvaldo Cordeiro de Farias, então major, que tinha ido à frente do vale do Paraíba, antes de deslocar-se para o Sul, onde foi chefe do Estado-Maior do general Valdomiro Castilho de Lima; e o outro foi o então major também, Alcides Etchegoyen, que estava sem função, mas que entrou com aquele jeitão dele de gauchão largado, falando alto. Um contraste perfeito entre físico e ação entre o Cordeiro manso e o Etchegoyen falando sempre muito alto.

L.H. - O senhor tinha mencionado também os irmãos Amaral Peixoto.

A.M. - No vale do Paraíba, quando nós avançamos e chegamos à região de Lorena, que foi praticamente onde terminou a revolução, deu-se a junção do destacamento que tinha subido por Porto Novo do Cunha, para atacar São Paulo pela serra da Bocaina. Nessa ocasião eu vim a conhecer os dois irmãos Amaral Peixoto, o Ernâni e o Augusto. Eles eram tenentes, como nós, e foram, naturalmente, pelas amizades que tinham com os homens da bateria complicada - que era a minha, que era o Filinto, que era o Cascardo - foram lá nos fazer uma visita, e aí foi a primeira vez que eu tive contato com ambos, que já conhecia de nome. Coisas referentes ao passado, das outras palestras, que eu queria falar.

E agora, ainda para terminar a parte da revolução, há dois episódios de que convém falar. Um, é que, acabada a revolução, o ministro da Guerra anulou a punição que tinha sido dada aos oficiais normais, os chamados "rabanetes". Porque a grande maioria dos "rabanetes" tinha lutado ao lado do governo e demonstrado compreensão, lealdade e sutileza. O governo, então, resolveu anular. Isto comprova aquilo que eu disse: o movimento dos "picolés" e "rabanetes" foi um movimento interno. Apenas ligado a nós - e nós tenentes. Nem ao menos nós queríamos que aquilo se estendesse aos demais postos da hierarquia. Era um problema quase pessoal. Isso veio confirmar a posição tomada pela grande maioria dos "rabanetes" e veio a anulação, que por esse motivo, eu não tenho. Minha fé de ofício é limpa.

L.H. - Uma vez que o senhor já tinha cumprido a pena, que efeito prático tem? Apenas limpar a fé de ofício?

A.M. - Exato. E pelo regulamento, é cancelada, borrando a fé de ofício. Eu é que deixei apenas para que se pudesse ver... Foi uma questão somente de eu poder, no futuro, recordar o passado.

L.H. - Já uma preocupação histórica.

A.M. - É. Exato. Um outro ponto que eu desejava assinalar, ocorrido depois de terminar a Revolução de 32, foi que o governo resolveu promover um certo número de oficiais, pela ação por eles desenvolvida durante a campanha. Alguns de grande valor, outros de grande energia e atingiu a todas as armas. E atingiu principalmente tenentes. É preciso notar que pela legislação militar, a promoção de tenente se faz sempre por antigüidade. A promoção de capitão para major é que se faz uma parte por antigüidade e uma parte por merecimento. E daí para cima vai mudando a percentagem da promoção por merecimento e antigüidade, para que, no fim, só se faça por escolha, merecimento. Aliás, é um critério que apresenta falhas mas que é muito racional.

Mas houve um grande número de tenentes que foi promovido a capitão. Naturalmente passando a carona naqueles mais antigos, embora estivessem na revolução. Nessa ocasião foi promovido o Mamede, o Ulhoa Cintra, o Souza Aguiar, o Juraci e outros que não lembro dos nomes.

L.H. - O senhor se lembra onde o Mamede lutou em 32?

A.M. - Em 32 ele veio do Norte, e eu não me lembro mais. Eu não tive contato com ele na Revolução de 32. Não me recordo de onde veio. Ele pode ter vindo com o destacamento de Newton Cavalcanti, que foi o destacamento que fez o que em francês se chama percée que é a penetração nas linhas paulistas, que foi pegar pela retaguarda, na região de Cruzeiro.

L.H. - Esse foi o destacamento do Newton Cavalcanti?

A.M. - Do Newton Cavalcanti. Pode ser que ele tivesse vindo, porque ele vinha do Norte. Se não me engano ele comandava a polícia de Pernambuco. Se não me engano... eu estou ainda... Esses fatos, cinquenta anos atrás... a gente começa a perder a noção do tempo e mesmo a precisão dos informes.

L.H. - Então de qualquer forma ele foi promovido por merecimento?

A.M. - Por merecimento. Agora, na artilharia, e é este o fato que eu quero relatar...

[FINAL DA FITA 9-A]

A.M. - ... foi indicado o então tenente Ernesto Geisel. Porque ele comandava a bateria de artilharia que pertencia ao destacamento do Zonóbio. E, realmente, esse destacamento foi de uma ação enérgica, valorosa. O Zenóbio foi promovido por merecimento, outros oficiais do próprio destacamento, o Souza Aguiar foi promovido, chegou a ser aprisionado pelos paulistas. Mas o que há de importante é que o Ernesto foi indicado e soube que o nome dele tinha sido indicado. Então foi procurar o chefe - eu não sei, não me recordo quem era - para dizer que não queria ser promovido. E não queria por uma razão entre outras: ele tinha dois

irmãos mais antigos do que ele, excelentes oficiais, que tinham combatido na frente Sul - o Orlando e o Henrique - e ele não se sentia moralmente bem em ultrapassá-los na carreira. Foi promovido, então, o Orlando foi promovido a capitão nessa ocasião.

L.H. - Praticamente em lugar do Ernesto?

A.M. - Praticamente. Para mim foi muito bom, porque o Ernesto me daria carona. O Orlando era na minha frente, não me atrapalhou a vida. Então esse era o episódio que eu queria contar.

A.C. - Que solidariedade de irmãos, enorme, não é? Os Geisel que eu conheci desde a Escola Militar.

A.M. - Ah! muito. A minha vida junto com os Geisel é muito cerrada. Para sintetizar, eu conheci o Orlando e o Henrique na Escola Militar, em 1923, companheiros de turma. Mais tarde, em 1925, entra na escola o Ernesto - nós no terceiro ano e ele no primeiro. Mas, como os irmãos estavam lá na bateria, ele passava o tempo todo de folga lá com os irmãos. Aí vem a primeira amizade. Mais tarde, eu vou para o 1. de artilharia, e o Ernesto foi para lá. Depois ele foi para o Sul. A minha amizade com o Orlando e o Henrique continua: correspondência, e notícias de um para o outro, visitas esporádicas. Vem a Escola de Aperfeiçoamento: já o Henrique vai fazer aperfeiçoamento comigo, o Orlando vai ser meu aluno no ano seguinte. Mais tarde, na Escola de Estado-Maior, eu fui um ano na frente do Henrique e também instrutor, quando o Orlando foi aluno.

A.C. - Como é que se deu esse atraso do Orlando?

A.M. - Eu chego lá. A única posição firme mesmo é a da Escola Militar. As demais variam: para a Escola de Aperfeiçoamento, para a Escola de Estado-Maior varia. Sendo que uma é compulsória, e a outra, facultativa.

Ao mesmo tempo o Ernesto veio para o Grupo-Escola, e eu estava na escola. Fizemos um contato cerrado. Mais tarde eu vim a conhecer o pai deles, o seu Augusto, que veio da Alemanha com 17 anos. Conheci em casa do Orlando. E assim nós fomos vivendo, nos encontrando, a vida inteira. Fui servir em Cachoeira, conheci a irmã deles, a Amália; depois conheci o Bernardo. Todos destacados. Todos excelentes oficiais ou excelentes profissionais, todos de excelente caráter. Todos de caráter firme, herdado do velho Augusto. Velho Augusto que, eu me recordo, quando se dizia "o senhor, que é alemão..." ele dizia: "Não. Eu não sou alemão. Sou mais brasileiro do que o senhor. O senhor é brasileiro porque nasceu aqui. Eu escolhi a nacionalidade. E eu tenho três filhos oficiais do Exército, que honram o Exército". Esta era a palavra do velho Augusto Geisel.

L.H. - Brasileiro por opção.

A.M. - Brasileiro por opção e com orgulho dos três filhos, e mais da filha professora e do filho engenheiro. E eu costumava então dizer: "Se tiver um saco, meter a mão e sair um Geisel, é bom".

L.H. - O engenheiro é o Bernardo?

A.M. - O Bernardo é engenheiro. Muito meu amigo, muito doente. Depois então que morreu o filho dele, que era da Petroquisa, coitado do Bernardo, ficou arrasado.

L.H. - O Henrique foi o que morreu mais cedo?

A.M. - Mais cedo. Mas agora, na minha vida, há um grupo de pessoas que vai... Os Geisel; o Moraes; o Gabriel; o Golberi, que vai aparecer só em 41; o Lira a vida inteira... Então estes nomes, a toda hora nós vamos encontrar. Esses são os pontos sobre 32 de que eu queria falar.

L.H. - O senhor disse que o Zenóbio foi promovido. O senhor se lembra de outras promoções por merecimento? De oficial de mais alta patente, nesse período?

A.M. - Acho que o mais graduado foi mesmo o Zenóbio. Acredito. Não tenho mais precisão, mas, que eu me recorde, a massa foi de capitães e principalmente de tenentes.

L.H. - Isso perturbou um pouco? Porque, como o senhor nos explicou, no caso dos tenentes era por antigüidade, mas de repente houve uma alteração. Isso criou alguma hostilidade, resistência?

A.M. - Não. Porque todos os promovidos, realmente, eram bons oficiais. E não constituiu... já é da vida normal no Exército, as promoções e as preterições. Então, na vida, a gente já vai se acostumando com essas coisas. E, principalmente, quando... No caso do Henrique vai se dar episódio comigo, mais tarde. Para mostrar como as amizades vêm... Às vezes uma preterição aumenta a amizade. Às vezes cria separações. Os dois exemplos eu tenho perto: um comigo e o outro com o Alcio.

Vou falar no meu caso: quando eu era capitão e estava para ser promovido a major, eu tinha satisfeito todas as condições para a promoção, inclusive a arregimentação. O Henrique, que vinha depois de mim, estava terminando a arregimentação, estava fazendo no Paraná, e ficou preocupado em não ser caroneado, em não ser preterido. Porque ele só satisfaria e ficaria livre às vésperas da promoção. Ele, então, falou com o Nelson de Melo, que era da Casa Militar... de uma função qualquer que tinha muita relação. Mas o Nelson tinha sido colega e companheiro dele na Escola de Estado-Maior. E o Nelson se interessou para ele não levar carona. E com o interesse do Nelson, o Henrique não só não levou carona como me deu carona. Fui preterido pelo Henrique e tive uma demonstração que eu não esqueço. Tanto o Orlando quanto o Ernesto vieram a mim e disseram: "Olha, Muricy, o Henrique foi promovido. Eu não posso dizer que esteja triste, mas ele não merecia lhe dar carona. Quero que você saiba o nosso ponto de vista". Eu disse: "Mas disso eu nunca tive dúvida. Conheço vocês e conheço o Henrique". Dirigi-me a ele, fiz um cartão carinhoso ao Henrique. O Henrique me respondeu com uma carta de um carinho, de uma amizade... eu perdi. Essa carta demonstrava o quanto o sensibilizou a minha demonstração de não me alterar. E não alterou a minha amizade por ele, continuou a mesma coisa - ou antes: acrescida, da parte dele. Ele ainda ficou mais meu amigo.

O outro episódio: na promoção de tenente-coronel a coronel, o Alcio sempre foi, na turma, na frente do Canrobert. Mas o Canrobert tinha desempenhado funções que o colocaram

mais próximo... do ministro, mais próximo dos generais daquela época. E, num determinado momento, o Canrobert sai Coronel na frente do Álcio.

L.H.- O Álcio era mais antigo que o Canrobert?

A.M. - Era na mesma turma. Era o mesmo caso meu e do Henrique. Da mesma turma, mas na frente porque melhor colocado, na turma da Escola Militar. Quando eu fui abraçar o Canrobert, ele disse: "Olha, Muricy, perdi um amigo." E eu me dava muito com todos dois. Eu disse: "Não, não há..." E ele: Perdi." Tempos depois eu estive com o Álcio. Amargurado com essa carona... E realmente eles não romperam, mas esfriaram.

A.C. - Quer dizer, o senhor tem a lógica das promoções militares, ao mesmo tempo é muito racional, mas ela cria, muitas vezes, fricções importantes.

A.M. - É muito difícil julgar o merecimento. Depois eu fui ser presidente da Comissão de Promoções, quando chefe do Estado-Maior, e vi como é difícil. Fazer justiça não é fácil. Como a gente, às vezes, pensa que tem todos os dados e desconhece fatos, coisas fundamentais. Eu, à medida que fui envelhecendo, fui compreendendo mais o homem e principalmente tenho muito cuidado no julgar. Às vezes eu sou arrebatado, impulsivo e digo as coisas meio violentas e meio rápidas. Depois me dá um arrependimento... mas já está dito. Mas isso é temperamento, eu morro assim. Porque ainda agora, há pouco tempo, deu-se um fato semelhante. Mas, agora, já satisfiz a sua curiosidade.

L.H. - Eu queria voltar, então, a esse problema da Revolução de 32, para conversar com o senhor como é que foi a desmobilização, a volta aos quartéis.

A.M. - Logo depois da revolução, nós paramos, como eu disse, no vale do Paraíba, na altura de Lorena. Certas unidades seguiram para São Paulo. Para fazer a ocupação militar de São Paulo, substituir a tropa existente e principalmente poder dar tranqüilidade ao estado, que estava completamente convulsionado. Então, certas unidades seguiram, outras voltaram a seus quartéis. O meu caso foi esse. Uma bateria que não tinha razão de ser, e completamente maluca -, voltou. Lá, então, saiu o pessoal da Marinha, saiu o pessoal do Exército, e eu voltei para o CPOR para servir de instrutor, como eu era. Umas unidades regressaram mais rapidamente do que outras. Geralmente, para São Paulo seguiam as unidades do Exército. As unidades das polícias militares, as unidades chamadas provisórias, como a do João Francisco e outras. Ele era um homem bonito...

L.H. - O senhor o conheceu?

A.M. - Conheci... Ele sentava muito no Hotel Nice, ali na avenida, com um chapelão enorme, aqueles bigodes... Nós, tenentes, passávamos lá e conhecíamos o Leão do Caverá. Era um tipo bonito de homem.

L.H. - O senhor teve contato com os provisórios?

A.M. - Não. Meu irmão que, como eu disse, combateu na frente do vale do Paraíba e depois foi combater na Aeronáutica, na frente Sul, é que teve contatos com ele, porque ele queria também apoio de aviação. E a aviação era muito pequena e ficou muito eixada, também, nos pontos importantes da Coluna Castilho. Meu irmão, nessa ocasião, teve muito mais contato com o Cordeiro, que era o chefe do Estado-Maior do Castilho. Teve vários contatos também com o João Francisco. Acabou aí. Alguma coisa mais sobre 32? Eu voltei para a minha unidade, instrutor do CPOR. Aí, nessa ocasião, já se procurava botar. A Revolução de São Paulo veio trazer um novo reforço da disciplina, porque já tinha começado anteriormente e começou de novo a dar uma estrutura melhor ao Exército.

Eu, então entro numa fase na minha vida em que eu sou instrutor e sou aluno. Sou instrutor e aluno. Fico, então, cerca de dez anos, agarrado aos livros. Sou um homem que estudo para dar aula e estudo para fazer o curso. E estudo, também, para adquirir um pouco de cultura, porque eu já estava pensando na Escola de Estado-Maior, no futuro. Aí, então, a minha vida fica uma vida praticamente escolar.

L.H. - Quando o senhor volta para o CPOR, o Canrobert volta também?

A.M. - O Canrobert, logo em seguida, volta, é promovido e sai do CPOR...

L.H. - É substituído por quem?

A.M. - Só vendo. Era um homem que não tinha maior expressão no Exército. O Canrobert era um homem que se impôs, desde o início, ali, no CPOR. Era um homem que não só tinha capacidade intelectual, como era fisicamente um touro, um homem fortíssimo. Vou contar um episódio, que posso me esquecer. No CPOR, um edifício de dois andares – o térreo, de 4m de pé-direito, e o primeiro andar -, o gabinete dele ficava no primeiro. Um dia ele vê um soldado fazendo qualquer coisa errada, fala com o soldado, o soldado não atende, responde meio grosseiro, e ele, major comandante do CPOR, pula pela janela, cai em cima do soldado, que quase morreu de medo. Outro: muitos anos mais tarde, ele já general e ministro da guerra. Ele, de vez em quando, nos reunia - um ambiente muito agradável no gabinete dele, num sitiozinho dele lá em Jacarepaguá. Ele tinha dois ajudantes-de-ordens muito brincalhões, e um deles caçoava muito com ele: "O senhor está ficando velho, não sei o quê mais..." Nisso ele se queimou e virou-se para esse ajudante-de-ordens, o Oly Simões Sund e para o genro dele, o Aílton, e disse: "Vou fazer uma coisa que vocês não fazem." Saiu correndo e deu um salto mortal. General, ministro da Guerra. [risos] Isto para mostrar. Então nós -tenente é sempre irreverente só o chamávamos de Popeye. "Como é que vai, Popeye?."

L.H. - Os apelidos são sempre muito sugestivos...

A.M. - Está aí o Canrobert. O Canrobert marcou a vida de seus subordinados. E eu vou reencontrá-lo várias vezes, até a sua morte.

L.H. - O senhor serviu três vezes com ele, não é?

A.M. - Eu servi três ou quatro. Eu estava em casa dele, quando ele morreu.

Acabou, então, o ano de 32. O ano de 32 foi um ano de ajustamento. Já aquele movimento de agitação, de Clube 3 de Outubro, foi arrefecendo e começa, a partir daí, o crescimento das agitações comunistas no Brasil. É a primeira vez. Quando eu digo 32, é 33, 34, até 35. As agitações comunistas foram num crescendo. E, naturalmente, criando reações. Reações que terminam na formação do Partido Integralista Brasileiro. Mas eu me recorro que em São Paulo Houve um choque – muitos mortos na rua - de comunistas e não sei se integralistas ou anticomunistas. O fato é que a agitação de rua estava cada vez mais num crescendo e começa a aparecer a figura do choque ideológico, que até então não tinha aparecido.

L.H. - No Rio isso era sensível também?

A.M. - Também, mas não com a agitação de rua que houve em São Paulo e outros lugares. Mas houve também. O ambiente era... Nós começamos a sentir quem é que era democrata e quem não era. Começamos a olhar esse aspecto. E eu começo então, nessa hora, a me interessar por um problema que até então estava fora das minhas cogitações, que era o problema sociológico. O problema das diversas correntes do pensamento político.

A.L. - O senhor está sugerindo, talvez, um descompasso, entre o processo que se verifica dentro do Exército, que é um processo de retomada da disciplina e o que se passa fora do Exército, que é esse crescendo. Houve essa diferença básica.

A.M. - Exato. E o Exército já tem... Já há começo de infiltração dentro do Exército, já há começo ou grande desenvolvimento no meio civil particularmente. Então se começa a sentir que há uma modificação no problema ideológico.

L.H. - Quer dizer, o problema ideológico, no fundo, entra em cena nessa hora?

A.M. - Ele já vinha de trás, como eu disse, do Amoreti que me convidou. Mas antes... eu assisti em Curitiba a um protesto, os homens vermelhos e cheios de saúde pedindo "Pão, terra e liberdade". Então essas coisas já vinham.

A.C. - O senhor acha que era da mesma natureza ou que houve uma mudança nessa forma de se apresentar?

A.M. - A mudança é a seguinte: eles eram cada vez mais fortes e cada vez mais agitados. Aquilo que eles faziam suavemente, começaram a fazer de uma maneira mais ostensiva. A mudança é esta. E começa, então, a aparecer... Por exemplo, o meu amigo Herculino Cascardo já começa a ser apontado como comunista. Eu sempre quis muito bem ao Herculino, mesmo depois disso. E quando o encontrava, sempre conversei muito com ele.

L.H. - O senhor, pessoalmente, acreditava que ele fosse comunista?

A.M. - Eu não tinha, naquela ocasião, base para analisar. Eu fui melhorando meus conhecimentos através da vida e através de leituras. Eu sempre estudei assistematicamente. Nunca fiz cursos. Mas lia. A moda era ler, então vamos ler. E eu devo muito, então, a Santiago Dantas, que, mais tarde, eu vou encontrar, adiante. Ele me esclareceu muita coisa.

Eu comecei a sentir os problemas. Mas nunca pude dizer se o Cascardo era comunista ou se era um homem de tendências socialistas já mais avançadas, como o próprio Estillac, que também já era um homem mais avançado, mas não sei até onde iria o comunismo dele. Fui ter contato com o Estillac mais cerrado, adiante. Mas eu não tinha condições de julgar. Então eu prefiro não julgar.

L.H. - Mas, de qualquer forma, eles já eram apontados como...

A.M. - Mas eles já eram apontados.

L.H. - E a infiltração integralista no Exército?

A.M. - Aí... Bom, tudo isso vai num crescendo nessa fase. Porque depois vem a Escola de Aperfeiçoamento, e lá vou assistir ao 35 e já à reação integralista. Como consequência natural do desenvolvimento do comunismo, começou a haver a reação integralista. Baseada, naturalmente, nos mestres alemães do nazi-facismo. Todo o mundo via o desenvolvimento da Itália, depois que Mussolini assumiu e depois a recuperação da Alemanha, já sob as ordens de Hitler. Isto é evidente e ninguém pode negar, por mais que se queira. Do ponto de vista pragmático, a Itália e a Alemanha ressurgiram nas mãos de Mussolini e de Hitler. Agora, o que eles implantaram foi uma filosofia que era antidemocrática. Isto é outra coisa. Mas nessa ocasião não chegava aqui a nós, pelo menos ao grande núcleo brasileiro, a profundidade do pensamento. Pouca gente tinha lido o Mein kampf, pouca gente conhecia economia política; sociologia estava engatinhando nesta terra. Hoje, todo mundo lê e discute, mas naquele tempo não havia nem livro para ler. Nem livro para ler.

L.H. - O que chegava então eram apenas as notícias das realizações?

A.M. - Das realizações. A dificuldade de livros era muito grande, e naturalmente havia aquelas pessoas com maior capacidade de divulgação de conhecimentos, que podiam fazer proselitismo. Mas isso mesmo em número limitado. De maneira que essa coisa surge sem a gente saber como. Mais tarde eu vou tomar conhecimento através dos relatórios. Foi quando eu tive que fazer aquela palestra sobre o movimento de 35 e fui ver inquiridos. Então, muita coisa que eu não via, passei a entender. Mas isso é trinta ou quarenta anos depois.

A.C. - Muitas vezes, esses dois fenômenos, a mobilização comunista e a integralista, são apresentados como fenômenos concomitantes, coisas que se processam mais ou menos ao mesmo tempo.

A.M. - E são!

A.C. - Quase como se um estivesse respondendo ao outro.

A.M. - Ah, não tenha dúvida!

A.C. - O senhor acha que houve uma seqüência?

A.M. - Não, naturalmente o comunismo antecedeu. Mas nos anos 30, pouco depois da Revolução de 32, começam a surgir os admiradores do fascismo e do nazismo. Então começa a haver o nascimento da corrente integralista. E elas conviveram até 35. E desaparecem em 37 com a eliminação do integralismo. Agora, eu não tenho condições de penetrar, mesmo porque, como eu disse; depois que voltei da Revolução de 32, comecei a ser um homem que estudava. Naturalmente eu acompanhava, a gente não fica só estudando, mas não tive uma atuação direta nos acontecimentos. Eu acompanhava, eu discutia, mas eu não interferia. Eu fui convidado para ser integralista e disse: "Absolutamente. Eu sou soldado. Então, tudo que vocês pregam eu já faço normalmente." Era o problema da paz, da democracia e não sei o quê. Disse: "Como soldado, sou obrigado a defender a pátria, a ser democrata, a respeitar a família, eu sou católico, então não tenho problema de religião. Eu não tenho por que ser integralista. "Eu não tenho por quê." E continuei assim até o fim, embora com amigos integralistas.

A.C. - Quer dizer, o senhor foi abordado tanto por pessoas de esquerda como de direita?

A.M. - Inicialmente. Porque eu fiquei logo numa posição nítida contra o comunismo. Fui abordado pelos integralistas, mas não me aproximei. Não rompi, eram amigos, continuei amigo deles até o fim.

L.H. - No seu círculo de amigos, o senhor pôde sentir que essa divisão se processava?

A.M. - Ah... dos comunistas eu fui me afastando. Dos comunistas eu me afastei logo. Agora, com os integralistas eu continuei, alguns até muito mais tarde. Como, por exemplo, o ex-governador, o Padilha; o Tasso da Silveira, que era muito amigo do meu irmão, que foi da Câmara dos Quarenta; o Santiago Dantas, de quem eu fui amigo.

A.C. - O senhor conheceu nessa época ou depois?

A.M. - O Santiago, depois. Mas o Tasso da Silveira eu conheci nessa ocasião. Era o maior amigo de meu irmão mais velho. Ambos paranaenses, companheiros de curso, conhecia o Tasso desde que eu nasci. Já conhecia o Tasso, amigo do meu irmão. Além disso, outras pessoas e companheiros que se entusiasmaram pelo integralismo. Eu ficava observando de lado. Nunca fiquei nem de um lado nem de outro. Sempre procurando, começando a ler, de vez em quando, problemas de sociologia e, de qualquer maneira, condenando visceralmente, frontalmente, o comunismo. E entendendo, até certo ponto, o integralismo pelas idéias que eles traziam. Eu não conhecia o Mein Kampf, não conhecia a doutrina do Hitler. Eu fui conhecer o Mein Kampf muito mais tarde. E assim mesmo fragmentado. Eu nunca li o Mein Kampf, que depois foi proibido, queimado o livro. Mas certos trechos eu consegui ler, traduções ou...

A.C. - Extratos

A.M. - Extratos

L.H. - E a figura do Plínio Salgado? Tinha alguma penetração a figura propriamente do Plínio?

A.M. - Tinha. O Plínio Salgado era realmente... Conseguiu uma penetração, tinha admiradores. E era um homem realmente inteligente. Eu assisti a certas demonstrações, porque ele era muito amigo do Padilha, e um dos filhos do Padilha, o professor Tarcísio, foi criado com meu filho Marcos, estudavam juntos, e mais...

[FINAL DA FITA 9-B]

A.M. - Mas como o Tarcísio sofria de umas dores de cabeça imensas, meu filho muitas vezes ia para a casa do Tarcísio para ler para o Tarcísio, que não podia nem ler. E o Tarcísio vivia lá em casa. E a amizade do Marcos com o Tarcísio até hoje... Eu sou padrinho de casamento do Tarcísio. O Tarcísio é padrinho de crisma do meu filho. Eu o chamo de compadre, ele me chama de compadre. Até hoje somos amigos. Ele fez parte comigo daquela comissão bipartite dos bispos. Então esse conhecimento fez com que eu tivesse um conhecimento indireto do Plínio Salgado. E, numa certa ocasião, anos mais tarde, Plínio Salgado publica um livro que eu acho excepcional: História de Cristo. Este livro o Tarcísio deu ao meu filho Marcos. O primeiro a ler fui eu. Acho uma história sagrada que não segue o ritmo da Bíblia, mas que dá uma interpretação positiva da doutrina cristã e, principalmente, focalizando certos aspectos, que; às vezes, a gente, ao ler a Bíblia, passa por cima. Eu quero dizer que ao terminar a leitura desse livro, eu disse: "Este é um dos grandes livros que eu já li." Agora, nunca tive contato. Nunca. Mas que ele tinha prestígio, tinha. Indiscutivelmente tinha. Porque hoje, passa o tempo, a gente vê que ele procurava caricaturar um pouco o Hitler, mas naquele tempo a gente não percebia direito, mesmo porque o Hitler só foi mesmo caricaturado pelo Carlitos. Ali é que a caricatura foi boa.

L.H. - No Grande Ditador.

A.M. - No Grande Ditador.

A.C. - Aí todos perceberam que era aquilo mesmo.

L.H. - Em 34 o senhor é promovido a capitão?

A.M. - Mas espera aí, tem mais ainda. Então termino o ano de 32, fico 33 como instrutor no CPOR e já quase indo para a Escola de Aperfeiçoamento. Porque para a Escola de Aperfeiçoamento eram chamados os tenentes mais antigos e os capitães mais modernos. A turma era misturada, de capitães e de tenentes. E eu fui chamado, com um grupo de tenentes, em 1934, para fazer a escola. O Orlando não foi chamado. Estava no Rio Grande do Sul e estava com outros problemas que impediram a vinda dele. Mas o Henrique veio fazer o curso conosco.

L.H. - É por isto que dá aquele descompasso com o Orlando.

A.M. - Exato. O Orlando vai fazer o curso no ano seguinte.

L.H. - A escola é obrigatória?

A.M. - Essa é obrigatória. Não se pode ser promovido a major sem ter o curso de aperfeiçoamento. E aí há um grupo que vai cada vez se unir mais, na parte funcional. Era o meu amigo Lebrão de quem falei, instrutor comigo no CPOR. Vamos ser novamente companheiros de turma na Escola de Aperfeiçoamento. Era o Gabriel Fonseca, e aparece um outro companheiro de turma, o Moacir Lopes, que é aquele que desenvolveu moral e cívica, a instrução moral e cívica. Aparecem alguns oficiais "picolés" inclusive um que se aproximou muito de nós, o Hugo de Matos Moura; dos capitães antigos também veio um homem que era uma notabilidade, Leoni de Oliveira Machado, que vai ser depois, se não me engano, da Petrobrás, um órgão estatal. Era engenheiro geógrafo. Daquela turma lá do Serviço Geográfico de que falei, treinada por aquele austríaco que não recordo o nome, mas de quem falo na minha palestra sobre Tasso Fragoso. Eu faço referência a esse austríaco. O Leoni se juntou muito a nós. Então formamos um grupo muito homogêneo, de grande capacidade de estudo e, ao mesmo tempo, com vontade de estudar.

L.H. - Qual é o objetivo básico da Escola de Aperfeiçoamento?

A.M. - É o seguinte: nós temos na Escola Militar uma formação que é teórico-prática, mas que é muito mais teórico do que prática, principalmente porque na escola a gente não tem o trato com o homem, que a gente só vai sentir, trabalhar com homens depois que sai oficial. E quando a gente sai da escola, a gente sai para todo o Brasil. E quando sai para todo o Brasil, as unidades no Exército não têm o mesmo quartelamento, não têm a mesma categoria de chefes, não têm o mesmo material, não têm o mesmo enquadramento. Uns numa cidade mais cheia de recursos; outros em cidades do interior sem coisa nenhuma. Então há um descompasso, e há, principalmente, um choque. A gente sai da Escola Militar pensando que tudo é fácil. E chega e começa a encontrar as dificuldades da tropa. Por isto é que eu digo que fui um homem feliz porque fui para uma unidade bem comandada, bem enquadrada, bem servida de material, e eu tive a oportunidade de trabalhar junto à Escola de Aperfeiçoamento, então eu pude me desenvolver. Outros companheiros, entretanto, têm a infelicidade... Chegam numa unidade em que faltam oficiais. Então eles são aspirados para postos mais altos. Houve tenentes, meus companheiros de turma, que comandaram grupo - eles perderam a noção do que era ser tenente. Forma-se um descompasso que deve ser acertado num determinado ponto da carreira, e é na Escola de Aperfeiçoamento.

A Escola de Aperfeiçoamento tem, então, duas finalidades: uma é uma retomada do oficial na sua base cultural-militar, e é o preparativo para o comando de unidade. Porque até então ele é preparado para o comando de subunidades, quer dizer, companhia, esquadrão e bateria. Esta é a finalidade. Então, na Escola de Aperfeiçoamento, estuda-se no caso da artilharia, a técnica de artilharia, a topografia, as transmissões, a parte de ligação, a parte de tática da artilharia, a parte de tática geral menor. Porque aí se começa a sentir que as armas trabalham em conjunto. Então no Aperfeiçoamento a gente já começa a sentir a tática geral, isto é, as diversas armas trabalhando em conjunto num campo de batalha. Então esta e a finalidade e, ao mesmo tempo, um pouco de administração, um pouco de conhecimento do trabalho de Estado-Maior. Ainda muito por cima, mas Estado-Maior de unidade e não Estado-Maior de Estado-Maior. Esta a finalidade. Agora, na parte de artilharia, o esforço, pelo menos no meu tempo, era na parte de técnica de tiro que, como eu

disse, os franceses é que ditavam a base, mas não havia regulamentos. E nós estávamos começando a querer nos liberar da técnica francesa. O francês é um homem de uma formação de base fortemente teórica. Os cursos secundários, o curso superior, são sérios, então, a técnica de tiro... A base do regulamento francês é uma técnica baseada, muito, nas relações de ordem matemática. Da mesma maneira é o trabalho de topografia, que é também profundamente baseado na parte matemática. Isso vai depois influir, quando eu falar aqui do Lima Câmara, e do Paulo Lopes. Então isso vai ser um esforço grande. E, ao mesmo tempo, a parte de tática. Até, então, naquele tempo se fazia o que se chamava o tiro de bateria. Agora se passa a querer fazer o trabalho de tiro de grupo: as três baterias de um grupo agindo como um todo. É a junção das baterias. Hoje, depois com os americanos, é o contrário: a base de ação é o grupo, e a bateria é a exceção. É como o material: naquele tempo era o 75; já com os americanos a base é o 150.

A.C. - Mas o senhor viveu, então, esse momento, em que já havia um descontentamento com as técnicas francesas?

A.M. - Já havia vontade de simplificar as técnicas de tiro francesas. Mesmo porque o francês se baseava muito no tiro baseado na carta topográfica. Nós no Brasil éramos... Hoje estamos melhor, mas, assim mesmo, estamos muito deficientes em matéria de carta topográfica. Então tínhamos que inventar processos de tiro, quase que, não digo no sentimento, mas com o aproveitamento de uma telemetria feita pelo canhão. Então surge aí uma coisa que em um português bárbaro chama-se referenciação do terreno. Termo inventado, que em matéria de português é péssimo, mas que significava atirar com certas alças e derivas no terreno, para depois, com base nos lugares... Fazia-se um esboço topográfico do terreno, depois se atirava, se marcava nesse esboço onde tinha caído o tiro, se fazia uma quadriculação não era bem quadriculação, porque era mais losangulada do que quadrada... Mas sobre isso, então, partia-se para o tiro. Muitas vezes para o caso de tiros rápidos, sem carta. Nós tínhamos que partir para o tiro sem carta. O que, portanto, para o francês seria um eventualidade, para nós passava a ser um caso quase que normal. Então se estudava essa coisa toda.

A.C. - Nesse sentido as técnicas americanas eram mais, talvez, adaptáveis à nossa realidade?

A.M. - O americano chega mais tarde. O americano, nesse tempo, era aluno do francês, como nós éramos. O americano aprendeu com o francês. E isto nos foi dito pelo grande general Truesdel em Lavenorth, quando eu fiz o curso. Ele disse: "Os senhores são todos oficiais de Estado-Maior... e oficiais com nome no seu Exército. Eu posso dizer que aqui os senhores não vão aprender novidades do ponto de vista doutrinário. Vão aprender, sim, simplificações, porque nós temos que partir para coisas simples."

A.C. - É uma idéia muito americana, coisa simples, pragmática.

L.H. - Os americanos, então, só se libertam dos franceses na guerra, praticamente?

A.M. - Na guerra. Nós, como os americanos, éramos...

A.C. - Filhos da Missão Francesa.

A.M. - Exato. A Missão Francesa nos deu muito, mas se baseava em dados que nós não tínhamos como estabelecer no Brasil.

Então esse panorama é que fez com que a Escola de Aperfeiçoamento - Escola de Artilharia naquele tempo... Foi que se deu o alargamento. Acabou-se a EAO, passou para a Escola das Armas, de artilharia, infantaria, embora dentro do mesmo aquartelamento.

Na ocasião eu vou para lá, com esse grupo, estudando brutalmente, procurando nos desenvolver. Nesse momento ressaltam as figuras de dois instrutores: o tenente-coronel Antônio José de Lima Câmara, que foi, depois, secretário de segurança, ou chefe de polícia aqui do Rio de Janeiro; e o Paulo Joaquim Lopes. O Lima Câmara um tipo bonito, alto, forte, e o Moacir irreverentemente - lembrem-se que eu disse que na Polícia Especial só tinha gente grande, forte - dizia assim -desculpem a expressão: "O garanhão da Polícia Especial." O outro, Paulo Lopes, um homem de uma inteligência extraordinária. Um homem que fez uma façanha que eu acredito que não tenha tido outra no Exército: fez, simultaneamente, o curso de Estado-Maior com o curso de engenharia civil. Todos dois, cursos violentos, e ele fez simultaneamente. Era um homem de uma inteligência privilegiada. Vou agora focalizar um e outro. O Lima Câmara se impunha pela figura. E pelas frases que ele criava. Para caracterizar os erros e para caracterizar atitudes. Por exemplo, ele tinha uma frase lapidar: "O artilheiro não erra, porque se ele erra não é artilheiro." Isto calava. Em nós, alunos, isso ficou, dentro do Exército. Outra frase dele: "Não se escolhe uma alça como quem escolhe uma gravata. A alça representa sempre uma idéia." E assim ele tinha... Já o Paulo Lopes tinha expressões maravilhosas. O Paulo Lopes era um homem que tornava simples as coisas complicadas. Ele pegava o assunto mais complexo e fazia o que ele dizia: botava o vidro de aumento no que era importante e o resto ele passava rapidamente por cima. Então, quando acabava um assunto, a gente dizia: "Mas que banalidade... Não diziam que era tão difícil?" Depois, quando a gente ia estudar, é que ia ver. Bárbaro! O que ele tina feito naquela hora. Era um homem com uma capacidade de desenhar enorme. Há instruções que são... por exemplo, instrução de estudo de serviços. O Paulo Lopes ficava duas horas na pedra - a gente preso a ele. Ele ia entremeando com conversa, anedota, alegre, bem disposto, focalizando o que era melhor, fazendo um desenho... Era um instrutor excepcional.

L.H. - O que é instrução de serviços?

A.M. - É porque a tropa, quando vai para a campanha, não vai só combater, ela vai viver. Para combater ela precisa ter munição. Para viver ela precisa ter alimentos. E precisa haver uma cozinha, e precisa haver uma retaguarda, para atender, naquele tempo, o cavalo, para atender o sistema de reabastecimento, para pegar lá atrás a comida, a munição, etc., e levar à frente. Depois evacuar a que está na frente. Isto se chamam os serviços. O que hoje se chama logística. Naquele tempo não se falava em logística, se falava em serviços. Porque a logística, hoje, até no meio civil a palavra já entrou.

A.C. - General, o senhor está fazendo elogios a seus instrutores como pessoas que tinham dons pedagógicos especiais. Eu gostaria de perguntar ao senhor se esses dons, na verdade, não transcendiam esses instrutores e não fariam parte, um pouco talvez, de uma inovação que o Exército introduziu em termos mais pedagógicos, em termos de nível de técnicas de

ensino. Parece que o Exército foi dos primeiros núcleos a introduzir técnicas modernas de ensino e comunicação. Não sei se naquela época era ainda isso, ou foi um problema posterior, que veio dos americanos.

A.M. - Aí vai tocar já num ponto que eu ia tocar mais adiante, mas vou falar. O Exército, realmente, foi inovador. Com a Missão Francesa, muitas idéias vindas da França penetraram no nosso Exército. E estruturou-se o sistema de ensino do Exército de uma forma que eu acho espetacular. O militar estuda a vida inteira. Ao contrário do civil, que faz um curso de engenharia e depois estuda se quiser. Aprende no serviço. Especializa-se e esquece o resto. E isso em diversas profissões. No Exército faz-se um curso na Escola Militar. Como tenente se faz um curso de... uma especialização: educação física... E falou-se na educação física, que veio da França, lembrei que, com os franceses, veio o mestre de educação física, trazido da Escola de Joinville Le Pont, que era a grande escola de educação física do Exército Francês. Então a Escola de Comunicações, a Escola de Transmissões... Essas coisas é que vão formando o tenente-atividades complementares à sua atividade propriamente de tropa. Depois, quando ele chega a capitão, há essa retomada de consciência militar e esse preparativo para exercer funções maiores. Eu estou agora reportando ao meu tempo. Depois disso as coisas têm evoluído, já não é a mesma coisa. Quando eu era ainda tenente, criou-se o curso técnico, que antigamente era a Escola Técnica do Exército. Fundada ali no Andaraí. Arrebanharam-se aqueles oficiais que já tinham o curso de engenharia, de preferência, ou aqueles que quiseram fazer o concurso. Daí, inicialmente, no curso técnico, haver muitos oficiais ex-alunos. Porque eles - muitos - durante o período que estiveram afastados da escola estudaram engenharia. Então era um grande número de ex-alunos que fizeram o curso técnico e de outros que não fizeram: Inclusive, na minha turma, tivemos vários que foram para o curso técnico, excelentes técnicos.

E como sempre, já que estamos falando em técnico, o Exército é inovador. Certas operações, certas carreiras, certas especialidades técnicas que não havia no Brasil, lá foram introduzidas. Lá, pela primeira vez, se fez química. Lá, pela primeira vez, se fez engenharia de automóveis; lá, pela primeira vez, se fez engenheiro geógrafo especializado. Fazia-se na Escola Politécnica, mas era cadeira de geólogo - lá se fazia um curso. Lá se fazia o curso de química e de explosivos; lá se fazia o curso de metalurgista. Mais cedo se fez lá, também, a parte relativa a energia nuclear e mesmo de computação, a parte eletrônica. Então o Exército tem sido pioneiro em uma porção de coisas...

A.C. - Isso explica muito a reabsorção dos militares nos quadros civis depois que abandonam a carreira.

A.M. - Até certo ponto. Porque depois entra um outro aspecto, que é que o militar se habitua a comandar, a entender homens. Nós, quando vamos para a vida civil-isto eu digo por experiência própria - ignoramos uma porção de coisas, mas de uma coisa nós temos conhecimento de causa: é lidar com homens. De todos os tipos. Esta é a vida inteira. Administrar e lidar com homens nós aprendemos a vida inteira. Eu comecei aos 19 anos. Este é um aspecto que eu queria...

Agora, continua o problema militar. Quando chega depois do aperfeiçoamento, o oficial tem direito a três opções: uma, não fazer nada. Então vai até coronel. Outra, fazer o curso técnico - era, depois houve modificações - e ficar num quadro menos movimentado, mas

mais especializado, mais próprio, às vezes, do temperamento. Ou então, fazer o curso de Estado-Maior, que é a formação do homem para o comando, propriamente, e assessoria do comando. Não só ele se prepara para ser assessor do chefe, como também, se as condições forem favoráveis, para ser chefe.

Mais tarde, já em 1948, criou-se, com o Cordeiro, a Escola Superior de Guerra. Agora já entra o problema entre civis e militares, porque foi uma consequência da Segunda Grande Guerra. Procura-se dar, então, formação, ou orientação, para a formação de elites capazes de atuarem no quadro governamental em geral. Aí é que entra a escola, com seus aspectos militares e civis. E, como se sentia a necessidade de fazer uma adaptação ao que havia na Europa em certas escolas, faz-se o centro: Curso de Comando e Estado-Maior das Forças Armadas, que já é de ação combinada das Forças Armadas. Em síntese, é esta a vida do oficial como aluno.

Então, o que acontece no Exército? É que o Exército é uma escola, sempre. Porque mesmo quando o oficial vai para a tropa, ele dá instrução e transmite conhecimento.

Já que se está falando em ensino, quero mostrar como eu entrei impropriamente no assunto ensino. Eu já tinha uma noção, através da metodologia usada no Exército, no preparo das instruções. Nós trouxemos dos franceses uma metodologia de preparação da instrução, para podermos transmitir ao máximo. E nas escolas militares - é uma das coisas interessantes, e isso na Escola do Estado-Maior vai se caracterizar, para uma hora de aula, pelo menos, temos de oito a dez de trabalho em casa. É um trabalho intenso de preparação, porque a gente vai enfrentar uma turma de homens inteligentes, que vem contraditar e a gente não pode errar. A gente não pode deixar de ter opiniões sensatas, porque os homens se conhecem nessa hora. Então, a gente só adquire prestígio quando tem uma conduta cerrada e uma atitude mental também coerente.

Mas aí, quando estou na Escola de Aperfeiçoamento, dá-se um fato na minha vida particular. Como eu disse, minha mulher era professora. E estava dedicada ao seu trabalho e era muito interessada nos problemas do magistério primário, no Rio de Janeiro. Quando, na organização da Universidade do Distrito Federal, se criou um curso de orientadores de educação. E abriu-se um concurso. E a chefe educacional dela, dona Celina Padilha, que era uma educadora de grande nome, mãe do Celmar Padilha e do Antar - muito boa, queria muito bem a Ondina, obrigou-a, quase, a fazer o concurso. Ela fez o concurso, e esse curso - porque ela foi aprovada - era orientado por Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Manuel Lourenço Filho, um outro grande mestre de educação, de administração escolar, de cujo o nome eu não me recordo e um grupo de professoras - era a melhor água possível. Eu me lembro daquelas que mais contato tiveram com Ondina. A Ofélia Boisson, a Ofélia Fontes, a Marina Corimbaba Guimarães, viúva do Fábio de Macedo Soares Guimarães. Depois eu vou encontrar o Fábio lá adiante; a Carmem Gil; a Juraci Silveira. Ela, outro dia, falou a respeito do Anísio. Exatamente ela foi escolhida. Esse grupo estudava loucamente. E minha mulher teve que comprar livros às bateladas. Os livros eram, por exemplo: Escola Nova, O Método Montessori, A experiência de Helena Antipov em Minas, Estatística ligada à educação, Educação para uma civilização em mudança... Livros muito modernos e minha mulher não tinha quase tempo. Eu, nas minhas folgas, a ajudava e comecei a me apaixonar pelo estudo. Então os livros que ela estudava eu também lia. Não estudava, lia. Mas me deram uma noção básica. Estudei muito Dewey, que vai me servir, depois, na Escola Superior de Guerra. Então pude ampliar os meus conhecimentos sobre pedagogia, sobre metodologia do ensino, através do estudo que ela fez. Ela foi das melhores alunas do curso. A parte mesmo de estatística. Eu conhecia estatística ligeiramente e a matemática é

fundamental em estatística, e a base dela em matemática não era sólida. De maneira que eu tive que ser um professor de estatística para ela. Eu pegava o livro de estatística do Fontenelle, aliás muito prático. Eu peguei a parte de higiene, a parte de biologia. Eu li.

A.C.- Então o senhor acompanhou isso de perto mesmo.

A.M. - De perto. Lendo, não de estudos. A não ser em estatística. Estatística, como interessava a ela e interessava a mim, na vida militar, aprofundi meu estudo em estatística. Então, os problemas de correlação, etc... e por aí afora, tudo isso eu já soube. Hoje não sei mais nada.

A.C. - Eu queria fazer uma observação. É um dado surpreendente este que o senhor traz sobre seu casamento. Eu acho que nós não ouvimos..

[FINAL DA FITA 10-A]

A.C. - ... esse é um fato muito raro, muito curioso.

A.M. - Vou fazer uma pausa para dizer uma coisa, que eu digo sempre, com todo coração: eu sou um homem que mereci de Deus as maiores graças possíveis que um homem pode ter. Entre elas a graça de ter tido duas mulheres na vida,- ambas - com qualidades excepcionais, ambas dedicadíssimas, ambas adaptadas ao período de vida em que foram minhas esposas.

Meu período de vida com a minha primeira mulher, com Ondina, foi um período de formação. Sempre tem hiatos, tem modificações, mas é um período de formação intelectual. É um período em que eu me firmo como oficial. Com a minha segunda mulher, é o período de luta. Então, ela é uma criatura que suportou embates brutais, na minha vida, com toda a firmeza e sem criar problemas. Pelo contrário, estimulando. Então, as minhas duas esposas ambas com características diferentes, eram dedicadíssimas a mim - e eu a elas - e perfeitamente adaptadas ao período de vida que eu estava vivendo. Então eu sou um homem feliz.

A minha primeira mulher foi uma grande educadora, até ficar doente do coração. Ela teve que parar. A minha segunda mulher foi uma mulher de luta, que já vinha de anteriormente, e vai, então, me ajudar a vencer uma fase dura da situação política brasileira.

A.C. - A luta dela vinha de antes?

A.M. - É uma mulher, por exemplo, que nos preparativos da Revolução de 64, dizia assim: "Vocês andem depressa, senão vocês são presos! Vocês têm que partir! Vocês não podem ficar esperando mais tempo!" Não é qualquer mulher que faz isso não. Não é qualquer mulher que eu digo para ela: "Eu vou partir, e você vá para casa de minha irmã em Teresópolis." E ela diz: " Não, eu fico". Ela não me disse, mas ficou aqui para poder ficar ajudando. É mulher de luta! Mas eu chego lá.

Então essa é a característica que quero dizer. Eu agradeço a Deus ter tido pais excelentes, duas mulheres que foram duas criaturas extraordinárias em minha vida. Ambas colaboradoras de uma maneira excepcional. Ambas de uma dedicação fora do comum e que permitiram que eu pudesse fazer o que eu fiz na minha vida. Era isto .

Respondi a sua pergunta. Então essa fase é uma fase de estudos.

L.H. - Deve ter sido uma fase muito estimulante, porque a sua primeira mulher se ligou ao que havia de mais avançado na época, que era a Universidade do Distrito Federal, não é?

A.M. - E, aí, vai-se dar depois, mais tarde, um fato engraçado. Através dela eu vim a conhecer o dom Hélder, o padre Hélder, do qual ficamos amigos até rompermos no Recife. O padre Hélder tinha um grupo de moças que trabalhavam com ele aqui no Rio. Moças de grande dedicação. Entre elas, e principalmente, a Virgínia Cortes de Lacerda, prima do Geraldo Cortes, que era professora de português, grande professora, e que era amiga de infância de Ondina. E aproximou Ondina de dom Hélder. Ao mesmo tempo, meu irmão mais velho, que era ligado ao Centro Dom Vital, e era, então, um intelectual...(Ele está com 85 anos e estuda até hoje. Acabou de ler um livro sobre Eça de Queirós e a sua época e leu outro dia dois ou três livros imensos sobre Wagner e sobre Mozart. Ele é música e literatura.) Ele também conhecia o padre Hélder.

Mais tarde padre Hélder vai dirigir o serviço de medidas e programas do antigo Departamento de Educação da Prefeitura, parece. E leva Ondina, que passa a ser auxiliar dele. Quando ele sai, indica Ondina para substituí-lo. Aí nos aproximamos. Ele era professor na Universidade Santa Úrsula, em Botafogo. Isso vai até 38,39, por aí, quadra dos 30. Eu era instrutor na Escola de Estado-Maior. Então, tomava meu bonde Praia Vermelha, e o padre Hélder também tomava o bonde. Então íamos muitas vezes conversando. E até no estribo do bonde. Ele sempre com uma pasta quase do tamanho dele, tão pesada quanto ele, que ele não pesava nada - não pesa até hoje... Aí se forma, então, uma amizade que só vai terminar no Recife. Em 1966. É só para atenderem como é que eu entrei na parte de ensino e comecei a me entusiasmar. Então até hoje me lembro de uma coisa... Essas definições são muito complicadas: "Educar é modificar o comportamento... com um sentido." Isso aí era aula do Lourenço Filho e é desenvolvido em quatro ou cinco aulas. Essa definição é interessantíssima, da teoria do behaviorismo. Mas isso é outra classe.

A.C. - O senhor se voltou para essas atividades dentro do Exército estimulado por essas leituras e ...

A.M. - Estimulado e porque, ao mesmo tempo, servia para a parte de instrução. Trazia, também, benefícios para a instrução no Exército. Porque nós temos inúmeros cursos. Inclusive, o padre Hélder, quando ele estava lá, eu conversei com ele sobre o sistema de ensino do Exército, porque ele achava que devia introduzir isso, inclusive na Igreja. Ele dizia: " Nós saímos do seminário e não estudamos mais. Os padres se tornam perfeitamente ignorantes." Isso foram palavras do padre Hélder em 1930 e qualquer coisa.

L.H. - A Igreja como corporação também devia...

A.M. - Então ele estava pensando em fazer um documento aos bispos, dando esse ponto de vista. Então conversou muito comigo a respeito.

A.C. - E no entanto, nessa época, Anísio Teixeira é acusado de comunista e tudo isso. O senhor não se sensibilizou por essas loucuras

A.M. - O Anísio Teixeira, eu não o conheci diretamente. Eu o conheci através de Ondina. Ela tinha admiração pela inteligência dele. Achava que ele tinha tendências, chamemos, esquerdistas. Nunca o julgou comunista. Ondina nunca o julgou. Mas achava-o de tendências socialistas. E eu creio que isto é uma coisa que é inegável. Através dos livros e das conferências dele, das notas... Eu perdi muito. Eu, hoje, da minha primeira mulher, tenho uns dois ou três trabalhos, que ainda agora encontrei. Não sei se vale a pena trazer. Se quiserem eu trago, se não fica lá em casa.

A.C. - Temos aqui o arquivo do Anísio Teixeira e do Lourenço Filho, conosco.

A.M. - Então pode juntar o arquivo de uma aluna dos dois. Principalmente de Lourenço Filho, que considerava a Ondina e a Ofélia Boisson as duas melhores alunas do curso. E a Juraci Silveira tinha uma mágoa brutal porque não era a primeira. Eu quero fazer justiça à minha primeira mulher. Era uma criatura que escrevia português muito bem e me obrigou a estudar português, porque eu não podia escrever mal... Era casado com uma professora que escrevia um português perfeito, e eu era o datilógrafo. Porque eu aprendi a escrever à máquina. Achei, no 1º. de artilharia, que um oficial precisa saber dirigir automóvel, escrever à máquina, nadar, montar a cavalo... Então aprendi a escrever à máquina. De maneira que eu escrevi. Hoje não faço mais, porque agora estou ficando muito... mas cheguei a escrever 45 palavras por minuto. Eu fui datilógrafo bom. Esses trabalhos de Ondina que vou trazer, vou trazer até da primeira vez, datilografados por mim.

A.C. - O senhor era um marido dedicadíssimo também e fala da dedicação dela.

A.M. - Eu vivia para a minha profissão e para a minha casa. Mas, então, nós estamos na Escola de Aperfeiçoamento e não chegamos lá ainda.

L.H. - Quantos anos era o curso da Escola de Aperfeiçoamento?

A.M. - Um ano.

L.H. - E a sua rotina lá, como era? Enquanto aluno?

A.M. - A rotina era... Por exemplo, fui nomeado instrutor de técnica de tiro. Bom, eu termino o curso. Terminei o curso e fui classificado em primeiro lugar. Então eu, o Lebrão, que foi um dos melhores classificados, o Moacir Lopes, e, mais, tarde, o Gabriel fomos convidados para permanecer na escola como instrutores. O que é normal - os melhores alunos permanecerem ou, após algum tempo, voltarem à escola como instrutores. E fiquei dois anos: 1935 e 1936. Eu era instrutor de técnica de tiro e desenvolvi... Junto com os companheiros, desenvolvemos uma coisa que, naquele tempo, tinha um grande valor, que era um curso de técnica de tiro brasileiro. Nós trabalhávamos, dávamos as aulas, as instruções e depois coletávamos apostilhas e fizemos um volume desta grossura, com a técnica de tiro daquela ocasião. Brasileira. Que não era mais a francesa. Era uma francesa simplificada. E já com algumas inovações no Brasil. Por exemplo: desenvolveu-se nessa época - não fui eu, não fomos nós, já vinha de trás um pouco - o que se chamava tiro a giz. Um Exército pobre como o brasileiro não pode estar gastando munição à farta no tiro. A

munição custa muito dinheiro. Ao mesmo tempo, a montagem do campo reduzido para os exercícios de tiro é muito cara. Então se fazia, no quadro-negro, o tiro a giz. Desenhava-se o perfil do terreno, o croqui, como chamávamos, naquele croqui arranjávamos o objetivo, aplicávamos uma técnica, botávamos o observatório e dávamos as observações que teriam sido as aproximadas se os comandos dados fossem reais. Por exemplo: deriva, que é direção, tanto; alcance, tanto; sítio, tanto – tanto sítio, fogo. Então dizíamos : o tiro caiu à direita tanto, ou o tiro foi curto, ou o tiro foi longo. Nós íamos simulando o tiro no quadro-negro com um giz, por isto é que se chamava tiro a giz. Para isso tínhamos que ter uma experiência, para fazermos coisas lógicas, para dar os resultados que correspondessem aos comandos que tivessem sido. Não eram perfeitos, porque só há uma coisa que não erra: é o canhão. E o Castro Jr. tinha uma frase: "Na artilharia só tem uma coisa difícil: o tiro é longo ou curto". O tiro a giz é uma inovação. E nós assim fizemos esse curso. E eu levei todo o ano de 35 e o de 36.

Fizemos a parte de topografia, fizemos uma porção de estudos. O Lebrão era um matemático excepcional. Ele era um homem do cálculo mental como não conheci nenhum. Ele pegava, por exemplo, um, carroção, no caso de uma diferencial, que são uns carroções enormes e parava e escrevia o resultado. Resolvia de cabeça. Todos. E não errava. Nós íamos fazer. E eu era ligeiro no cálculo, era bom na matemática e perdia dele às vezes, me enganava; ele não. O Lebrão era um camarada formidável. Que saudade que eu tenho desse meu amigo! Nove anos lado a lado! De uma lealdade! Uma coisa impressionante!

Esse grupo de amigos, a senhora não sabe... o Gabriel Fonseca, quando ele morreu, estive ao lado dele. Os Geisel. O Orlando morreu, eu fui lá. O Henrique... O Moraes... E o Moraes, comigo se deu um episódio dos mais dramáticos da minha vida. Em 64, eu querendo um bem ao Moraes louco, ele toma posição contra a revolução, por uma questão de lealdade a seu chefe. Perdeu as posições de comando. E nas primeiras listas de cassações de militares, eu fui chamado a opinar e opinei pela reforma dele. Uma das coisas mais duras eu tive que fazer na minha vida.

L.H. - Como era o nome todo dele?

A.M. - Antônio Henrique Almeida de Moraes. Era comandante da Artilharia de Costa em 64.

Eu tive que fazer isto com alguns, mas com Moraes foi doloroso. Este homem era tão digno, que, tempos depois... nós, tínhamos relações de família, inclusive com minha segunda mulher, com a família dele em Pernambuco... Uma vez a irmã dele disse: " Olha, o Antônio, outro dia fulano falou mal da revolução e ele defendeu. Tinha sido cassado. Ele disse: "Não senhor, não pode falar mal! O marechal Castelo é o presidente e é um homem digno! Eu conheço! Eu garanto que ele estava agindo corretamente! Eu fui cassado, mas isto não me impede de fazer justiça à revolução! Isto é dignidade. A minha vida tem uma porção de fatos assim.

Mas vamos voltar à Escola de Aperfeiçoamento. Nessa Escola de Aperfeiçoamento, volta, quando eu era instrutor, o Canrobert a ser meu chefe. Nós mantínhamos contato cerrado com o Grupo-Escola. Já o Álcio era o comandante do Grupo-Escola. Então passei a ter novamente contato cerrado com esses dois chefes que foram grandes mestres que eu tive. O Canrobert vai ser instrutor-chefe de artilharia no lugar do Lima Câmara, que tinha saído, e o Pantaleão passou o comando e o Álcio assumiu.

O Moraes e o Ernesto eram tenentes e depois capitães. Nós tínhamos sido promovidos a capitães em 34. Nós tínhamos, então, contato permanente. E mais, no ano seguinte o Henrique -já era instrutor conosco -, o Orlando vai ser meu aluno. E eu quero apenas dizer o seguinte: O Orlando foi um dos homens mais inteligentes que eu já conheci. Ele não era aplicado como o Ernesto. Ele era estudioso, mas o Ernesto mais aplicado do que ele. O Ernesto, maior cultura. O Ernesto era um homem que devorava livros. O Ernesto e o Golberi são dois homens de leitura dinâmica excepcional. O Ernesto tem um defeito - agora melhorou - de visão, que ele lê assim, meio enviesado. Ele é um homem de pegar nesta página e fazer assim. (Lê com a maior rapidez). Quando acaba, não escapou uma vírgula, discute aquilo. Uma rapidez de leitura brutal. O Golberi é outro. Mas o Ernesto talvez seja mais rápido. Mas, voltando ao Orlando, que tinha se atrasado para vir para a escola, foi meu aluno e eu caçoava muito com ele, tinha intimidade: "Oh, alemão, eu vou te dar grau baixo". O menor grau que eu dei para ele foi nove. O dia em que eu dei nove, virei para ele e disse: "Orlando, você caiu n'água". Só pude dar nove, porque ele só tirava dez e 9,5.

A.C. - Quer dizer ele foi primeiro aluno da turma?

A.M. - O Orlando foi o primeiro na Escola Militar, o primeiro no Aperfeiçoamento e primeiro em Estado-Maior, junto com o irmão. Ele saiu primeiro, e o Ernesto saiu segundo. Quando eles entraram juntos, eu disse: "Vocês estão dando uma prova de burrice louca! Porque em qualquer outra situação, eles sairiam em primeiro. Mas quando entraram os dois juntos, um é primeiro, o outro é segundo! Não tem dúvida. Não dá para serem os dois primeiros! Então saiu o Orlando, e logo em seguida o Ernesto. Excepcionais. Mas o Orlando era uma inteligência! E depois, uma voz pausada... A mulher dele, a Alzira, dizia: "Muricy, você não acha a voz dele linda?" "A voz, porque a figura dele é feia!" Eu respondia. Ela ria muito. Uma criatura formidável também.

L.H. - O senhor acha que ele era tão inteligente quanto o Ernesto, apenas menos aplicado?

A.C. - Não, ele insinuou que era mais.

A.M. - Mais inteligente do que o Ernesto. Menos aplicado. Mas de uma firmeza! Ele, como ministro do Exército, não foi brincado. Ele botou no lugar o nosso grande amigo, que nós queríamos muito bem, o Augusto César de Castro Muniz de Aragão. O Rodrigo Otávio Jordão Ramos e outros. Segurou firme! Quem é que brincava com o Orlando!? Só havia uma pessoa capaz de dizer ao Orlando umas tantas coisas. Era eu. Porque era uma amizade fraternal, nós nos queríamos como irmãos. Então, quando havia problemas muito graves, vinham a mim e diziam: "Muricy, vai falar com o Orlando... e não sei o quê." Se era um assunto que merecia, eu ia falar. Eu era quase a única pessoa que fazia o Orlando mudar, às vezes, de idéia. Também ele me fazia mudar, porque ele me dava uns abacaxis... Dizia: "Agüenta, Muricy. Eu preciso que você agüente isso." E eu: "Mas, Orlando..." E ele: "Você vai fazer! Vai fazer e tem paciência, porque você precisa me ajudar." Eu ia ajudar.

L.H. - Uma mão lava a outra, não é?

A.M. - Não, mas é que estava por cima de mim... [risos]

L.H. - General, os acontecimentos de novembro de 35 pagam o senhor na escola.

A.M. - Agora que vou chegar na escola. Nós, naturalmente, estávamos sentindo o problema do comunismo crescer. Os integralistas menos; mas os comunistas trabalhando, trabalhando, trabalhando. Já nós sentíamos que havia possibilidade de um movimento. Havia prontidão na tropa; nós não tínhamos porque éramos da Escola de Aperfeiçoamento, éramos instrutores, então não havia nenhum trabalho. Mas na tropa havia prontidão. E de vez em quando havia... "Olha, parece que o movimento é hoje." Então todo mundo ficava lá pronto para esperar. Mas não vinha hoje... Porque chegou um momento em que se sentia. Houve a prisão de vários oficiais lá, no 3º. RI, onde estava o Carioquina, onde estava o... Tourinho, tenente, capitão em 35, e outros lá. Na Escola de Aviação, naquele tempo meu irmão não estava mais, porque ele estava fazendo um curso nos Estados Unidos, mas eu tinha contato muito grande.

Como eu era instrutor da Escola de Aperfeiçoamento, de artilharia, tive de preparar um exercício de tiro. Já contei isso mas vou repetir agora mais sistematicamente. De tiro de observação aérea. E o encarregado deste assunto, lá na Escola de Aviação, era o Agliberto Vieira de Azevedo, que era capitão-aviador. Tivemos que preparar esse exercício. Não me custava, eu pegava o cavalo e ia até o campo dos Afonsos, trabalhávamos lá, lado a lado, montando o exercício. E assim nós estivemos até a tarde do dia 26 de novembro de 35. E eu estou em minha casa - não tinha prontidão - quando, às três horas da manhã, mais ou menos, recebi um telefonema de um amigo meu que disse: "Olha, rebentou a revolução comunista lá no Campo dos Afonsos." Eu disse: "Eu vou já para a vila."

Fardei-me, tomei o bonde, fui para a estação da Central, quando cheguei lá, não havia trem. Não havia trem, o quartel-general... Eu fui e me dirigi ao Estado-Maior do Exército. O chefe do Estado-Maior do Exército era já o Pantaleão Pessoa. Assim que ele me viu, ele disse: "Olha, Muricy, você vai ficar trabalhando aqui." E me botou trabalhando no Estado-Maior. E fiquei o dia inteiro no Estado-Maior do Exército, fazendo o trabalho de ligação, de informação, e ajudando no que era possível. De maneira que não tive uma atuação. Acompanhei, entretanto, através das notícias que lá chegavam.

Chegou primeiro a notícia da rendição da Escola Militar, quer dizer, da Escola de Aeronáutica, depois veio a notícia da rendição do 3º. RI. Eu vi a chegada dos prisioneiros. Soube da morte do Pinheiro, que estava com o Dutra, lá no ataque ao 3º. RI. Soube da atuação do Eduardo Gomes, que tinha levado um tiro na mão, quando eles quiseram assaltar o 1º. Grupo de Aviação. Soube da atuação da Ivã e da atuação de Sócrates. Tinha sido meu sargento de artilharia. Esse era um homem que tinha que ser... tinha maus bofes, o Sócrates. Ele foi meu sargento, depois foi fazer o curso da Escola Militar e foi para a Aeronáutica. Esse homem tinha prazer sádico de pegar um gato a vazar os olhos. Para ver a reação.

Aí se dá, então, um fenômeno que eu caracterizo como a transformação de atitude, quando passa a haver a luta ideológica da luta política. Enquanto que em 30 e em 32 nós procuramos a confraternização, procuramos ver nossos amigos do outro lado, como estavam, procurando ajudá-los - nos unimos, como eu disse, mandamos muito dinheiro para o exterior, para ajudar os companheiros lá fora-; eu vejo chegar o Agliberto escoltado. Eu estou no pátio do quartel-general. Ele passa por mim e me lança um olhar de ódio, que eu até hoje não esqueço. Eu não tinha feito nada a ele. Apenas era um homem contra a revolução comunista, e ele era um homem preso por ter tido ação no levante comunista. De

maneira que isso me calou profundamente. Eu não tive atuação nenhuma em 35. A não ser acompanhar os fatos e ajudar os companheiros. Porque não pude seguir para Vila Militar. Se tivesse seguido, eu teria ido, naturalmente, trabalhar com o Grupo-Escola, onde estava o Dimas Siqueira de Meneses, que era meu amigo, onde estava o Ernesto, onde estava o Adauto Esmeraldo, onde estava um outro, outros companheiros meus, o Terra. Tinha uma porção de amigos, eu iria combater do lado deles. Mas eu não pude seguir para a Vila.

A.C. - É curioso que o senhor, estando no Estado-Maior, está nos relatando fatos, mensagens, que o senhor recebeu, acontecimentos que iam ocorrendo. O Estado-Maior não tinha uma atitude mais ativa? No sentido de emitir ordens?

A.M. - O Estado-Maior não é um órgão executivo. É um órgão de assessoramento. É um órgão de acompanhamento e de análises. É um órgão que não tem ação direta sobre a tropa. O comandante da tropa, no Exército, é o ministro.

Se não me engano era o João Gomes. João Gomes Ribeiro. Também foi para lá. O comandante da região - naquele tempo não havia Exército, era região - não me lembro mais quem era. E assim cada comando.

L.H. - Não era o Dutra; o comandante da região?

A.M. - Era o Dutra comandante da região, e o João Gomes era ministro. E o Eduardo comandava o 1º. Grupo de Aviação. Quem comandava a Escola de Aviação era o Ivo Borges, que depois me contou. Porque depois eu vim a saber, porque me dava com o Ivo Borges, que era muito amigo do meu irmão e meu amigo. Eu me dava com o Eduardo também. Eu me dava com uma porção de companheiros que me contaram os fatos.

Então tive informações através de... Por exemplo, sobre a atuação do João Gomes. Um dos ajudantes-de-ordens dele tinha sido um dos grandes amigos meus, o Custódio Expolidoro dos Santos. Ele me contou uma porção de fatos. Quer dizer, eu tive conhecimento por outros oficiais. Eu não tive ação.

L.H. - Quer dizer que o órgão executivo mesmo é o ministério? O Estado-Maior apenas recebe as informações, analisa...

A.M. - É. O Estado-Maior recebe, prepara, ordens, redige...

[FINAL DA FITA 10-B]

A.M. - ... faz estudos, faz diretrizes, faz programas, mas quem decide é o ministro. O Chefe do Estado-Maior é, principalmente, um homem que trabalha para o ministro.

A.C. - Um trabalho mais intelectual, de definição... análise.

A.M. - É o trabalho básico do Exército, feito no Estado-Maior do Exército. E nas regiões são os estados-maiores que trabalham. Cada comando tem um grupo de assessoramento imediato, que é um estado-maior. Nos comandos de general chama-se Estado-Maior. Nos comandos de coronel para baixo tem outro nome.

L.H. - Mas é sempre a reprodução do mesmo esquema ?

A.M. - Do mesmo esquema. Ninguém trabalha sozinho. Ninguém trabalha sozinho.

L.H. - Agora, o senhor nos disse que, por ter contato com pessoas etc, o senhor teve relatos dos acontecimentos. Porque sempre se fala muito nos acontecimentos do 3º. RI, mas, de outro lado, se diz que os acontecimentos na Escola de Aviação foram mais violentos, de uma certa forma. Quer dizer, o senhor, pelos relatos que teve, como é que ficou sabendo disso?

A.M. - Pelos relatos que tive. Eu tive dos companheiros do Grupo-Escola; eu tive do Ivo Borges, que era o comandante da escola; tive do Eduardo, que eu fui visitá-lo. E ele era muito amigo do meu irmão e também se dava comigo. Menos, mas se dava comigo. E mais ainda, porque havia vários cadetes que tomaram parte lá e então puderam...

De uma maneira geral, a revolta começou dentro da Escola de Aviação. E o mentor maior foi o Ivã, aquele que , no Colégio Militar, foi aluno daquele professor que não me recordo do nome, que comunizou...

L.H. - Ivã de quê? O senhor se lembra do sobrenome dele? Talvez Ivã Ribeiro.

A.M. - Talvez.

L.H. - Quer dizer ele já tinha esse precedente desde a escola.

A.M. - Ribeiro. É o Agliberto. E os irmãos dele também. Um foi meu aluno e outro não sei que fim levou.

A.C. - O senhor disse que esteve com o Ivã, logo depois dos acontecimentos?

A.M. - Não, eu, depois dos acontecimentos, estive com Ivo Borges; e com o Eduardo Gomes; estive com os companheiros do Grupo-Escola. Justamente quem estava comandando era um major - naquele tempo, Dimas Siqueira Meneses -, que já tinha encontrado em Curitiba e vou encontrar de novo em Curitiba.

A.C. - Eu me confundi, Quando o senhor contou a história do Agliberto passando e o olhar de ódio, o Ivã não estava com ele?

A.M. - Não, só estava o Agliberto.

L.H. - Quer dizer, o Ivã chefiou, com o Agliberto e os irmãos, o levante na Escola de Aviação?

A.M. - Exato. O Ivo Borges me conta, por exemplo, o seguinte: ele, dentro da prontidão, se levantou e saiu, como sempre faz. A gente corre o quartel de noite. Ele e mais um outro

oficial. Fazendo uma espécie de ronda. Não é uma ronda normal, é uma ronda especial. E, de repente, começou um tiroteio. Ele procurou voltar para o quartel, e começaram a atirar em cima dele. Então ele passou por baixo da cerca e se dirigiu para o Grupo-Escola, que ficava do outro lado do Campo dos Afonsos, e não conseguiu, porque continuou o tiroteio. E a Escola de Aviação foi dominada. Mataram vários oficiais. Os revoltosos, os comunistas, dominaram e resolveram atacar o 1º. Grupo de Aviação, que estava comandado pelo Eduardo. O Eduardo ouviu os tiros e os oficiais também, então organizaram a defesa. E quando os comunistas atacaram, foram rechaçados.

Ao mesmo tempo, os comunistas procuraram - aí já era dia claro - levantar vôo com certo número de aviões. Começaram a tirar os aviões dos hangares. E o Grupo-Escola - os oficiais de lá e a Vila Militar -, imediatamente cercou o campo de aviação. A tropa da Vila Militar cercou o campo de aviação. E a Escola Militar cercou o caminho dos Afonsos, que seguem para Realengo. Quer dizer, eles ficaram cercados, não puderam fugir. E aí começou o aperto. Mas o Grupo-Escola começou a atirar em cima dos hangares e eles não puderam levantar vôo. Porque uma das idéias era levantar vôo, com os aviões, para causar o pânico e bombardeio. Isto eles não conseguiram, graças à ação do Grupo-Escola e à pressão...

L.H. - E ao cerco.

A.M. - Isto é o que eu sei, em síntese, do movimento nos Afonsos. É o que eu posso dizer.

L.H. - É, porque se relata muito o problema ocorrido no 3º. RI, que foi mais espetacular e tal. E essa coisa do Campo dos Afonsos fica um pouco...

A.M. - Exato. Lá também tudo correu... lá foi uma ação muito enérgica. Principalmente do Eduardo, que resistiu sem reforço, com um pequeno grupo; e das tropas da Vila, que conseguiram cercar.

Ia haver um levante, na mesma ocasião, dentro do 1º. Batalhão de Engenharia, na Vila Militar. Foi sufocado, esse levante. Estava programado um levante num dos regimentos de infantaria - não sei qual deles - também foi dominado, foi alertado a tempo. Com isso, ficou isolada, porque a Escola de Aviação estava ligada a essas duas ou três unidades da Vila. Aí a coisa teria sido muito maior.

L.H. - De certa forma, então, não houve comunicação entre a Escola de Aviação e o 3º. RI?

A.M. - Não. Havia... "Vamos levantar..." Mas não houve. O governo imediatamente isolou os dois focos. Cercou um lado e cercou o outro, e, com isso, eles não puderam se comunicar. Naquele tempo o rádio era muito mais difícil do que hoje. Hoje tem o Walkie-talkie, tem uma porção de coisas que vieram com a Segunda Guerra. Naquele tempo não havia nada disso. Eu, de 35, pouco posso dizer, pessoalmente. Depois li muito. Mas pessoalmente é isto.

L.H. - Agora, o senhor nos contou que ficou muito impressionado com essa posição do Agliberto, com relação ao senhor, o ódio que viu, etc. E durante o correr de seu depoimento, o senhor tem falado muito - e de certa forma até com muito carinho, com

muito respeito - da figura do Agildo Barata. O senhor nos disse que ele era um oficial muito valente, um oficial muito valoroso. O senhor teve contato com ele depois da...

A.M. - Não. Nunca mais. Do Agildo eu guardo a impressão de escola, a impressão de tenentes, juntos, na Vila, e do homem que veio do Norte com os revoltosos e que se encontrou... E mais: quando nós estávamos presos no CPOR, e ele estava preso não sei onde, ele esteve lá para fazer levante. Mas nós ainda não sabíamos. Então eu me lembro do Carioquinha desses episódios. Nunca tive contato. E não sei... Parece até que ele escreveu um livro modificando a atitude. Ele era um homem de capacidade intelectual e de ação. Isto é o que eu me lembro dele. Não tive nunca maior...

O contato nosso foi no começo da vida militar. Depois nunca mais. Ao contrário dos outros companheiros, porque ele era companheiro do Juraci, companheiro do Mamede, companheiro do João Costa, do Landri. Com estes eu tive contato o resto da vida, até hoje.

L.H. - Mas esses, de certa forma, percorreram um caminho mais ou menos parecido com o seu.

A.M. - Exatamente.

L.H. - O Agildo é que, no fundo, desviou-se desse grupo. Eu queria perguntar se o senhor teve conhecimento, nesse período, das mudanças no Ministério da Guerra. Porque o senhor nos relatou algumas coisas muito interessantes a respeito do Leite de Castro e a passagem para o Espírito Santo Cardoso. O senhor teve conhecimento das outras mudanças? A passagem para o Góis Monteiro, depois para o João Gomes, até chegar mais ou menos no período em que nós estamos? Os motivos das mudanças, do processo, não?

A.M. - Muito pouco. Nós vivíamos inteiramente voltados, no CPOR, para o trabalho; na Escola de Aperfeiçoamento, para o trabalho; e, depois, mais tarde, na Escola de Estado-Maior, para o trabalho. E o estudo absorve completamente. Passo um pedaço da minha vida em que eu vou estudar. Naturalmente que não é só estudar. Mas o grosso da minha vida é o estudo. Então perco um pouco o contato. Sei dos fatos quase que a posteriori. Não posso dar informações sobre...

L.H. - Esse período que o senhor passou na Escola de Aperfeiçoamento, o senhor nos disse que o Canrobert voltou para ser instrutor-chefe. Mas quem é que comandava a escola nesse período?

A.M. - Na escola teve vários comandos, mas entre esses comandos quero ressaltar um, que era o do Coronel de cavalaria Mário Xavier. O Mário Xavier era um homem de grande valor. Tinha sido instrutor de cavalaria na Escola Militar. Era um homem respeitado, um homem sério e, principalmente, um homem de grande caráter. Nós o apreciávamos muito. E aí aparece uma anedota. Não sei se ela é verdadeira, mas que é engraçada, é. Dizem que no tempo em que ele era instrutor, na Escola Militar, comandante do esquadrão, ele, numa determinada ocasião, disse aos cadetes: "Um oficial de cavalaria precisa ter cara de tigre! Precisa ser bravo! Precisa ser um homem de energia! Meus senhores, cara de tigre!" Todo mundo fechou a cara. Ele disse: " Mais tigre!" [risos] Conta-se esta história. Ela é engraçada. Não sei se é verdade, mas que é engraçada, é.

L.H. - A Escola de Aperfeiçoamento tinha, então, todas as armas?

A.M. - Todas as armas. E tinha uns instrutores muito bons... Aí tive contato com outros oficiais. O Segadas Viana, que era major, outro instrutor. Com o Matos...; com o Lira, que foi instrutor na escola, dirigia na parte de engenharia. Depois saiu, foi para o sul. Ele era casado com uma gaúcha, de Cachoeira.

A.C. - Ele é de engenharia?

A.M. - De engenharia. De maneira que era um ambiente muito agradável, de camaradagem. Mas não recorro mais assim especificamente. Se falar o nome, vêm todos os nomes.

L.H. - Então a escola tinha um comandante geral e cada arma tinha um subcomandante?

A.M. - Um chefe de curso ou um comandante e os instrutores. E na escola tinha uma parte central, que era a parte relativa à tática geral, que era centralizada na escola.

L.H. - Juntavam todas as armas?

A.M. - Exatamente. É onde estava o Segadas, onde estava o Matos. O Matos, depois, foi trabalhar comigo, na Escola de Estado-Maior. Então aí já entra o Segadas, que, mais tarde, vai ser ministro da Guerra. Você vê : a vida militar é cheia de encontros e reencontros.

E, agora, vou só falar dos períodos mais violentos da minha vida de estudante, que foi a parte do concurso para a Escola de Estado-Maior.

A.C. - É uma loucura, porque não é só o curso, é o concurso, não é?

A.M. - Não, mas, no meu caso, a nossa turma foi uma turma que serviu de cobaia. Durante o tempo da Missão Francesa, a passagem da Escola de Aperfeiçoamento para a Escola de Estado-Maior era automática para aqueles que tinham uma menção "muito bem", isto é, grau maior do que oito. E mais ainda: inicialmente "bem" e depois "muito bem". Depois, começou-se a cortar o "bem" e fazer-se o concurso para aqueles que não tinham tido o "muito bem". Então desejávamos ir para a Escola de Estado-Maior. Todo oficial que se preza quer se preparar, pelo menos para subir na carreira. E no ano de 35 requeremos matrícula direta. Eu tinha tido "muito bem"; outros companheiros tinham tido "bem" e "bem gordo", vamos dizer assim - acima de sete, de média. Então requeremos. O Estado-Maior, que já estava querendo mudar a forma de seleção para a escola, para obrigar ao concurso, respondeu o seguinte: " Indeferido. Ficam, entretanto, dispensados das provas eliminatórias, devendo fazer as provas de classificação". Eu explico o que é isso. O Estado-Maior, estudando o problema do ingresso na escola, achou que devia selecionar ao máximo os oficiais: inicialmente, pelo que eles eram como militares; segundo, como eles eram como homens de cultura geral e militar. Então, fez provas eliminatórias e provas de classificação. Caiu logo em seguida, porque era uma barbaridade.

A.C. - Uma barbaridade... duas provas!

A.M. - Espera aí... Uma era feita, se não me engano, em outubro. No fim do ano. E a de classificação era feita em fevereiro. Ou é novembro e fevereiro, uma coisa assim. As provas eliminatórias eram matéria exclusivamente militar. Não tomei nota. Mais ou menos, dando de memória: regulamentos militares, tática de arma, equitação, educação física, história militar do Brasil e da América, história geral do Brasil e da América e geografia do Brasil e da América. Então consideramos que isto aqui já não tínhamos mais que estudar. E começamos a nos preparar - durante o período em que éramos instrutores, sem interromper a atividade - para fazer as provas de classificação. As provas de classificação, quando fiz o concurso, eram mais ou menos as seguintes: economia política, problemas brasileiros que interessavam à formação militar, história militar geral, geografia geral, tática geral, francês e espanhol ou inglês. E tinha mais alguma coisa que não recordo. Começamos, então, a estudar. E aí não havia mais tempo. Então, preparávamos o nosso trabalho na Escola de Aperfeiçoamento, como instrutores; e no bonde, no trem, e de noite, líamos as outras matérias. E nos intervalos, como éramos cinco a fazer o concurso, discutíamos, para poder aumentar os conhecimentos.

Pois bem, quando chegou o ano de 36, requeremos fazer as provas de classificação. E a resposta do Estado-Maior foi: "Declarem se desejam fazer também as provas eliminatórias. Do contrário serão indeferidos os requerimentos". Quer dizer; tínhamos que fazer as duas provas. Então resolvemos fazer. E aí ficou uma vida que, quando não se estava dormindo, comendo ou fazendo o trabalho da escola, se estava estudando para a Escola de Estado-Maior. Uma coisa louca!

Felizmente, quando se deu a primeira parte das provas, ficamos à disposição do Estado-Maior. Ficamos, então, dois meses e meio desligados de tudo, só... E aí era uma média de 11 a 12 horas de estudo por dia. Nós nos reuníamos - fizemos um grupo - de sete ao meio-dia, de duas às seis da tarde e de noite ainda tínhamos alguma coisa.

A.C. - Quem eram os seus companheiros de infortúnio?

A.M. - Então fizemos concurso só 19. Destes 19, só 12 passaram. Além disso, quando entramos para a escola, ainda incorporamos alguns que tinham sido chamados por outros regulamentos, então adquiriram direitos e tudo isso. O fato é que ficamos com uma turma de 17 alunos.

Os que estudavam comigo mesmo eram: o Gabriel, o Lebrão e o Floriano Machado. Os outros não estudavam comigo, mas sofriam o meio. Era o Lira, que vai fazer o concurso conosco também; era o Fialho, de engenharia; eram dois ex-alunos, o Levi, que foi da Petrobrás, Artur Levi, e o Hugo de Matos Moura; O Martinho Candido dos Santos, da aviação; um tenente-coronel, que era o João Carlos Barreto, um homem inteligentíssimo, foi diretor do Conselho Nacional do Petróleo muito tempo e era muito chegado à família Vargas, muito amigo da família Vargas. Além disso, os outros entraram... Se não me engano o Seroa também fez o concurso. Os outros foram aproveitados depois. Mas esses eram os companheiros.

A.C. - E os seus companheiros de estudo entraram todos?

A.M. - Nós fomos au grand complet. Eu, nisso aí, tive sorte: fui o primeiro do concurso. Eu que tenho uma resistência física grande, ainda me recordo de que nas últimas provas me sentei na cama, de noite, acordei, e minha mulher disse: "Que que é, o que é,?" Eu acordei e

disse: "Se eles não tomarem cuidado, eu saio bem amanhã". Virei para o lado e dormi. Ela é que me contou...

L.H. - Houve classificação para a entrada na escola?

A.M. - Houve.

L.H. - Qual foi a sua?

A.M. - Primeira. "Concurso de admissão. Prova eliminatória a que se submeteu para efeito... Obteve nessas provas o grau 6.630. Foi público ter sido o concurso de admissão à Escola de Estado-Maior classificado em primeiro lugar, com grau 529."¹ É a soma dos pontos.

A.C. - Que é 6.630?

A.M. - Não, é 6.630. É a soma dos pontos.

A.C. - Diga-me uma coisa, general, a sua experiência como instrutor da escola, na ESAO, na EAO no caso, num certo sentido, lhe ajudou? O que o senhor ensinava, exatamente, como instrutor?

A.M. - Eu ensinava técnicas de tiro, mas também trabalhava nas outras instruções: auxiliávamos a parte de topografia, de comunicações, de tática, que era com o Olindo Denis - que já tinha sido nosso instrutor e continuava como companheiro lá. Depois o Seide, que já morreu.

A.C. - Mas esse aspecto assim, mais intelectual, do exame da ECEM, da Escola de Estado-Maior, este não tinha cobertura nas suas atividades anteriores?

A.M. - Não. Tudo que era para a Escola de Estado-Maior era à parte, porque a Escola de Aperfeiçoamento é uma coisa específica da arma; enquanto que para Estado-Maior é geral para o Exército.

A.C. - E tem essa parte de humanidades, que o senhor, provavelmente não via dessa maneira...

A.M. - Eu já vinha lendo, porque desde o começo eu vinha estudando. A Brasileira eu li toda, então me empolguei pelos estudos. A história do Brasil, a parte de sociologia do Brasil.

A.C. - Problemas brasileiros era mais no curso, não é?

A.M. - Não, isso é do concurso de entrada.

¹ O entrevistado lê trecho entre aspas.

A.C. - O que era isso?

A.M. - Isso é o seguinte: naquele tempo não havia siderurgia. Então, a questão que caiu foi: "Como encara o problema siderúrgico do Brasil"? "Qual é a posição que deve permanecer a usina?" Era um problema que se discutia muito, o de localização. Se seria no minério, se seria no porto, se seria junto aos meios consumidores. Perto do carvão, ou perto do minério, aquele problema sério.

A.C. - No fundo, sem saber também, o senhor estava sendo cobaia, talvez, para um encaminhamento da questão, mesmo.

A.M. - Não... Outra coisa que eles perguntavam, por exemplo, era o problema de energia. Naquele tempo se pensava no problema de energia elétrica. Era o problema da lenha, era o problema da energia elétrica. O problema dos transportes: como é que eu via, do ponto de vista militar, a necessidade do desenvolvimento do transporte em relação ao Sul do Brasil, que era considerada a zona estrategicamente perigosa do Brasil, dado a proximidade com a Argentina. O Rio Grande do Sul era mais ou menos uma península, e uma península muito difícil: só tinha uma estrada de ferro! São Paulo–Rio Grande. Era a necessidade de duplicar a estrada, donde saiu o tronco principal sul. Não havia estrada de rodagem, não se ia mesmo para o Rio Grande do Sul em estrada de rodagem. Hoje o Brasil é outro!

Então, esses problemas de transportes; o problema do Nordeste, completamente isolado do resto do Brasil. O Brasil era verdadeiramente um arquipélago. Então esses problemas...

A.C. - Então, os grandes temas políticos do momento.

A.M. - Exatamente. Problemas de estrutura que interessavam ao problema militar. O problema inclusive de industrialização. Por causa da mobilização do Exército, a mobilização que deveria interessar. Estes eram os temas que tínhamos que estudar. Sem ter onde ir buscar.

A.C. - Isso que ia lhe perguntar. Onde o senhor lia essas coisas?

A.M. - Eu lia onde podia. Às vezes havia deputados que faziam manifestações no Congresso, a gente pegava o discurso. Eu, depois da Revolução de 30, vim a conhecer Edmundo de Macedo Soares e Silva, que foi o homem de Volta Redonda. Então íamos conversar com Edmundo sobre os problemas da siderurgia. Eu já tinha acompanhado o problema da siderurgia com o Laboriau e tinha outros elementos que eu tinha lido. E quando conseguíamos um livro passávamos de um para o outro.

L.H. - Era quase um garimpo.

A.M. - É, para juntar. Um lia uma coisa, fornecia para o outro, porque havia, principalmente, a cooperação completa entre o grupo. Ninguém escondia nada de ninguém. Cada um procurava cooperar. E a minha documentação, mais tarde, serviu para o Ívano Gomes, serviu para outros companheiros que me pediram emprestado.

Já ouviu falar no Ívano Gomes? Eu o conheci no 1º. de artilharia. Ele foi capitão, comandante da 6º. bateria.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

A.M. - Mas o Ívano, eu o conheci lá no 1º. de artilharia. Eu era tenente, ele era capitão, comandante da 6º. bateria e ele era um excelente capitão. Ia tudo muito bem até o momento em que, no preparativo para uma manobra, ele precisou de um certo material. Foi pedir ao comandante. O comandante era o Apolônio. O que não estava escrito ele não fazia. Então tiveram uma discussão muito grande, ele se exaltou, e o comandante, que era o Apôlonio, prendeu o Ívano. O Ívano se queixou do Apolônio. Foi confirmada a punição do Ívano. Então ele se queixou, recorreu à brigada. A brigada confirmou a prisão, ele reclamou do Comandante da brigada, reclamou do comandante da região e parou no ministro. Daí adiante ele não pôde mais. Então ele se queixou, de toda escala hierárquica, contra a punição que tinha tido. Era um homem muito firme. Mais tarde vou encontrar de novo o Ívano na Escola de Estado-Maior. Faço o Estado-Maior num ano; ele faz no ano seguinte. Então, embora não tendo trabalhado junto, nós tínhamos contato sempre porque são três anos na Escola, e eu estava sempre um ano na frente dele. Nós tínhamos contato. Mais tarde vou para o Paraná, encontro o Ívano na tropa. Então era o Ívano, com o Ademar de Queiroz comandante de grupo, e eu comandante...

[FINAL DA FITA 11-A]

A.M. - ... e eu comandante de bateria. E, finalmente, vou encontrar o Ívano... finalmente não, no Rio Grande do Sul: eu comandando o grupo de Cachoeira; o Ívano comandando o 6º. em Cruz Alta, e o Júlio Teles comandando o 5º.. E aí se dá a briga dele com o Etchegoyen. Depois, mais tarde, vou encontrar o Ívano no dia 11 de novembro, no QG da Artilharia de Costa, quando tomei posição contra o general Lott. E finalmente venho encontrar o Ívano nas confabulações - aí já na fase política de 64. Estes são os meus contatos com o Ívano Gomes. O Ívano tem muita personalidade, era um homem difícil. Muito opiniático, mas era um homem sério.

A.M. - Aí começa o curso propriamente. O curso de Estado-Maior, a turma, como eu disse, ficou muito pequena, 17 oficiais. Nós tínhamos como comandante o então general Milton de Freitas Almeida, que, mais tarde, vai ser general, chefe do Estado-Maior do Exército.

L.H. - O curso da escola era onde?

A.M. - Era no Andaraí. Na rua Barão de Mesquita, onde hoje o Batalhão de Polícia do Exército. Lá, nós encontramos um grupo selecionado, naturalmente, de oficiais-instrutores, o que havia de melhor no exército. E assessorados por franceses, havia o chefe da instrução, o coronel João Batista de Magalhães, um dos homens que mais influência tiveram na preparação intelectual de oficiais de Estado-Maior, no Brasil. Era o chefe de ensino, o chamado instrutor-chefe.

Aí é que venho a conhecer de perto o general Castelo, que eu tinha conhecido rapidamente no Paraná. Numa das minhas idas em férias ao Paraná, eu o encontrei. Ele servia no Paraná

e estava morando na Pensão Demarrets, onde moravam vários militares. Eu conheci o Castelo, a dona Argentina, o Paulo, a Nieta. E agora ele vai ter um contato mais tarde, comigo na Escola de Estado-Maior. Nesse momento ele estava voltando do curso da Escola Superior de Guerra de Paris. Ele, o Lott e outros oficiais estiveram lá, fazendo o curso.

L.H. - Ele veio para ser instrutor na escola?

A.M. - É. Foi instrutor na escola, um instrutor excepcional, excepcional. Tem um trabalho que ele fez sobre a estratégia de Caxias, na Dezenbrada, que é um trabalho magistral. Onde ele demonstra que Caxias é do mesmo quilate que os grandes capitães do mundo. Um trabalho primoroso que o Castelo faz. Era um homem de idéias originais. Era um homem que gostava de inovar. Não tinha medo de inovar. Ele conquistou, imediatamente, a confiança dos alunos. Eu só o encontrei... Ele só foi meu instrutor no terceiro ano. Nos dois primeiros anos ele não estava. Eram três anos o curso.

O curso, no tempo que eu fiz, o primeiro ano se compunha de duas partes. A primeira parte, que era tática das pequenas unidades, era a tática de infantaria, de artilharia, de cavalaria, de engenharia. Aviação estava começando.

Aí vem um parênteses. Quando fizemos o concurso, a prova que nos deram, de tática geral, era um problema tão difícil, que quando nós estávamos no terceiro ano, eles aproveitaram o tema para desenvolver um trabalho de transmissões. E aí é que fomos ver que barbaridade tinham pedido para nós no concurso! Uma coisa que era para ser de fim de ano. Fim de curso. Uma prova violentíssima. Foi aí que reprovou muita gente. Os sete reprovados, quase todos caíram na prova de tática geral.

Então, como eu ia dizendo, estudava-se isso. Depois, no segundo período do primeiro ano, faziam-se estágios nas unidades-escola. Então fizemos estágio na Unidade-Escola de Infantaria, na Unidade-Escola de Cavalaria, na Unidade-Escola de Artilharia, na Escola de Aviação. Com isto se terminava o primeiro ano.

No segundo ano já se fazia, então, o trabalho propriamente de Estado-Maior. Já se começava a estudar o escalão de divisão. E o trabalho, principalmente, de formação dos chefes. Não se dava muita importância... os franceses não esmiuçavam o problema técnico do trabalho de Estado-Maior, o que veio a acontecer depois que tivemos contato com os americanos. Porque o americano teve necessidade de esquematizar esse trabalho de uma maneira completa. Então o trabalho no segundo e no terceiro ano era um trabalho mais intelectual, de estudo do que chamamos os fatores de decisão: exame de intelectual, de estudo do que chamamos os fatores de decisão: exame de situação e as decisões do chefe. E as ordens correspondentes a essa decisão, que é um trabalho de Estado-Maior decorrente das decisões. Esse trabalho alcançava o escalão de divisão, e Divisão de Cavalaria no segundo ano e mais o começo do que se chamava a Brigada Blindada. Estava-se naquele tempo do De Gaulle, que estava jogando as primeiras idéias sobre a arma blindada. O Guderian ainda não era acreditado no mundo, e os próprios franceses ainda estavam ligados à tática da Primeira Guerra. Então eles não sentiram a importância dos blindados e, principalmente, de blindados junto à aviação. O estudo da aviação ainda era a aviação baseada na Primeira Guerra.

A.C. - Nesse ponto o De Gaulle estava ainda muito solitário lá na França. Ele foi um homem que lutou contra tudo.

A.M. - Exato. Então este era o ambiente. Porque é o ambiente que se aproxima do início da guerra. Terminou o meu curso com a Guerra estourada em 39. Aliás, naquela ocasião saiu um novo... Instrução para as grandes unidades, do Exército francês. Um livro excelente, de grande profundidade intelectual, mas ainda com falhas nesses pontos, porque o francês ainda não havia penetrado nas técnicas modernas do novo material.

A.C. - De qualquer forma, esse clima de pré-guerra devia ser um grande estímulo intelectual para o estudo nessa área.

A.M. - E os franceses faziam muita questão... Os franceses têm uma cultura, geral, muito grande. Eles nos faziam pensar muito no pensamento cartesiano. Para analisar e depois concluir. Aliás, depois, sobre isso, vai-se dar uma piada do Sr. Carlos Chagas. Ele diz: "O general Muricy falou que fez uma análise cartesiana. Coitado de Descartes..."

L.H. - Eu queria pedir desculpas ao senhor, porque eu queria avançar aqui uma coisa. O senhor estava falando no problema do De Gaulle, muito solitário, avançando muito nas idéias, e ainda os franceses muito ligados ao problema da Primeira Guerra etc. etc. Em 40, quando se dá a queda da França, e era o mesmo general Gamelin, que tinha vindo chefiar a Missão Francesa, isso contribuiu para alguma decepção em relação aos franceses?

A.M. - O que houve conosco foi uma incompreensão dos fenômenos que líamos no jornal e que não compreendíamos, porque não estávamos preparados intelectualmente para compreendê-los.

Quando os alemães fazem a invasão da Polônia, como todos os estrategistas de café, que havia muitos, todo mundo pegava as cartas, colocava lá as unidades de acordo com o que as notícias dos jornais... E nós concluimos: "Bom, então agora vai fazer isso, vai fazer aquilo. Se fizesse aquilo..." Então, todo mundo ganhava a guerra nos cafés. E nós, também, ganhávamos a guerra, na escola. E, de repente, vimos os alemães dominarem a polônia em prazo extremamente curto, pela primeira experiência da Blitzkrieg. Para nós a Blitzkrieg ainda era uma incógnita. Já tínhamos uma primeira noção, ligada ao problema dos blindados franceses e das idéias de De Gaulle, que já vinham sendo, esporadicamente, apresentadas, mas que não foram sistematizadas pelo Exército francês e, portanto, não nos foram transmitidas pelos instrutores.

L.H. - Porque, na verdade, quem aproveitou as idéias do De Gaulle foi o Guderian.

A.M. - O Guderian se baseou em muita coisa do De Gaulle, nas idéias do De Gaulle. De Gaulle era um coronel que não davam crédito a ele, como o Guderian. Por muito tempo não deram. Foi preciso que Hitler resolvesse dar apoio ao Guderian.

A.C. - Porque o De Gaulle pretendeu vender o projeto dele e ninguém aceitou, não é?

A.M. - Aliás, o livro do Guderian é uma obra-prima. Eu acho aquele livro fantástico.

Mas, ainda na escola, tínhamos instrutores brasileiros e tínhamos instrutores franceses. Eram homens de grande valor. Os chefes da Missão Militar Francesa eram homens que viviam dentro da Escola de Estado-Maior. Eu peguei o general Paul Noil e peguei o Chadebec de Savallade. Todos dois grandes... Lentamente havia tido contato com Humt

Zinger. Foi o homem que foi assinar a rendição, lá em Marselha. O Paul Noel, um homem muito brilhante. O Chadebec um homem tranqüilo, mas seguro, de sentimento muito mais prático. Esse homem, mais tarde, vai ser o homem que vai para a África e vai fazer a parte dura, os inquéritos, para ver quais os franceses que tinham decepcionado a França. Que pena deveriam sofrer. São missões que a gente recebe. O Chadebec, aliás, cumpriu muito bem..

O homem que trabalhou conosco dois anos seguidos, o coronel Nolot. Era um infante convencido, um andarilho. Quando íamos fazer manobras, ele sempre estava nos observatórios mais altos. Subia morro como um cabrito. Ele, aos domingos, no Rio de Janeiro, quando queria se distrair, dava volta na Tijuca a pé. Então ele saía de Copacabana, ia para a barra, subia, descia e ia embora. A pé. Passava o dia inteiro andando. Isto era o Nalot. Nós dizíamos que ele usava patins. Ele usava roulette. Ele morreu logo no começo da guerra. Nos primeiros avanços dos alemães, depois do ataque das Ardenas, tivemos notícia da morte do Nalot.

A.C. - Quer dizer, praticamente desmontou-se a missão Francesa, não é? A olhos vistos.

A.M. - Eles tiveram uma atitude... E o Exército brasileiro foi muito digno. De repente eles ficaram no espaço. Alguns conseguiram embarcar e foram para lá. A Chadebec, o Exército deu a ele uma função de tradutor, de qualquer coisa, para ele poder receber dinheiro e poder se manter.

A.C. - Dá impressão como se os chefes tivessem de repente, ficado... Porque foi um desastre completo.

A.M. - Completo. Esses homens, que eram homens de grande valor... Eu me lembro da fisionomia do Chadebec, quando houve o avanço na França. Aquele homem dava pena ... Seriedade, seriedade absoluta.

A.C. - É como se fosse um desastre, uma catástrofe.

L.H. - E foi.

A.M. - Agora, eram homens de grande valor. A França nos mandou sempre oficiais de grande valor. O Exército brasileiro deve a esses homens uma formação intelectual muito grande. E eu não conheci, mas conheci os trabalhos de certos homens do começo da Missão Francesa. O próprio Gamelin tem alguns trabalhos excepcionais. Principes de guerre et procédés de combat, por exemplo. Outro, o coronel De Rougemont, foi o grande mestre da tática. Foi o homem que deixou documentos e documentos, apostilhas e aulas todas impressas. Uma maravilha. O Exército brasileiro aprendeu loucamente com as aulas do De Rougemont. E assim outros nomes que...

A.C. - O senhor comentava conosco justamente esse lado intelectual dos cursos de Estado-Maior, inclusive a influência cartesiana e tudo o mais. O senhor acha que mesmo depois da influência americana, mais técnica, sobre o Exército brasileiro, essa influência francesa, intelectual, permaneceu no Exército?

A.M. - Permaneceu, amenizada. Porque quando se chocam duas culturas... Porque aí a cultura, a base era a mesma: tanto o Exército brasileiro como o Exército americano tiveram como fundamento a formação intelectual do Exército francês. Mas o americano precisou fazer coisas simples. O Exército americano passou de quatrocentos mil homens para seis milhões. Então o problema deles era simplificar e principalmente compartimentar. Enquanto que no Exército francês e no Exército brasileiro, o oficial ora exercia uma função, ora outra, ele era um pouco eclético: o americano era especializado. E tinham que ser, do contrário não poderiam combater. E eu explico: O oficial da 2^o. Seção dos Estados Unidos, do Exército americano, não podia servir numa 3^o. Seção. Ele não estava preparado. Da mesma maneira, um oficial da 3^o. Seção não podia servir numa seção de logística - não estava preparado.

L.H. - O preparo tem que ser muito rápido, então tem que ser especializado.

A.M. - O americano ficou sempre com uma elite primorosa, que coordenava as ações isoladas e compartimentadas. Isso é que foi o trabalho maravilhoso do Exército americano. Foi como o cavalo do marechal de Saxe, que foi a muitas batalhas e nunca as entendeu... [risos] Muita gente foi aos Estados Unidos, viu as coisas e não soube compreender que aquilo era o resultado de uma necessidade.

A.C. - Não era só vocação, era uma necessidade.

A.M. - Eles tinham uma vocação prática, mas eles tinham, principalmente, uma necessidade.

L.H. - Eu queria voltar aqui com o senhor.

A.M. - Vamos voltar, porque essa fase é interessante, tenho muita coisa para dizer.

L.H. - O senhor está na Escola de Estado-Maior no momento em que a guerra se inicia. Isso eu acho uma coisa... Inclusive porque se observou que os ensinamentos franceses - que vinham desde 1919 -, de repente, como o senhor falou, foram um espanto muito grande, porque se revelaram, no campo de batalha, um fracasso. Agora, na Primeira Guerra, os franceses tiveram um problema de inovação muito grande. Foch era chamado de maluco, mas foi por ele que se conseguiu inovar muita coisa no Exército.

A.M. - Foi um grande pensador. Grande pensador. Aliás o Exército francês teve grandes chefes. E eu me recordo sempre, já que você está falando de Foch, de um homem, da batalha inicial da França...

L.H. - A primeira batalha de Verdum?

A.M. - Não é Verdum não. É Joffre. Joffre, por exemplo. Eu li muito o problema dos chefes militares franceses. Mas há um episódio, por exemplo, em que se mostra o que é o chefe. Um determinado coronel, preocupadíssimo com uma situação difícil que estava acontecendo, foi procurar o Joffre, para expor o problema e pedir uma decisão. E encontrou

o Joffre almoçando. Joffre mandou entrar o oficial, que estava preocupado, veio sentar ao lado dele. Perguntou se ele queria almoçar, ele disse que não, que já tinha almoçado. Toda vez que o oficial ia falar, Joffre dizia: "Por acaso o senhor já provou uma galinha preparada dessa maneira? E as aves? "E começava a falar sobre coisas triviais, o tempo todo. E assim terminou o almoço, com trivialidades. Depois levantaram ele disse: "Vamos dar uma volta" Depois, na volta, ele perguntou: "E o que é que está acontecendo?"

Isso é uma coisa interessante. Um chefe que não tem nervos... Foch tem uma frase... Não me recordo exatamente, mas no final da guerra de 14, quando os alemães fazem uma grande arremetida, começam a avançar, e ele declara: "A minha direita cede. A minha esquerda está em perigo - situação excelente: Vou atacar" São homens excepcionais! Essas são frases que marcam o homem. Agora, Foch, além disso, era um intelectual. Os livros dele a gente lê e vê que as idéias são de uma profundidade...imensa!

L.H - Sim, ele é um inovador. Agora, o Exército brasileiro, por isso, traz a Missão Francesa. O que eu queria saber do senhor é o seguinte: o senhor nos disse que já se tentava fazer algum tipo de adaptação de técnicas de tiro etc., para a realidade brasileira...

A.M. - Na parte técnica, mas não na parte tática.

L.H. - Isso é que eu queria saber. Já se sentia, na época que o senhor estava na Escola de Estado-Maior, algum sinal, assim, de obsolescência dos ensinamentos franceses, ou somente a guerra é que vem trazer isso?

A.M. - A guerra é que trouxe. Nós, por exemplo, terminamos o curso com a idéia das frentes contínuas. A guerra de 14 foi uma guerra de trincheiras, no final. Houve uma guerra de movimento, no início e depois uma guerra de trincheira. A guerra de trincheira é uma guerra rude. Vence aquele que tem maior capacidade de resistência. Então surgiu, como a rainha dos campos de batalha, a metralhadora. Surgiu a trincheira. E, como consequência, a Linha Maginot. Então tudo isso são decorrências de uma mentalidade trazida pela guerra, e que deu a continuidade. Não se imaginava o flanco descoberto, que só começa a aparecer na guerra de movimento, já com as primeiras técnicas trazidas pela evolução da arma blindada,. Então, já havia franceses estudando a guerra de movimento, mas a massa estudava a guerra de posição. E nós aqui estávamos presos mais à guerra de posição do que à guerra de movimento. Então, nós não sentíamos perfeitamente o que se passaria, por exemplo, no Brasil, com frentes imensas e efetivos reduzidos. Este era um problema...

A.C. - Era um quebra-cabeças que ninguém podia resolver.

A.M. - ... Que ninguém podia resolver por falta de experiência. E a Segunda Guerra veio trazer a solução. Na Segunda Guerra, principalmente na invasão dos alemães na Rússia, se dão os grandes vazios...

L.H. - Uma frente enorme.

A.M. - Exato. A própria invasão da França, depois de rompida a Linha das Ardenas e da Bélgica dá-se a percée em direção ao Canal da Mancha aí, também, grandes vazios. Então há um aspecto de guerra de movimento que só vai aparecer... E nós não estávamos,

intelectualmente, preparados para compreender, em sua plenitude, o fenômeno que estava ocorrendo na Europa, que só fomos perceber depois que tivemos contato com os americanos e começamos a ler a literatura já da Segunda Guerra. Principalmente os livros dos grandes chefes.

Fazendo aí um parêntese sobre a Segunda Guerra, eu acho que o maior chefe militar se chamou Marshal, e não fez a guerra brigando. Um dos maiores chefes militares foi o general Truesdel, que não foi para a frente, mas que na Escola de Leavenworth preparou gerações e gerações de Estado-Maior para ir para a frente, com a experiência que ele recebia da frente, diariamente. Esse homem, que era comandante, quando eu lá estive, me causou uma impressão extraordinária. Agora, aparecem homens, por exemplo, como condutores de homens. Falam em Patton, que era um grande chefe, o Montgomery, mas o homem, para mim, chama-se Omar Bradley. O Bradley, naquele livro História de um soldado, é uma coisa espetacular, de maneira que ... Não vamos entrar nisso ou não saímos mais...

A.C. - Mas isso é importante!

L.H. - E o senhor está nos dando uma visão que casa muito com a sua carreira e com a sua preocupação com a instrução. Os homens mais importantes no fundo são aqueles preparadores de homens e não propriamente aqueles que estão na frente de batalha, quer dizer, nem sempre são aqueles que estão na frente da batalha.

A.M. - O general Truesdel, por exemplo, pediu comando várias vezes e o governo americano, o Marshall teve a coragem de não dar comando a ele. Era mais importante onde ele estava.

A.C. - São os bastidores - o que a gente não vê, não é?

A.M. - Acredito que ainda tenhamos coisas a conversar sobre a Escola de Estado-Maior...

A.C. - O senhor não gostaria de falar mais, depois sobre os cursos na Escola de Estado-Maior? Ou vamos deixar para a próxima vez?

5ª Entrevista: 10.02.1981

L.H. - General, podemos continuar hoje a falar um pouco mais a respeito da Escola de Estado-Maior, dos seus colegas de turma e dos acontecimentos externos à escola, que de certa forma permearam esse período.

A.M. - O período, como eu disse, da escola de Estado-Maior, foi um período de intensos trabalhos e estudo. Eu estudava profundamente. Nós tínhamos grupos de estudo e o meu tempo era completamente ocupado. Os trabalhos em sala, os trabalhos a domicílio ocupavam o meu tempo. Sendo que havia ocasiões em que não tinha tempo de ir a um cinema, morando a cem metros do cinema América, na praça Saens Peña.

A minha turma era uma turma, como eu disse, muito pequena: Xerife, como nós chamávamos o mais graduado, era o João Carlos Barreto, que depois foi presidente do

Conselho Nacional do Petróleo. Era muito chegado ao presidente Getúlio. Ele tinha amizade familiar, freqüentava muito ... Nós até caçoávamos muito: "Você acaba casando com a Alzira..." E ele dizia: "Não, não..." E ele morreu solteiro. No mais, era o Lira, que era meu companheiro de turma: foi no colégio, foi na escola e agora na Escola de Estado-Maior. O Moacir; o Lebrão; o Gabriel, também companheiros de turma. Dois ex-alunos: o Artur Levy, que mais tarde vai ser presidente da Petrobrás; o Matos Moura, que morreu; o Martinho, que foi brigadeiro na Aeronáutica; o Fialho, que não fez carreira; o Bandeira de Moraes, que vamos encontrar em São Paulo em 64. Não é o Antonio Bandeira, é o Armando Bandeira de Moraes. Vamos encontrar em São Paulo, em 64, junto com o Aluisio, reagindo contra a revolução, e depois sem tomar uma posição definida, acabou sumindo no Exército. O Floriano Machado, que depois vai estar no Rio Grande do Sul, quando o Jango vai à célebre reunião lá, com o Potiguara; o Prado. O Porto Carreiro e o Lourival Seroa da Motta, que era, também, muito chegado ao presidente Getúlio. Era revolucionário de 22, que vinha lutando há muitos anos. Muito chegado ao Cordeiro.

Os dois, primeiro o Seroa e depois o Cordeiro, foram os dois homens que nos relataram ...

[FINAL DA FITA 11-B]

A.M. - ... que nos relataram o que aconteceu no Putsch integralista de 1938, maio de 38. Os dois, quando tiveram notícia, foram para palácio e penetraram pela altura da rua ... por trás do fluminense. Então estiveram nos dando as informações a respeito do golpe e da reação não só do presidente como da Alzirinha, que com armas nas mãos, ficou ao lado do pai para enfrentar e morrer ao lado dele, se fosse o caso. E também do Ministro Dutra, que saiu com um pelotão e que foi enfrentar os integralistas.

E a questão do Estado Novo? O Estado Novo já foi no primeiro ano que eu estava lá, 1937. Nós estávamos fazendo estágio na Escola de Aviação do Exército, quando tivemos a notícia de que o Senado – ou a Câmara – estava cercado. Tinha sido proclamado o Estado Novo; veio a Carta elaborada pelo Chico Campos.

L.H. - Chico Campos.

A.M. - Chico Campos. E aqui, eu quero dar um depoimento: o país estava inteiramente agitado. E mesmo aqueles elementos que não tinham um partido tomado, também se sentiam contrafeitos. Nós, por exemplo, na Escola de Estado-Maior, que vivíamos absorvidos pelo estudo, sem tomar partido político, tomamos uma posição anticomunista, sem tomar uma posição antiintegralista, digamos assim, mas sentindo o problema de agitação no Brasil. nós recebemos o Estado Novo como um elemento de tranquilidade. Porque veio eliminar uma porção de temores, criados pelo célebre documento, o Plano Cohen.

O Plano Cohen, eu não conheci imediatamente, vim a conhecê-lo mais tarde. A única coisa que posso dizer desse período, é que, um ou dois meses antes do 10 de Novembro, eu indo, como sempre ia, ao

Estado-Maior - onde tinha amigos, onde o Canrobert já era Chefe de gabinete, nessa ocasião, onde um dos elementos lá dentro era o meu primo, José Alves de Magalhães, que era muito chegado ao Góis, como o Canronbert também era muito chegado ao Goiás...

O Magalhães um dia se abriu para mim e disse: "Olha, Antônio Carlos, isso aqui está pegando fogo. Eu não sei, um dia nós vamos acordar com isso aqui..." Então ele criou um

quadro de gerar preocupações sobre a ação dos comunistas no Brasil. Possivelmente criada pelo documento ... o Plano Cohen. Ao mesmo tempo, havia aquela agitação nos jornais, no Brasil, de maneira que, quando veio o Estado Novo, aqueles que queriam a ordem, que queriam a tranqüilidade, receberam bem. E eu recebi bem. Mais tarde é que, com a evolução, a gente vai sentindo que o problema foi uma emergência que não poderia perdurar.

Ainda existe, dentro das Forças Armadas, uma certa reação contra a atitude dos políticos, que nem sempre são indivíduos que olham o país da mesma forma por que nós olhamos. Nós não temos nenhuma preocupação pessoal, quando olhamos o Brasil. E o político olha muito, também, os seus problemas pessoais, os problemas do seu grupo e do seu partido. Essa modificação, esse ambiente, esse modo de pensar leva a uma certa prevenção do militar contra o político. Não o político com "P" grande, mas contra o político com "p" pequeno, que só vive pensando nas coisinhas miúdas. Então, quando veio o Estado Novo e tirou do circuito a ação politqueira - chamemos assim - de uma maneira geral, eu senti que houve tranqüilidade nos meios armados. Tranqüilidade que eu achei salutar para o Brasil, naquela ocasião. Depois, as coisas mudam com o tempo. E acredito que este tenha sido o pensamento dos outros companheiros, mesmo que não estivessem no Rio de Janeiro. Isso é o que eu tinha a dizer sobre essas duas ações.

L.H. - O senhor nos falou que embora fossem todos anticomunistas, não eram na mesma proporção antiintegralistas. Considerava-se, de certa forma, o integralismo um instrumento útil para ...

A.M. - ... Para combater o comunismo. Era um elemento a mais para combater o comunismo. Não víamos toda a gravidade por causa da penetração do problema fascista. Nós olhávamos o lado comunista como um perigo maior do que o perigo fascista. O problema da extrema-direita, digamos assim, veio se conscientizar no Brasil muito mais tarde. No início, o que se sentia era a fermentação de extrema-esquerda. E esta nós já tínhamos sentido em 35, e em 34, e em 32... Então tudo isso fazia com que tivéssemos muito mais preocupação com o comunismo, pelas suas ações mais violentas.

L.H. - Por já ser um inimigo conhecido de mais longa data?

A.M. - Já... O outro ainda, no Brasil, era uma coisa caricata. Eu tinha muitos amigos - acho que já falei aqui - na Câmara dos 40. Muitos companheiros eu tinha lá, inclusive o Tasso da Silveira, um dos maiores amigos do meu irmão mais velho. O San Tiago Dantas, o pai do Tarcísio, o Raimundo Padilha. O livro que eu recebi, e li A história de Cristo.

Ainda da Escola de Estado-Maior, tenho que fazer ressaltar alguns instrutores que marcaram. Sem menosprezo para os demais, eu quero recordar, do segundo ano, o então major João Batista Saião Cardoso. Um homem desajeitado, que tinha calo, não sabia pisar. Chamavam de Saião Pé Pé. O militar, o cadete, o grupo é sempre muito irreverente. Era um homem de uma inteligência brutal. E era um instrutor maravilhoso. Ele foi realmente o homem que me deu as primeiras grandes noções de tática geral. Com ele eu aprendi imensamente.

E no terceiro ano eu tive então, também, um outro grande instrutor, que foi o Fernando Sabóia Bandeira de Melo, que foi o homem que nos acompanhou durante todo o terceiro ano. Além de outros instrutores, como o Ademar de Queiroz, que foi um excelente instrutor

de artilharia; o Alcindo Nunes Pereira, na parte de serviços. E, como já contei, no fim do terceiro ano, aparece Castelo, vindo da Europa, e indicado para instrutor, e fazendo, para toda a escola, umas duas ou três conferências maravilhosas. Inclusive uma que eu acho magistral, a respeito da Dezembrada de que já falei também aqui.

L.H. - E ele chegou a ser seu instrutor, diretamente?

A.M. - Meu instrutor não foi, diretamente. Ele fez para a Escola em geral. Esses de que falei anteriormente foram diretamente com a nossa turma.

Dos comandantes, tivemos, no final do curso, o Renato Batista Nunes, que era de engenharia, e que foi um comandante mais sério, muito fechado. Mas foi um bom comandante. E nesse ambiente terminamos o nosso curso. Final de 39. Já tinha começado a guerra. Mas o Brasil ainda... Nem se cogitava naquele tempo... Naquele tempo havia ainda os que eram partidários da Alemanha, e os partidários da França, e dos Aliados.

L.H. - Quer dizer, embora houvesse partidários da Alemanha e partidários dos Aliados, havia uma situação, no mínimo, de preocupação geral a respeito da guerra? Já se sentia, qualquer que fosse o lado, um desejo de participação ativa na guerra? Ou era apenas uma discussão, uma preocupação?

A.M. - Nessa ocasião eu não senti, absolutamente, o desejo, a vontade de entrar na luta. Havia a simpatia. E as simpatias iam desde lá de cima do escalão, onde o Dutra, o Góis Monteiro tinham uma tendência germanófila; enquanto outros tinham tendência mais para os Aliados, e, mais tarde, quando os americanos entram na guerra, pró-americanos.

L.H. - Essa tendência germanófila do Dutra e do Góis que o senhor nos está colocando, o senhor a sentia, quer dizer, as pessoas na escola a sentiam, ou era uma coisa assim apenas mais comentada? Vou explicar por que. Há, de um lado, sempre uma tendência de considerar essa simpatia germanófila do Dutra e do Góis como uma simpatia filosófica, ideológica mesmo. E, de outro lado, há uma tendência a considerá-la como uma simpatia pela formação do Exército alemão, que era extremamente rígido, que tinha uma formação militar bastante boa, etc. Como é que isso era sentido?

A.M. - Isso aí, é preciso sentir como nasceram, tanto o facismo como o nazismo. Na Itália, um período de caos, em que Mussolini faz aquela marcha sobre Roma e depois organiza o Estado. E depois organiza os camisas pretas. Apesar de caricatural, como ambos eram, o Mussolini, o Hitler... Mas, indiscutivelmente, do lado da Itália, há uma reestruturação fundamental do Estado italiano, da nação italiana, um progresso evidente. No Estado alemão há o renascimento da Alemanha e principalmente o renascimento militar alemão. E começa, então, a haver aqueles que começam a admirar e achar que num mundo em que o caos está imperando, os regimes fortes, ditatoriais, poderiam trazer realmente vantagens. Então acredito que fosse mais uma coisa mais filosófica - sem grande profundidade, entretanto - do que uma coisa de sentimento ou simpatia para lutar ao lado. Eu sentia, por exemplo, que contra o comunismo havia um desejo de luta, contra. Contra ou a favor do nazismo, não havia esse desejo, era mais uma questão de acompanhamento e de simpatia.

L.H.- O senhor, como é que se colocava aí?

A.M. - Eu me colocava do lado francês. Eu tinha uma formação francesa muito profunda. Tinha muitos instrutores franceses, com os quais conversávamos ainda na escola. Então a tendência era essa aproximação com o lado francês, com o espírito francês. Não tinha a tendência de ficar do lado...

A.C. - Mas a França, tendo se desmantelado logo no primeiro embate...

A.M. - Mas só desmantelou um ano e pouco depois. Primeiro houve a invasão da Polônia, houve uma pausa, houve a invasão da Rússia, e depois... não, não. Aí houve uma pausa de um ano, quando houve a invasão da França e depois é que houve a da Rússia. Foram etapas progressivas. Mas levou um ano.

A.C. - Nesse período, então, o senhor ouvia os franceses, mas...

A.M. - Depois, quando houve a derrocada da França, continuei simpatizando com a França, embora achando a situação difícil. Mas aí, já estava havendo uma reação no mundo. E esta reação no mundo – e a implicação da entrada dos Estados Unidos na guerra – fez com que renascesse uma esperança de que o nazismo pudesse ser derrubado.

A.C. - O senhor se lembra das figuras, no Exército, que se definiram muito pela posição pró-americana logo de início? Os chefes militares? Porque se fala muito nos grandes políticos do Exército - como o Góis Monteiro, o próprio Dutra - que tinha uma posição germanófila, mas na hora de falar dos Aliados, simpatizantes dos Aliados, sempre fica mais difícil identificá-los.

A.M. - Eu acho que o sentimento pró-Aliados era maior do que o sentimento pró-Eixo. Mas naquele tempo eu era capitão, de maneira que eu sentia um determinado nível, tinha acesso aos escalões mais elevados, mas não tenho, assim, como definir.

A.C. - Seus comandantes, por exemplo, o senhor não... Não era possível fixar essa...

A.M. - Naquele tempo havia um escrúpulo muito grande em transmitir ou discutir problemas políticos, então tínhamos muito cuidado, a não ser quando tivéssemos intimidade. Se tivéssemos intimidade, nós conversávamos; se não, a gente não tocava. Eu só sei por ouvir dizer, diretamente não.

L.H. - Porque essa coisa que a Aspásia está colocando é muito interessante, porque é quase como se se colocasse uma oposição militar-civil. Porque, ostensivamente, reconhecem-se os militares que tinham uma posição germanófila, tipo Dutra, tipo Góis etc.

A.M. - Alguns, mas a massa... a massa não era.

L.H. - E aí também, ostensivamente, reconhecem-se alguns civis que tinham posição já pró-Aliados, tipo Osvaldo Aranha, desde o início. Então, é quase como se se colocasse a questão entre: militares-germanófilos e civis-aliadófilos.

A.M. - Não existiu, isso eu posso lhe garantir. E digo mais: na Escola de Estado-Maior, onde eu me encontrava, vamos dizer, 90% torcia pelos Aliados. Torcia, simpatizava. Isso já mostra uma tendência. Na nossa turma, o único que tinha uma tendência pró-germânica era o Matos Moura... e só. Nós éramos 15 ou 16. Isso mostra que havia uma predominância de simpatia pela causa dos Aliados.

A.C. - O senhor sugeriu - e acho que muito oportunamente - que a mudança se deu, quando os americanos entram na guerra. Porque é muito difícil ser anti-alemão, quando a Alemanha está vitoriosa nos campos de batalha. No momento em que os americanos entram, eles conseguiram juntar a eficiência militar com a simpatia.

A.M. - A simpatia existiu sempre, mais ou menos a mesma. O que há, é que, quando os americanos entram, dá confiança na vitória. É diferente.

L.H. - Porque a sensação que se tinha é que os ingleses não agüentariam?

A.M. - Ou, pelo menos, que chegariam a um impasse, sem solução. Não se via saída. Quando o americano entrou na guerra, começou-se a ver um caminho.

A.C. Porque o problema da Inglaterra era muito delicado. O senhor vê na Argentina, por exemplo, os argentinos tinham um espírito muito antiinglês, porque os ingleses tinham colonizado, praticamente, a Argentina.

A.M. - Mas os argentinos ficaram absolutamente neutros, tiraram partido dos dois lados e acabaram a guerra com muitos bilhões de dólares em divisas. [risos] Mas isso aí é outro fenômeno que apareceu...

Mas esse era o ambiente na escola. Aí termina o nosso curso. Já no fim do ano.

L.H. - Qual foi a sua classificação no curso?

A.M. - Primeiro. Eu só não fui primeiro na Escola Militar porque o primeiro foi o Orlando. Na escola de Aperfeiçoamento eu fui primeiro, na Escola de Estado-Maior fui no concurso e fui no final.

Depois disso houve uma manobra muito interessante, foi quando eu vim a conhecer o Rio Grande do Sul. Foi numa viagem de geografia e tática ao Rio Grande do Sul, em que corremos toda a fronteira.

L.H. - Ainda como...

A.M. - Como aluno, o último trabalho. Foi um mês e meio de viagem no Rio Grande. Então vim a conhecer aspectos diferentes do Rio Grande, que eu conhecia através dos estudos de geografia militar. O aspecto da campanha, o aspecto das baixadas e aspecto da serra. Pude sentir bem a caracterização. Acho o estado do Rio Grande um estado interessantíssimo: a sua constituição, o seu povo, os tipos, pensamento. Depois fui viver lá, fui ter contatos maiores, de maneira que posso dizer que me impressionou o Rio Grande.

L.H. - O senhor visitou algumas comunidades alemãs, no Rio Grande, nesse período?

A.M. - Não. Nós não corremos... Somente aspectos militares terrestres. Eu vou ter contato com os alemães no Paraná, para onde eu vou. Aí eu vou ter contato com as comunidades alemãs do Paraná e Santa Catarina. Aí já é outro período.

Então termina esse curso, e nós vamos, toda a turma, estagiar no Estado-Maior do Exército, para recebermos destino. Eu estava atrasado na minha arregimentação, que era uma das condições necessárias para a promoção ao posto de major.

L.H. - Desculpe interromper, mas o senhor tem falado várias vezes nesse problema de arregimentação. O que é exatamente arregimentar?

A.M. - É o seguinte: o oficial, para ser promovido a oficial superior, o tenente deve viver na tropa, salvo os períodos em que ele faz cursos. O capitão já pode preencher funções de tropa ou funções burocráticas em diretorias, em estados-maiores etc., mas para ser promovido, ele precisa ter - naquele meu tempo precisava ter arregimentação de pelo menos um ano no posto. Mais tarde, quando ele passa para major, ele precisa ter, também, ou no posto de major ou como tenente-coronel, um ano no posto, para voltar às origens. Nós começamos na tropa e devemos sentir o homem na tropa, os problemas na tropa, porque a tropa é a razão de ser. É o elemento de força do Exército. Então, à tropa, nós devemos dar o máximo de nossa atenção. Periodicamente, há a volta à tropa.

Finalmente, também como coronel, é obrigado a mais um ano de arregimentação, para poder sair general. Isso é o meio de fazer com que o oficial não fique um teórico de gabinete. E a mesma questão, *mutatis mutandis*, de uma professora que não vai às classes. No fim de algum tempo, ela começa a se destacar, vai para a secretaria, vai para não sei o quê mais, vai para uma repartição. Então é preciso que, de vez em quando, ela vá lá, pegar o aluno e sentir. Porque nos dizíamos, na Artilharia Montada: "Ver a ranilha do cavalo."

L.H. - Ranilha?

A.M. - Ranilha é a parte de baixo da pata do cavalo, que a gente levanta para ver se está direita, se o cavalo está bem limpo. Então é preciso ver a ranilha do cavalo. Então, isso é a arregimentação.

Eu, para sair major, precisava fazer arregimentação. Por isso eu pedi que em lugar de fazer um estágio num estado-maior regional, como era da lei do regulamento, eu fosse me arregimentar. E, com isto, eu fui me arregimentar no 1º. Grupo do 3º. Regimento de Artilharia mista.

Só tinha um grupo - no Bacaxiri, de novo, em Curitiba. Pude escolher. o Caronbert mesmo, que era o homem que manipulava a classificação no Estado-Maior me botou a mim e ao Lebrão. Fomos nós dois para essa unidade.

L.H. - O seu primeiro lugar lhe dava direitos de escolher?

A.M. - Então escolhi para a guarnição de Curitiba, para depois fazer o estágio em Curitiba, porque era a minha terra, eu tinha lá amigos, parentes... Então a tendência normal seria...

L.H. - Quer dizer, periodicamente, não só o senhor volta à tropa como o senhor volta à sua terra também.

A.M. - A tropa e à minha terra.

A.C. O oficial que terminou o Estado-Maior tinha privilégios naturais muito marcados em relação aos outros militares que não fizeram Estado-Maior? Nesse caso específico...

A.M. - O oficial que tem o curso de Estado-Maior tem um privilégio: é um homem que tem as condições mínimas necessárias para trabalhar em estados-maiores, como auxiliares dos chefes, ou amanhã ser, inclusive, um chefe. Então abre um maior campo de atuação dentro do Exército. E trabalha-se não só nos estados-maiores como se trabalha em determinados órgãos, como diretorias e departamentos, onde certos lugares são destinados exclusivamente a oficiais de estado-maior. Além de todo os outros que são destinados aos oficiais da carreira comum

A.C. - Mas ele pode preferir, por exemplo, ir para uma função de tropa?

A.M. - Pode! Pode! E eu digo, as saudades que eu tenho são dos tempos em que estive na tropa. A tropa sempre foi um lugar maravilhoso, para mim. E esse ano que eu vou passar em Curitiba, é a antítese do ano de 31, vai ser um ano maravilhoso, na tropa.

L.H. - Para usar uma expressão bastante atual, em termos de "mordomias", o que o senhor tinha nessa época? O senhor já tinha ajudante-de-ordem, já tinha automóvel?

A.M. - Nesse tempo nós tínhamos o direito a um ordenança. Era o homem que tomava conta do meu cavalo e que, além disso, ia à minha casa e engraxava minhas botas e só. Só isso era o meu ordenança. Não tinha direito a mais nada. Só começa a haver o ajudante-de-ordem no posto de general. Agora - naquele tempo não havia - já começa, também, a ter direito à casa. Que eu, quando estive em certas funções, lutei para ter casas e casas mobiliadas. Porque era o grande drama: a gente viajava no Brasil e via como se acomodavam mal os oficiais do Exército. Eu mesmo, quando fui comandar Cachoeira, eu morava, primeiro, numa pensão, que não tinha casa em Cachoeira, e segundo, numa casa que era uma sala e um quarto. Porque não tinha outra para morar. E eu tenho, nesses retratos aí, um retrato dessa casa. Para ver o que era a vida do oficial no interior - sem conforto, sem coisa alguma. Já que a nossa vida é de contínuas transferências, pelo menos se permita que o oficial se desloque tendo um mínimo de conforto. Isto foi uma das coisas que foi instituída no Exército e para a qual eu cooperei mais tarde. Principalmente quando estive em Pernambuco, na 7^o. Região.

Então, a minha turma foi fazer estágio no estado-maior. E aí houve um fato interessante: em 1940, em janeiro, realizou-se uma grande manobra de toda a tropa sediada no Rio Grande. A região era dirigida pelo General Leitão de Carvalho. O Leitão de Carvalho era um homem exigente, era um homem empreendedor e organizou uma manobra que talvez tenha sido a última grande manobra que foi feita no Brasil. Porque eram efetivos reduzidos. Já expliquei que o efetivo de paz é muito menor que o efetivo de guerra. Mas com o efetivo de paz existente, compareceram a essa manobra uma divisão de infantaria e três divisões de

cavalaria. Houve um reforço de oficiais de Estado-Maior de outras áreas, principalmente do Rio de Janeiro, e a minha turma inteira seguiu para o Rio Grande para fazer parte da arbitragem dessa manobra. E eu tive a felicidade de ficar na direção da arbitragem, com o então Coronel Salvador César Obino, com o Saião e tendo contatos mais ou menos permanentes com o Estado-Maior da manobra e com os comandos das grandes unidades. Isto me foi extremamente útil. E eu vim a reencontrar o Alcio, que comandava a parte de divisão de infantaria da manobra; eu vim a encontrar o João Batista Magalhães, reencontrei uma porção de companheiros e foi um mês em que realmente se trabalhou muito.

L.H. - Havia algum motivo especial para essa manobra ser no Rio Grande?

A.M. - Porque, primeiro, era naquela área onde havia maior concentração de tropas. E, ao mesmo tempo, havia o desejo de manter a tropa mais bem preparada, principalmente porque ali era um ponto sensível da nossa defesa. Embora não houvesse nada contra o lado argentino, mas já existia Perón. É preciso não esquecer que nessa época Perón já estava na Argentina, e Perón era um grande adversário do Brasil. O Perón tinha realmente um desejo de... Chegam até a dizer – não sei até onde vai – que ele chegou a preparar-se para a invasão. Há dados para isso. Quer dizer: a existência de Perón fazia com que se olhasse com maior atenção o Rio Grande do Sul e o próprio Paraná. Eu vou encontrar esse ambiente lá no Paraná.

[FINAL DA FITA 12-A]

L.H. - Mas havia razões também de política interna...?

A.M. - Não, porque é preciso lembrar que nós estávamos em pleno estágio de Estado Novo em que não havia política nenhuma, no Brasil .

L.H. - Eu estava pensando nas comunidades alemãs e italianas na área.

A.M. - Isso aí vou sentir quando vou para o Paraná. Vou chegar lá ainda antes do Brasil entrar na guerra e eu vou sentir esse problema.

Mas então, acabada a manobra, seguimos destino, e eu fui para o Grupo Misto, no Bacaxiri. Neste grupo encontrei o maior troupiier que eu conheci no Brasil: o então major José de Sousa Carvalho, que depois vai comandar um dos grupos da FEB sob o comando do Cordeiro. O José de Sousa Carvalho não tinha curso de Estado-Maior. Era um homem que não tinha ninguém na tropa melhor que ele. Aprendi muito com ele. Como, no momento, não havia um comandante efetivo, ele era major e comandava. E eu, capitão, fui ser o seu subcomandante. Então fizemos uma grande parelha. E o Lebrão ficou sendo o fiscal administrativo; de maneira que ficamos nós três. Pegamos o grupo olhando com satisfação o passado; antes de minha ida o grupo tinha tido uma má classificação nos exames de fim de ano, no ano que nós estivemos, ele saiu em primeiro lugar. Mudou completamente.

Agora, nós tínhamos um quadro de oficiais - eram tenentes - em que a grande maioria foi para Escola de Estado-Maior e saiu general: o Gastão Guimarães de Almeida; o Floriano Campelo; o que é meu afilhado de espada, o Matos Júnior; uma porção de gente que progrediu na vida militar. O grupo era realmente bom.

A.C. - Era o Matos Júnior o seu afilhado.

A.M. - Não, o Azevedo. Aliás, vai ser meu aluno, depois, na Escola de Estado-Maior. Na mesma ocasião, o Lira e o Matos foram para o quartel-general da região, para fazer o estágio que eles tinham que fazer. No comando da região estava o general Emílio Lúcio Esteves, um grande chefe. Um dos homens que eu vi pedir, sem exigir, mas que a gente tinha vontade de fazer até morrer. Ele sabia pedir, não sabia ordenar. Era de uma simplicidade no trato extraordinária. Não levantava a voz, mas o que ele queria, a gente se matava por fazer. De maneira que esse foi um ano de muito trabalho, mas com grandes resultados. Foi um ano feliz na minha vida.

Em seguida, eles acharam que havia muito oficial de Estado-Maior, eu e o Lebrão, na mesma unidade. Então me mandaram para o 3º. de artilharia, em Curitiba. E lá no 3º. de artilharia, sob o comando do Orestes Rocha Lima, fui trabalhar diretamente com outros dois amigos: o Ademar de Queiroz e o Ívano Gomes. Cada um era comandante de um grupo, e eu comandante da 4ª. Bateria, com o Ademar. Então estivemos mais um período juntos, trabalhando muito. E terminei o meu ano de arregimentação.

Imediatamente fui levado para a região militar, onde tive que fazer o meu estágio. E aí, no meu estágio, vim a ter contato com as comunidades alemãs e japoneses.

L.H. - É, porque no Paraná havia ainda os japoneses.

A.M. - Havia ainda os japoneses. Eu fui designado para a chefia da 2ª. Seção, que era justamente a encarregada da parte de informações. Então fiquei tendo todo o contato com esses problemas. Encontrei já um trabalho feito. E esse trabalho se caracterizava por uma vigilância profunda sobre as comunidades, particularmente as alemãs. Os italianos tinham uma absorção muito grande. Os poloneses, naquele tempo estavam dominados. Os alemães entretanto, mantinham a unidade de língua, a unidade de formação muito grande. Em cidades como Blumenau, Brusque - menos em Joinville - a pessoa que não soubesse alemão, às vezes, não tinha como resolver os seus problemas. Tanto que o general Meira de Vasconcelos, que comandou aquela área, conseguiu até uma legislação do presidente Getúlio, para obrigar a que tudo fosse feito em português. Toda a parte oficial. Porque não era. Então esse trabalho de vigilância sobre as populações alemãs era muito grande. Eu não encontrei - embora tivesse havido um grande número de alemães que tivesse seguido para a Europa para combater ao lado das forças do eixo -, não senti, naquelas áreas, durante o período que passei em Curitiba, um ambiente de criação de quistos para a reação. Já se estava se formando um consenso... O americano entrou na guerra em 41. Então, eu já estava no Paraná, onde havia aquela luta a favor dos Aliados e havia choque com os alemães e descendentes de alemães nas áreas em que o alemão ainda predominava, mas eu nunca senti a formação de quistos. Havia denúncias. Nesses períodos, quem trabalha em informação recebe informações e denúncias. Quanta maldade existe! E isso vai, vai... E eu acompanhei a maldade humana até hoje.

L.H. - Nós lemos uns documentos, a respeito do Estado do Rio, de denúncias feitas, 80% eram desafetos particulares, eram problemas pessoais etc., que quase não tinham nada a ver com...

A.M. - E como transformam os problemas pessoais em problemas nacionais. Juntei, de propósito, a essa documentação que dei, alguns documentos que recebi de denúncias e que mais tarde, foram distribuídos no Nordeste. Para mostrar o que o chefe recebe. Ali um pouco serve de mostra - o cuidado que a gente tem para analisar os fatos e não cometer injustiças. Porque a maldade humana é muito grande. E a grandeza humana também. Eu sou um homem que creio na bondade do homem. Eu tenho provas disso. Várias na minha vida. Agora, também, vi muita gente querendo destruir o outro de qualquer maneira. Mas esse problema vou sentir mais depois da revolução e durante os preparativos da revolução.

Mas dos alemães, eu não senti. Havia denúncias, como eu disse. E como havia denúncias... Do lado japonês, nunca tive grandes denúncias. Mas havia vigilância sobre as pequenas colônias japonesas do Paraná, inclusive as de Antonina. Sendo que, por uma coincidência, a primeira colônia japonesa do Paraná foi fundada na fazenda de um tio meu, o Dr. Raul Carneiro, e eu tinha grandes amigos nessa colônia. Inclusive o chefe dessa colônia era o Takei Hasegawa, que mais tarde vai ser Cônsul japonês em São Paulo. Eu era aluno da Escola Militar nesse tempo. De maneira que eu tinha um certo contato com os japoneses, era uma questão de família. Eu nunca senti, do lado dos japoneses, no Brasil, nada. Havia muita denúncia.

L.H. - E houve um sistema de confinamento dessas colônias?

A.M. - Não, não se fez. Havia vigilância. Principalmente se implantou tropa. Aí é que se começa a aumentar a tropa de Santa Catarina, de maneira a poder conter qualquer coisa que houvesse.

A.C. - E havia espionagem alemã nessa área? Que o senhor, pelo menos, tivesse lidado com ela?

A.M. - A espionagem, propriamente, do ponto de vista de guerra, não. Mas naturalmente, eles mandavam informações para a Alemanha do que sentiam no Brasil. E, naturalmente, da mesma maneira que nós os vigiávamos, eles também nos vigiavam. Mas não senti nunca... Houve aqui no Rio sim. Aqui no Rio, houve aquele episódio do rapaz nos navios. Isso é outra coisa. Mas lá no Paraná eu estive um ano - não chegou bem a um ano - lá na 2^o. Seção e não senti, de jeito nenhum, uma ação dessas.

L.H.- E como era a divisão de trabalho? O senhor trabalhava articulado com a polícia? Como se fazia a divisão de trabalho?

A.M. - Naquele tempo a estrutura era embrionária. Nós tínhamos ligação com as polícias civis dos dois estados - Paraná e Santa Catarina. E, ao mesmo tempo, tínhamos alguns elementos civis que eram pessoas de confiança - e geralmente políglotas - que nós mandávamos, às vezes, fazer viagens e... Vamos dizer: "Você vai passar lá, em Blumenau ou Brusque, vai e passa um mês; procura sentir qual é o ambiente."

L.H. - São os informantes.

A.M. - Os informantes. No meio de tudo isso, ainda me recordo de um sargento da Força Pública do Paraná, eslavo de origem, que falava oito línguas eslavas diferentes. Desde então eu aprendi que o eslavo é uma coisa louca! Porque ele falava: o polonês, o russo, o lituano, o esloveno, o croata e vai por aí afora... ucraniano... São todas línguas diferentes. E ele era muito útil, porque às vezes chegava um documento e a gente tinha que traduzir para poder sentir o que era e ele era um dos nossos tradutores.

L.H. - Havia censura na correspondência dessas comunidades?

A.M. - Não! Nós não fazíamos. Se a polícia fazia; nós, no Exército, não fazíamos.

A.C. - Isto é que eu queria saber: qual era a divisão de responsabilidade entre a polícia e o Exército?

A.M. - A polícia nos informava sobre os problemas de que ela tinha conhecimento. Agora, quem tomava as medidas de precaução éramos nós. As medidas de precaução. Vamos supor que houvesse necessidade de controlar ali o problema da língua, por exemplo. A polícia informava, e nós procurávamos tomar as medidas junto ao prefeito, junto às autoridades do estado... Nós dávamos a nossa... "Precisa evitar que haja isso, que haja aquilo". Nós não tomávamos uma atitude direta contra a comunidade.

A.C. - Tomavam as providências políticas para evitar...

A.M. - Exato.

L.H. - As prisões ficavam com a polícia?

A.M. - Com a polícia. Nós não fazíamos nada, nada. Não tínhamos a menor interferência, a menor interferência.

Bom, nesse período de Estado-Maior, dá-se um fato que depois me vai aproximar muitíssimo do Golberi. Quando eu estava no Estado-Maior, eu fiz várias viagens de inspeção, acompanhando o general Agostinho Pereira, que era comandante da infantaria da região. E entre as inspeções feitas pelo general Agostinho, eu guardo bem a memória da que fizemos em Joinville, no 13 BC. A inspeção no 13 BC, como toda inspeção militar, é feita: o general vai, com uma comitiva, cada um encarregado de ver alguma coisa. Um vai ver a parte administrativa; o outro vai ver a parte de organização, de estrutura; o outro vai ver a parte financeira da unidade, e outro a parte de instrução. E esta era comigo. E na demonstração feita pelo 13 BC, houve uma demonstração de ataque. Muito bem feita. E quem coordenou foi o tenente Golberi. O tenente Golberi que até então eu não conhecia, tinha sido o primeiro aluno da turma, como eu já disse, em 1930. Estava em Joinville e lá tinha se destacado como um homem de grande capacidade de trabalho e de estudos militares. E organizou essa demonstração de ataque de uma maneira excepcional. Eu dei minha observação ao general Agostinho e o elogio para o 13 BC foi muito grande. Foi para unidade. Mas procurei cerrar sobre o tenente. Então vim, conversei e senti... porque eu era capitão e ele tenente antigo, e tivemos uma primeira aproximação. E, logo em seguida, sentindo que o problema da guerra se aproximava, o general Dutra resolveu fechar a Escola de Aperfeiçoamento, para poder apressar a reunião da tropa, sem que os oficiais se

afastassem. Eu não sei bem as épocas. Mas ele permitiu que oficiais sem curso de aperfeiçoamento, fizessem o concurso diretamente para a Escola de Estado-Maior, a fim de ganhar tempo.

E eu estou em Curitiba, poucos meses depois, quando se realiza o concurso. E um dos candidatos era o tenente Golberi, que não tinha Aperfeiçoamento. E dá-se um fenômeno - coisas que a gente faz de brincadeira, na vida militar - uma das provas iniciais era, como eu disse, de direção de automóvel. [risos] E eu fui encarregado... O oficial de Estado-Maior precisa saber escrever a máquina - como eu já disse, eu era um bom datilógrafo -, saber nadar, saber montar a cavalo, saber dirigir automóvel...

A.C. - O senhor não leve a mal a comparação, mas é como o rei da Inglaterra... Tem que saber pilotar helicóptero. [risos]

A.M. - Nos obrigavam a tudo!

Mas, então, nós tínhamos lá um "ford bigode", que era a vítima. O Golberi chegou do meu lado, e entra, sobe, não sei o quê, e chegou numa ocasião, numa ladeira, eu disse: "Bom, agora você perdeu o freio de pé e vai fazer uma manobra para botar em marcha ré. O Golberi, afobado, quase jogou o carro pela ladeira, [risos] e eu fiquei rindo como o quê! Depois ele esteve contando - isso aí não tinha expressão nenhuma, não tinha valor nenhum -, ainda há pouco tempo ele me recordou, para um amigo nosso. Ele, tenente com dinheiro curto, alugou um automóvel para treinar. Logo nos primeiros treinamentos deu uma batida e gastou todo o dinheiro e disse: "Agora eu vou fazer o que eu sei..." Ele era barbeiro... E eu acho que até hoje ele é... [risos] O fato é que ele ficou afobado. Mas isso aí é só uma anedota. O fato é que ele fez as provas todas, saiu-se muito bem e foi matriculado diretamente na escola.

L.H. - Ele avançou em relação aos outros mais antigos, talvez?

A.M. - Avançou. E na Escola de Estado-Maior ele vai ser companheiro dos Geisel - do Orlando, do Ernesto - do Rodrigo Otávio, do Juraci... Todos bem mais antigos do que ele... do Cintra...

A.C. - Foi uma espécie de carreira precoce?

A.M. - Foi... ele era uma pessoa... Ele e o Geraldo Cortes, vamos nos encontrar todos na Escola Superior de Guerra.

L.H. - Isso prejudicou, de alguma forma, o quadro de promoções? Porque perturbou um pouco...

A.M. - Não, cada um chega a sua faixa. No Exército, antigamente, havia uma faixa grande para escolha. Essas faixas foram sendo restringidas de maneira a evitar o que chamamos caronas muito grandes; de maneira que o oficial de destaque vai passando, alcançando. É muito difícil que um oficial chegue a ultrapassar a turma antes da dele e entre duas turmas antes. Quando ele é muito bom, ele entra na turma anterior. É o normal. Duas turmas são raros. Há, mas são raros.

Mas então, vem esse caso que eu queria contar com o Golberi, e nesse momento, eu estou lá quando recebo um recado do Canrobert. Eu iria para a Escola de Estado-Maior. Eu disse: "Não quero ir, estou bem aqui em Curitiba". Ele disse: "Não, você vai para a Escola de Estado-Maior".

L.H. - O Canrobert, nessa época, ele...

A.M. - Era chefe do gabinete do Estado-Maior do Exército - coronel. Eu tinha trabalhado com ele no CPOR, na Escola de Aperfeiçoamento, e agora ele me chama para a Escola de Estado-Maior. Eu estava lá, ele me chama. Eu escrevo para ele: "Ah, coronel, eu quero ficar aqui..." E ele: "Não, eu não estou lhe perguntando". E lá fui eu para a Escola de Estado-Maior.

L.H. - Agora como instrutor?

A.M. - Agora como instrutor.

Então entro numa outra fase da minha vida. Na Escola de Estado-Maior, eu passo cinco anos civis, seis anos letivos. E vem a guerra. Tendo vindo a guerra, havia necessidade de apressar a formação de oficiais com o curso de Estado-Maior. Isso fez com que se abreviassem as férias. Nós tínhamos dez ou 15 dias de intervalo entre um ano letivo e outro. Foram anos de um esforço intelectual e físico fora do comum. Muito úteis para mim, porque me obrigaram a estudar loucamente e fazer uma prova. E tomei contato com uma porção de companheiros que ficaram meus amigos para o resto da vida.

Na Escola de Estado-Maior, como eu disse, vamos falar de anos letivos.

L.H. - O senhor era instrutor de quê?

A.M. - Comecei sendo instrutor de tática de artilharia, no primeiro ano. Depois, tática de artilharia, no segundo ano. No terceiro ano, tática de artilharia, e, aí, se dá a falta de um instrutor de tática geral e eu passo para tática geral. Nos anos seguintes, como instrutor de tática geral, peguei uma turma de segundo e terceiro anos; depois uma outra de terceiro ano. Então, agora, vêm várias considerações desse período. Primeiro: dá-se uma necessidade de trabalho em equipe, de instrutores, porque aumentam as turmas e começam a dar instrução de manhã e repetir à tarde o mesmo assunto. E o ensino da tática reorganiza-se criando-se situações reais ou próximas do que seria a realidade. A instrução de tática de fazia utilizando o método de discussão dirigida. Isto exige debate constante do instrutor. Ele tem que estar muito seguro com a turma, com os alunos, porque ele lança as idéias, pede as opiniões e depois entra com a opinião dele, debate as opiniões, aceita as válidas para depois dizer: "Mas a solução é esta".

Para que se possa prosseguir o trabalho. E, naturalmente, o instrutor deve apresentar uma solução que seja lógica, que seja aceita com facilidade. Os trabalhos eram uma manhã inteira, três, quatro horas seguidas de instrução, e obrigavam o oficial, o instrutor, ao preparo da sessão com um número de horas pelo menos três, quatro, cinco vezes maior do que o tempo de aula. Então, para uma sessão de duas horas levavam-se 11, 12 horas de preparação.

L.H. - O senhor utilizava nesses aulas, como exercícios, situações da guerra, propriamente, ou não?

A.M. - No início não. No princípio, tínhamos que trabalhar com cartas brasileiras. Nós utilizávamos o que existia no momento. Então tínhamos que montar temas em cartas brasileiras. Imaginávamos o que se chama o estado vermelho, o estado azul, entravam em guerra, tinha um aliado amarelo. O exército vermelho fez isso, o exército azul fez isso, o comando de tal... Dentro dessa hipótese criavam-se países artificiais. O estado de Minas com o estado de Espírito Santo fazia uma fronteira, era um país ao norte um país no sul... Dentro de São Paulo, pegávamos tantos municípios, criava-se a situação. O que importava é que, dentro do quadro que se criasse, fossem postas situações que a gente destacasse determinados princípios. Porque em tática, o que prevalece são princípios. Aqueles princípios doutrinários devem estar baseado numa doutrina e, além de baseados numa doutrina, de acordo com o que se chamam... os princípios de guerra.

A.C. - E onde entra a estratégia nisso tudo. Há curso de estratégia no currículo?

A.M. - A estratégia começa a aparecer, quando se trata de grandes escalões. Porque na pequena unidade, na divisão de infantaria, até divisão não entra estratégia; e entra o combate. Quando começa a crescer, é que entram as batalhas. E a estratégia é, muitas vezes, a junção de batalhas. E a estratégia é principalmente... a definição é: a arte do general. A arte do general, que é reunir meios no momento adequado para tomar uma atitude numa direção certa. Se reúno meios num lugar errado, eu não tenho vantagens. Se reúno os meios no momento errado, eu não tenho vantagens. Se atuo numa direção errada, eu também, não tenho vantagens - ou tenho menos vantagem. Então a estratégia é a reunião de ações para um conjunto de grande volume, para se atingir um objetivo afastado, vamos dizer assim. Então é a estratégia elevada, que até a guerra era uma coisa absolutamente militar. E que depois da guerra passou a ser generalizada. Extrapolou-se o sentido de estratégia. Nós vamos encontrar isso nos programas que vamos ter, depois, gravados, lá na Escola Superior de Guerra. Lá, nós tivemos que fazer a grande campanha no Brasil, para a extrapolação no sentido de estratégia.

[FINAL DA FITA 12-B]

A.M. - ... Ele, inclusive... Foi dessas coisas, coitado, o Osvaldo Orico. Eu vou contar depois? Quando falar do método de trabalho da Escola Superior de Guerra, que é diferente do método da Escola de Estado-Maior e das outras escolas. Cada escola tem um método de trabalho.

A.C. - Mas do currículo da ECEM constava um curso sobre estratégia?

A.M. - Não há curso sobre estratégia. O que há é um curso sobre tática - estuda-se tática - e noções de estratégia. A estratégia é uma ação acima da tática, em que se procura a finalidade maior. E na Escola, isso cabe, normalmente, ao governo ou ao alto comando. Então, na Escola de Estado-Maior formam-se comandos...

A.C. - No fundo, não se ensina estratégia. Estratégia é alguma coisa que as pessoas definem?

A.M. - Tem-se que saber o sentido e o que é. Mas depois vamos falar sobre isso aí. Por exemplo, estudam-se - como estudamos - as guerras napoleônicas. Quando se estuda a história militar, estuda-se muito mais estratégia do que tática: Por que Napoleão organizou suas tropas em tal direção e marchou contra tal área para obter tal efeito. Isto é estratégia militar pura. Quando Caxias reuniu as tropas em Tuiuti, preparou-as, depois saiu numa marcha de flanco, fez a região de Truiçuê e a Dezembrada, isto é estratégia, porque ele fez um envolvimento de massas. Mas a forma como os homens estavam brigando lá dentro e como Osório agiu, isto é tática. Aquela ação imediata é tática. A Batalha de Tuiuti foi um ataque paraguaio ao acampamento brasileiro, em que os brasileiros lutaram, mas não houve estratégia. Houve tática, combate.

Então, está sentindo uma certa gradação? É muito difícil explicar para um leigo. Mas creio que...

A.C. - Acho fascinante essa relação entre tática e estratégia, porque, no fundo, há a impressão de que são a mesma coisa; só que a estratégia é a tática em ponto maior.

A.M. - A estratégia é, vamos dizer, o que fazer a tática é como fazer. Eu vou dar um belo jantar, uma recepção, para uma autoridade. Esta é a minha estratégia. Mas, como fazer? Eu vou chamar a cozinheira, vou preparar não sei o quê, vou fazer isso... Esta é a tática.

L.H. - Eu queria fazer uma pergunta, já pedindo desculpas se o senhor achá-la muito impertinente: Não havia nenhuma reação dos alunos, no momento em que havia uma guerra verdadeira acontecendo lá fora, por ficarem estudando o "exército vermelho" contra o "estado azul", contra o "estado amarelo"? Não havia nenhuma vontade de ver exatamente o que estava acontecendo lá fora?

A.M. - Isso era um trabalho permanente de pesquisa que nós fazíamos, como instrutores, para poder-mos transmitir esses novos conhecimentos.

Por exemplo: evidentemente, a segunda Grande Guerra trouxe a Blitzkrieg, que era desconhecida nos nossos regulamentos mas de que nós tínhamos alguns dados. Então, nos nossos temas, procurávamos botar situações em que isso, mais ou menos, acontecia. Mas não tínhamos base suficiente; então não avançávamos demais. Dávamos uma noção e parávamos, porque nós mesmos não sabíamos. Eu não posso transmitir um conhecimento que eu não sei. As coisas estavam acontecendo, no início, experimentalmente. Depois vamos ver isso quando eu falar da minha ida aos Estados Unidos.

Fui para a escola em 1942; em 1943, o Brasil entrava na guerra. Passei 1940 e 1941 em Curitiba. Fiquei de 1942 a 1946, - cinco anos civis, seis letivos - na Escola de Estado-Maior.

Nesse período, como eu disse, peguei o primeiro, segundo e terceiro anos, na artilharia, depois passei para a tática geral, e, nesse momento, o Brasil fez a declaração de guerra. Houve o afundamento do navio brasileiro. Já aí, o clima era francamente pró-Aliados. Há uma porção de conseqüências imediatas, com o problema da Siderúrgica, que está embrulhado aí no meio; Volta Redonda aparece; o corredor de Natal começa a funcionar. Há todos esses problemas. Nós ainda não tínhamos informações suficientes sobre o que

estava se passando na guerra, mas, de qualquer maneira sentíamos que íamos caminhar para uma ação ao lado dos Aliados. Nesse momento, os Estados Unidos passaram a ser o grande arsenal da democracia. Eles forneceram armas para a França, a Inglaterra e a Rússia e vieram nos preparar também, para que pudéssemos utilizar o armamento americano se fôssemos para o estrangeiro. Então oficiais americanos vieram servir na parte de instrução direta. Já passou a haver alguma coisa trazida da guerra. E, embora continuando como instrutor da escola, tomei conhecimento de certas evoluções. Eu, como velho artilheiro, tomei conhecimento, por exemplo, da evolução do americano na técnica de tiro. Depois, vou contar o que foi a mobilização americana e como os americanos tiveram necessidade de simplificar os métodos e os processos de ação, para poderem, rapidamente, preparar os seus homens para a luta.

Nesse momento - e aí já estamos em 1944 - o Brasil mandou uma missão com o Mascarenhas, para o norte da África, para acompanhar o desembarque que estava sendo feito por Eisenhower. Em seguida, o Brasil se preparou para mandar uma força expedicionária. E houve muita reação: os que queriam, os que não queriam... os que achavam que o país devia, os que achavam que não devia ... O fato é que se começou a organizar a FEB.

Na organização da FEB havia um trabalho interno e um trabalho de adaptação dos novos métodos americanos. Iríamos trabalhar dentro do esquema do Exército americano. Um exército não é uma unidade fixa, enquanto um regimento, um batalhão, uma brigada e uma divisão são unidades que têm uma estrutura; o Exército junta uma divisão, tira uma divisão... Eu organizo um exército de acordo com o fim que quero obter dele. Aí eu estou entrando na estratégia.

Vamos dizer, que precise atuar na península italiana, que é montanhosa. Então eu preparo um exército com tais e tais características, integro a divisão ... Já estou fazendo estratégia. Mas, a unidade que vai para lá vai fazer tática: é a unidade constituída.

A.C. - Vai aplicar aqueles princípios.

A.M. - Vai aplicar os conhecimentos normais que ela tem.

L.H. - Mas, de qualquer forma, já sai da origem um exército próprio, com as características que vai entrar lá.

A.M. - Se não, é um erro de estratégia e vamos aplicar meios inadequados ao lugar... Se, por exemplo, a tropa vai trabalhar na neve, tenho que prepará-la para trabalhar na neve e não mandar uma tropa acostumada a trabalhar no Senegal. É completamente diferente.

Então, um exército, como eu digo é uma unidade concebida para um determinado fim estratégico. E é por isso que se estuda a estratégia na Escola de Estado-Maior. Mas estuda-se quase que os princípios que geram a estratégia, e em cada caso mostramos... Não ensinamos estratégia como se ensina música. O indivíduo custa a se exercitar; acaba tocando piano se tem qualidades, se não, não toca nada.

A.C. - Se estou compreendendo bem o espírito da definição de estratégia, é o lado da maior criatividade humana, o lado da inventividade, da solução dos problemas que não estão resolvidos. Então é por isso que não dá para ensiná-la da mesma maneira que se ensina tática, que é um adestramento.

A.M. - A tática é o ensino do como fazer. Mas o que fazer é muito difícil. É tão sutil, que se precisa conhecer uns tantos princípios, para depois, então, sem ofender esses princípios, ou procurando equilibrá-los, resolver o problema da melhor maneira.

A.C. - Será sobre essas coisas que o marechal Castelo Branco fez a conferência sobre a dezantrada?

A.M. - Ele mostrou certas coisas sobre isso. Mostrou a parte de estratégia de Caxias. Foi uma conferência excepcional.

L.H. - Na última sessão, o senhor estava falando sobre o general Marshall. O senhor disse que achava que ele teria sido, talvez, o maior estrategista. O senhor acha que aquela visita que ele fez ao Brasil já era, de certa forma, uma sondagem das possibilidades de utilização do Exército brasileiro?

A.M. - Era a tendência de aproximação. Os americanos sentiram que o Brasil tinha necessidade de ficar ao seu lado. O Brasil, de qualquer maneira, era uma tranquilidade do Atlântico Sul. Era a tranquilidade de um território que poderia ser amanhã, como foi, o trampolim para a África. Então, o Brasil tinha que estar ao lado americano. Dentro da estratégia geral tinha-se de trazer o Brasil para o lado dos Aliados... Uma visita de cortesia, aproximação... foi isso, estratégia.

L.H. - Eles já estavam, naquela época, sondando as possibilidades?

A.M. - Com a finalidade de o Brasil poder atuar com maior vigilância no Atlântico Sul: a Marinha trabalhou muito nisso e a Aeronáutica também. O Brasil poderia atuar como um meio de apoio para o transporte de tropas para o lado da África, onde os americanos iam desembarcar (naquela ocasião não tinham desembarcado ainda). Então, tudo isso é o que chamamos de lado estratégico.

Então, dentro disso, vieram instrutores americanos para mostrar como estavam adestrando as tropas que eram remetidas para além-mar. Para nós, por exemplo, na parte de artilharia, era muito simples: a adaptação do sistema francês de tiro para o americano é uma simplificação apenas.

Para outros problemas, por exemplo, em problemas logísticos, foi um verdadeiro ensinamento. Não tínhamos recursos, porque as despesas militares em terra eram muito grandes... O sistema logístico de apoio - munição, fardamento, equipamento, alimentação, gasolina e tudo isso - exige uma técnica que nós não tínhamos. Então tivemos que aprender com os americanos. Eles vieram nos trazer ensinamentos e, ao mesmo tempo, os métodos de trabalho de estado-maior, e não de concepção. Em concepção nós não tínhamos nada a dever ao americano, mas os métodos de trabalho dos americanos nos estados maiores eram diferentes dos nossos. Por uma razão muito simples: nós aqui formávamos um oficial de estado-maior e o preparávamos para atuar em qualquer seção: primeira, segunda, terceira ou quarta (naquele tempo não havia ainda quinta, sexta e outras). Mas os americanos não tinham o número de oficiais suficientes para isso. Foram obrigados a fazer uma simplificação e especialização de tarefas. Um oficial de segunda seção era um oficial de segunda seção; um oficial de primeira era um oficial de primeira; o de terceira, de terceira e

o de quarta, de quarta. Para mudarem de seção, precisam fazer uma nova adaptação, porque não sabem nada, ou poucos sabem, da outra seção. Não saem daquele setor. Mas naquilo eles aprendem muito bem. Não entram mesmo na parte de execução, que é dada muito por cima. E, ao mesmo tempo, eles criavam no trabalho de estado-maior um sistema muito prático: os files americanos são perfeitos. Vamos ao arquivo da 1a., 2a. ou 3a. seção, e pegamos os mapas: está tudo marcadinho, tudo arrumadinho. Aquilo é feito com uma perfeição... Os americanos foram buscar o que havia de melhor e começaram a empurrar, adentro da Escola de Estado-Maior essa metodização compartimentada do trabalho de estado-maior. Nós precisávamos conhecer isso tudo. Ao mesmo tempo, a guerra estava em evolução. Muitas coisas que não se faziam antes da guerra estavam sendo feitas: novos materiais e novas técnicas de execução. E isso, lá nos Estados Unidos, no Forte Leavenworth, era constantemente trazido da frente de batalha diretamente para a escola. Ou vinham os oficiais que tinham realizado uma determinada operação na frente ou os relatórios por eles enviados eram examinados na escola de Leavenworth e apresentados aos alunos. Era o que havia de mais moderno nas modificações das grandes linhas. As grandes linhas não se mudam, mas as pequenas mudanças dependem muito da evolução do material. Se eu tenho um canhão que atira 2km eu ajo de uma maneira; se eu tenho um que atira a 10 km, eu ajo de outra maneira.

L.H. - Mas é sempre um canhão.

A.M. - É um canhão. E a idéia de uso do canhão é a mesma. Essas coisas é que são as adaptações táticas. A troca de informações entre a frente e a escola era permanente. E aí vem aquele grande homem que eu mencionei o general Trusdel. Inclusive, achei um retrato em que ele está com a nossa turma.

L.H. - Ele era o comandante do forte?

A.M. - Implorou para ir para a frente e nunca foi mandado. O Marshall nunca o mandou, deixou-o lá até o fim da guerra. Mas ele teve as maiores condecorações nos Estados Unidos. Menos a medalha do Congresso, porque esta foi para feitos de bravura que ele não teve, porque não participou. Mas o Trusdel foi um dos grandes homens da guerra, nos Estados Unidos.

A.C. - O que ele era, exatamente?

A.M. - O comandante da escola de Leavenworth. É um comando de Estado-Maior. Ele era o único que pegava os dados da frente, traduzia-os em técnicas novas e aplicava a elementos com pouco conhecimento militar. Especializava estes elementos para coisas novas, com o objetivo de mandá-los para a frente para combaterem imediatamente. Os homens saíam da escola e já eram mandados para a frente.

A.C. - Mas isto é um fato novo, porque em geral, a formação, o preparo, etc... Quer dizer, havia mais ou menos, uma formação, e os resultados eram percebidos talvez mais tarde. Mas nesse caso, não; nesse caso era...

A.M. - Lá não havia tempo. Eles eram jogados na frente. Iam mostrar se tinham aprendido ou não lá, debaixo de bala.

A.C. - Mas eles já estavam trabalhando com os dados fornecidos pela própria frente?

A.M. - Pela própria frente. Eles estavam sempre atualizados. E mais: certas manobras, certas batalhas, certas ações que eram empreendidas na frente - até com prevenção - eram estudadas na escola.

Por exemplo, um caso típico: a invasão da Normandia foi estudada às claras na Escola de Estado-Maior. Vários oficiais brasileiros assistiram e trabalharam dentro de um quadro que era a invasão da Normandia.

A.C. - E como é que se dava isso? Como é que se mantinham essas informações secretas? Isto não era perigoso?

A.M.. - Não, porque tanto faziam ali, quanto em Calais, quanto noutra região. Há um livro interessante, que conta como é que os alemães foram enganados. Pensavam que o desembarque ia ser em Salermo e foi na Sicília. Os americanos diziam: "Desembarque na Sicília. Vamos desembarcar em Salermo. Vamos desembarcar na Grécia..." E jogavam as informações dando a impressão de que o desembarque era noutro lado.

A.C. - Mas, de qualquer forma, podemos sentir um contraste enorme entre o sistema americano e o francês. O francês era de uma morosidade total, não respondia a nada.

A.M. - O americano, o Trusdel, quando nos recebeu, disse: "Os senhores tiveram a mesma origem de formação que a nossa. Nós também fomos formados pelos franceses. O que nós fizemos aqui foi uma adaptação. Para os senhores não haverá dificuldade, porque o que os senhores vão ver são simplificações.

A.C. - Como é isso?

A.M. - As marchas, por exemplo: eu aprendi no Brasil a fazer marcha: mas aqui, parte era a pé, parte a cavalo e alguma coisa motorizada. Lá tudo era motorizado. Então, muda uma porção de aspectos. Mas as teorias são as mesmas. É o problema de ver a velocidade ... No caso das marchas há uma noção que muda, ou que toma outro valor: nas marchas a pé ou a cavalo - eu estou entrando em detalhes, mas não faz mal - o que importa é a profundidade da coluna: um regimento de infantaria tem uma profundidade na estrada, em tal situação, de 1,5km. Quando passa a ser motorizado, eu digo assim: um regimento de infantaria motorizado escoar em 15 minutos. O problema de profundidade deixa de ter importância, para crescer a importância do tempo de escoamento. São pequenas coisas, mas a noção é a mesma. Primeiro se jogam à frente os elementos de menor velocidade, depois os de maior velocidade. Essas coisas são sempre as mesmas, mas adaptadas aos meios que se possui.

L.H. - Quando o senhor foi para Leavenworth?

A.M. - Agora é que eu vou entrar no assunto. Nesse momento, começa-se a se pensar em organizar a FEB. Então, faz-se uma primeira chamada de oficiais que vão, propriamente, criar a divisão.

Vão o Mascarenhas de Moraes, o Cordeiro, o Zenóbio, o Castelo, o Krueel, o pessoal que ia mobiliar, já tinham sido convidados. Vão fazer uma turma.

Depois, vai uma outra turma para Leavenworth. Os de infantaria iam para Forte Benning, de artilharia para Forte Sill, de engenharia para Forte Belvoir, para estudarem as técnicas das armas e adaptá-las ao material americano. Depois, o americano mandou esse material, para que a tropa aqui pudesse se ambientar. Então, foi havendo uma preparação. Ao mesmo tempo, como sempre acontece, era preciso fazer a chamada das reservas. Um número elevado de oficiais da reserva foi convocado para mobiliar os postos de primeiros e segundos tenentes da FEB.

Muitos tenentes eram de carreira. De capitão para cima, todos eram de carreira. Não foi preciso fazer como os americanos. Até coronel veio da reserva. O americano teve necessidade de fazer isto. Só os generais eram de carreira. Isso no início, para certas funções; depois, não, porque, por exemplo, o Walters nunca foi de carreira e foi a general.

L.H. - O almirante Straus, se não me engano, também não era de carreira e ganhou patente.

A.M. - Pois é, mas os grandes chefes eram todos de carreira.

Nessa ocasião, eu fui na terceira ou quarta turma. Fui com uma outra finalidade. Como eu era instrutor, eu fui para uma dupla função. Havia a previsão de que iriam mais de uma divisão e, possivelmente, um corpo de Exército. Então, eu iria para uma dessas divisões ou para o corpo de Exército, ou ainda, eu ficaria na escola. Então, eu fui mandado para lá com essa dupla finalidade: ir para a frente ou ficar na escola.

L.H. - Quem estava no seu grupo?

A.M. - O chefe foi o meu velho e querido tenente Júlio Teles de Menezes, já então coronel: um homem que me puxou as orelhas, quando eu era quase aspirante. Depois: o Poppe de Figueiredo; o Paiva, de cavalaria; o Floriano; o Mendes Pereira; um outro rapaz, de cujo nome não me recordo, e o Golberi. O Golberi foi no meu grupo.

L.H. - Como é que essas pessoas eram escolhidas, general?

A.M. - Eram oficiais que pudessem apreender o que estava sendo feito. Quando voltassem ao Brasil, seriam remetidos à frente ou transmitiriam os conhecimentos que adquiriram. Esta era a finalidade da ida. Muitos foram para a Itália, muitos não foram à Itália.

A.C. - O Golberi foi?

A.M. - O Golberi foi, no final. Da minha turma, só foram o Golberi e o Floriano Machado. Os outros não foram. E lá nós encontramos, por exemplo, o pessoal da Aeronáutica: o Ivo Borges, o Melo, o Martinho Cândido dos Santos ...

L.H. - O "Melo Maluco"?

A.M. - O "Melo Maluco", que era meu velho companheiro de Escola Militar. Continuamos amigos toda a vida. Já disse que meu irmão era instrutor lá, e o Melo fazia umas loucuras... Não sei se contei esse episódio.

[FINAL DA FITA 13-A]

A.M. - Nós saímos do Rio de Janeiro em agosto de 1944. Se não me engano era a quarta turma que ia para Leavenworth. Naquele tempo a viagem de avião era demorada. Nós pegamos um DC-3. Saímos de manhã aqui do Rio. Fomos a Salvador e de lá para Recife. Dormimos no campo de Parnamirim lá em Natal. Noutro dia, vinha um avião da África, com material para recondicionar. Era um outro avião, que nós chamávamos "navio negreiro". Era um avião livre no meio, com bancos laterais. Sentávamos juntinhos ali, sem conforto nenhum. Pegamos esse DC-3, saímos de Natal, fomos a São Luis, chegamos a Valdecães, no Pará. Tomei contato com a Amazônia. Conheci a primeira chuva da tarde. Chegamos lá num calor louco. Saltamos do avião, lá em Valdecães, sem saber se estávamos a 1m ou se estávamos no chão. Uma coisa tremenda.

No outro dia pegamos o avião e, saímos para Georgetown, Trinidad, Porto Rico e Miami. Saímos às quatro e meia da manhã de um dia e chegamos em Miami às duas ou três da madrugada hora brasileira. O avião não tinha autonomia. Lá foi o nosso primeiro contato com os Estados Unidos. Chegamos cansadíssimos e com fome. Em Miami, era mais ou menos meia-noite. Para acharmos onde comer foi uma dificuldade. Ninguém entendia inglês, era uma coisa... Ficamos em Miami um ou dois dias para descansar e pegamos um trem, com baldeação em Atlanta e depois para Leavenworth. Descemos em Kansas, onde pegamos um ônibus para Leavenworth. Lá o ambiente era maravilhoso.

Os fortes americanos são extraordinariamente bem equipados. Principalmente o Forte de Leavenworth, que é, vamos dizer, uma Quinta da Boa Vista com edifícios de moradia e de aulas dentro de um parque. É um parque.

Nós tínhamos algumas aulas de preparação, iniciais, no Gouber Hall. Era uma sala relativamente pequena. Depois fomos jogados na grande sala de instrução dos americanos. Então, pela primeira vez eu vi - a primeira e única vez na minha vida - um salão, comportando de oitocentos a novecentos alunos, um palco imenso, com tudo escrito, no sistema de apresentação americano, um instrutor falando em inglês e nós, lá no fim, sem entender o que os homens diziam. Recebemos uma porção de regulamentos e notas, tudo muito bem organizado. De noite é que nós íamos entender o que tinha havido de manhã. Era uma loucura. Passamos três meses em Leavenworth.

Foram três meses em que ouvíamos chinês, ou coisa que o valha, e de noite líamos em inglês o que tínhamos ouvido em chinês. No fim de algum tempo, começamos a acostumar o ouvido. Ao mesmo tempo, pedíamos intérpretes e, com isso, íamos nos equilibrando, fazendo os trabalhos. Nós tínhamos uma orientação e o intérprete vinha às vezes e nos traduzia... O sistema americano era de prova em cima de prova... A sessão se interrompe, fala-se uma coisa e dá-se um exercício em seguida. O trabalho é intensivo: quatro a cinco horas de manhã e outras três a quatro de tarde, durante seis dias na semana. Parávamos aos sábados, às seis horas da tarde. E era a guerra: os americanos, estavam nos preparando para seguirmos para a frente.

Foi lá que eu conheci o então tenente Moura, que depois foi adido militar e hoje está trabalhando na Mendes Júnior. Ele falava um português bem carregado de Portugal. Hoje ele fala um português do Brasil.

Lá em Leavenworth nós estudávamos tremendamente. E, como sempre, havia as anedotas. Por exemplo, o Paiva não entendia uma palavra de inglês e havia um americano que não entendia uma palavra de português. Mas eram grandes amigos, saíam juntos... O que eles falavam, como é que se entendiam, eu não sei. Cada um falava na sua língua, sabiam tudo e conversavam sobre tudo. Eu não sei como é que eles faziam.

L.H. - Havia alguma folga ou o sistema era de colégio interno? Não se podia sair do forte?

A.M. - Só tínhamos liberdade aos sábados e domingos. Eu geralmente ficava. Havia o clube e um bom cinema no forte, e o comandante fazia recepções. Nós, brasileiros, de vez em quando éramos convidados para a casa de um oficial instrutor, ou de um outro oficial, para sentirmos um pouco o meio familiar americano.

A.C. - Os brasileiros estavam misturados com os americanos no sistema de cursos?

A.M. - Nos tínhamos um edifício nosso, com vários andares. Eram apartamentos. Tínhamos um apartamento com quatro quartos, dois de nós em cada quarto.

L.H. - Não levaram as famílias?

A.M. - Não!

L.H. - Mas no sistema de cursos, vocês estavam junto com o americano?

A.M. - Sim. Nós, que já tínhamos o curso de Estado-Maior, entendíamos o problema. As vezes, eles estavam afobados, mas nós já tínhamos uma base que eles não tinham. Só que tínhamos a dificuldade de língua e adaptação às simplificações. Mas nós, rapidamente, entendíamos aquilo.

Por exemplo, dominamos rapidamente, o problema, do trabalho das seções. Eles procuraram simplificar uma porção de coisas que hoje já botamos no nosso Exército. Foram realmente achados práticos, situações práticas únicas.

L.H. - Não serviram só para a emergência de guerra?

A.M. - Não, serviram também... Depois eu trouxe tudo isso para a escola.

A.C. - Conte para nós uns exemplos dessas coisas que foram assimiladas.

A.M. - Por exemplo: quando se dá o contato de tropas, de uma frente e de outra, há a busca de prisioneiros, para a identificação das tropas que estão na frente. Eu sou um americano e prendo um alemão. Mas quem é esse alemão? Então, vou perguntar até saber que ele é do 4º Batalhão de tal regimento. Os americanos têm um levantamento: o 4º Batalhão pertence a tal divisão. Então, é possível que na frente haja uma divisão. Onde há a divisão bota-se uma bandeirinha, um sinal: tal batalhão. Daqui a pouco vem outra coisa e a frente é desenhada, com as identificações. Começa a aparecer o quadro da frente inimiga. Tem-se na frente tal divisão, uma divisão de infantaria que está se reunindo. Os americanos fazem a observação aérea, vêem reuniões e conforme o vulto do volume... Nós não tínhamos o hábito de formar esse quadro. Eles nos deram.

Outra coisa interessante, a que nos habituamos, era um sistema de ordens muito simples. Os americanos simplificaram as ordens: De acordo com o sistema francês, a ordem é muito longa. Os americanos faziam ordens muito sintéticas, dizendo apenas o indispensável. Nós também trouxemos esse sistema, hoje, para o Brasil. Simplificamos. Por exemplo, nas

nossas ordens, tínhamos o que chamávamos a idéia de manobra. A idéia de manobra, numa ordem é uma exposição feita pelo chefe do que e como ele pretende fazer. O subordinado, então, já sabe que ele vai atacar, aqui, mas há uma outra unidade ali, que ele vai ocupar aquele ponto, para depois fazer isso... Ele desenha o que ele pretende fazer. Isso é a idéia de manobra. Ela tem uma grande vantagem: permite que, no caso da condução do combate quando as coisas não correm como foram previstas e surgem situações inopinadas, eu saiba qual era a idéia geral. Eu tenho que me adaptar, de maneira a manter aquela idéia. A idéia de manobra orienta e limita a iniciativa dos subordinados. Não sei se ficou bem claro. Estou dando um pouco de ordem tática...

Então, nós fazíamos aqui idéias de manobra muito grandes. E os americanos fazem sintética. Por exemplo: atacar numa direção. Eu digo assim: "Atacar na direção tal". Eles metem uma seta em cima da carta. Eles fazem as ordens em pequena escala, em cima da carta. Ali eles riscam. Aquilo suprime uma porção de palavras. Por exemplo, o limite é no rio tal, ou no morro tal. É só riscar na carta: é aqui o limite. Não é preciso dizer. São simplificações muito úteis. Isso é que os americanos nos trouxeram.

L.H. - Talvez porque os americanos tivessem que lutar num território de língua...

A.M. - Não é só o inimigo. É que pessoal não tem tempo de ser preparado, de maneira que tem que aprender coisas muito simples.

L.H. - Uma das coisas mais importantes da participação inglesa na guerra foi o problema daqueles comandos, grupos muito pequenos, ágeis etc., com ações muito perigosas. Em Leavenworth vocês tiveram algum tipo de experiência nesse gênero?

A.M. - Não. Leavenworth, como uma escola de operações de estado maior, estuda as operações de estado-maior. As operações dos comandos são especiais. São executadas por homens especializados. Aliás, tanto do lado inglês quanto do alemão. Não sei se vocês leram o livro do Otto Skorzeni uma maravilha. Ele conta a liberação de Mussolini e as ações na Austria e na Alemanha. O Otto Skorzeni era um comando excepcional.

Não estudamos esse problema mas tínhamos notícia da ação de comando. Isso era um treinamento especial, para homens que aprendem a lutar quase isoladamente. Não são ações de conjunto, porque o que se faz no estado-maior são ações de operações de guerra de unidades. O Forte Leavenworth, tem a Escola de Comando de Estado-Maior do Exército Americano.

A.C. - Só que especializado na arma, porque aqui não...

A.M. - Sim. As armas são: infantaria, Forte Sill... Leavenworth é a mistura de tudo. A tática geral usa as diferentes armas, combina as armas. Há uma infantaria, uma artilharia, engenharia, comunicações... A parte de logística, a tática reúne todos elementos para obter a finalidade, porque ninguém combate sozinho. E o elemento-chave é infantaria. O carro entra, mas, no fim, as unidades blindadas levam a infantaria. No fim é como eu digo: a gente só conquista o terreno quando o pé do infante está lá.

A.C. - E isso quer dizer, então, que os melhores iam para Leavenworth, mais do que para o Forte Sill e os outros.

A.M. - Outra coisa: no Estado-Maior, aqui, no Brasil faz-se uma seleção voluntária: o indivíduo que se sente com coragem com vontade de enfrentar o concurso, com vontade de prosseguir na carreira, faz uma auto-limitação.

Há uma auto-seleção e, ao mesmo tempo, o curso é violento. Então forma a elite. Não é que não haja elementos que não tenham cursado o Estado-Maior que não sejam excelentes. O Souza Carvalho foi o melhor troupier que eu conheci na minha vida. E eu tive bons troupiers, como o Alcio, na vida. Eu tive como chefe um Canrobert. Eu vi outros oficiais excelentes. Mas não vi nenhum tão bom quanto o Souza Carvalho, que não tinha Estado-Maior.

O que é preciso, sim, é que o Estado-Maior vá selecionando a elite.

L.H.- De certa forma, é um voluntariado meio compulsório, não é, general? Se o oficial não tiver a Escola de Estado-Maior não ascende ao posto.

A.M. - Mas, em compensação, eu tenho uma limitação, eu tenho um quadro de cem e boto vinte na escola. Então, oitenta ficam de fora.

A.C. - Mas como se fazia a seleção? Qual era o forte que encaminhava os artilheiros?

A.M. - Era o Forte Sill. Lá eles iam comandar unidades de artilharia.

A.C. - Como se dava a seleção de quem ia para Leavenworth e para Sill?

A.M. - Isso eu não sei, mas deve ser o pessoal que foi... Em Leavenworth a grande maioria era gente que esteve na frente de batalha. Grande número de oficiais tinha vindo da frente para Leavenworth. Esses oficiais demonstraram qualidades.

A.C. - Mas no caso do Brasil.

A.M. - No caso do Brasil, nós não temos fortes.

A.C. - Eu me refiro ao envio para lá.

A.M.- Havia um certo número de oficiais que íamos mandar numa divisão. Se íamos mandar uma divisão, tínhamos estado-maior da divisão: tantos oficiais de estado-maior. E nós tínhamos na artilharia divisionária, que foi a do Cordeiro, tantos oficiais de estado-maior. Na infantaria divisionária que era a do Zanóbio, havia tantos oficiais de estado-maior.

Agora, os comandantes de unidade eram de preferência oficiais com o curso de estado-maior, porque eram gente selecionada. Então, vemos nos comandantes de tropa, tanto de infantaria como de artilharia e de engenharia, oficiais de estado-maior. E os seus subordinados imediatos, muitas vezes, também são oficiais de estado-maior.

Por exemplo, no caso da artilharia: um grupo era do Panasco Alvim, com estado-maior. Depois ele foi instrutor comigo. Outro era o Souza Carvalho, que não tinha curso de estado-maior. Outro era o Da Camino, que não tinha curso de estado-maior. E o outro grupo era de um que tinha curso de estado-maior.

Na infantaria, todos tinham o curso de estado-maior. Todos não. O Nelson tinha, o Galhardo tinha, mas o primeiro do 11, eu acho que não tinha. Era um excelente oficial.

Para artilharia, era preciso se ter coronéis, majores, capitães conhecendo... Então mandou-se o pessoal que tinha melhor conhecimento nas armas, diretamente, para fazer o curso para artilharia. Pegou-se gente boa, porque se ia enquadrar oficiais da reserva.

A.C. - Esta foi uma indicação do Estado-Maior das Forças Armadas ou do Ministério da Guerra?

A.M. - Havia uma comissão. Isso aí era meio confuso. Tinha muita gente trabalhando. Havia uma parte de estado-maior que era controlada pelo Estado-Maior. Mas uma parte, a das armas não era, e quase tudo era centralizado no gabinete do Dutra. Quem centralizou quase tudo isso se chama Ademar de Queiroz, um dos grandes organizadores da FEB. Quando terminou, ele foi ao Dutra pedir para ir para frente: "Agora que eu organizei a FEB, eu quero ir". Então, foi para o estado-maior do Cordeiro.

Lá em Leavenworth nós tivemos esses trabalhos. Ainda chegou uma turma seguinte à nossa, na qual estavam o general Adauto, o Ernesto Geisel e outros oficiais. Aí nós tivemos o período de visita aos fortes. A Forte Sill, Forte Benning, Forte Belvoir, de engenharia, e a Camp McCall, que era o campo de treinamento da Divisão Aérea Terrestre. Naquela ocasião, o Brasil não possuía pára-quedistas e recebemos os grandes ensinamentos durante a guerra. Os alemães foram os primeiros a utilizar pára-quedas e depois os americanos organizaram as divisões. Então eu tive oportunidade de ver o treinamento de uma divisão, a 82, que, logo em seguida, foi para a frente. Aliás, já tinha visto uma divisão especialíssima, em Camp McCall. Esse era um campo rústico. Tudo simples, mas muito, muito bom. O que tinha de simplicidade... Eu andei pela primeira vez em planadores para vinte homens. Tenho retratos nesses planadores com vinte homens.

Isso nos deu uma visão perfeita do modo de agir dos estados-maiores americanos e das novas técnicas utilizadas, porque nós aprendemos um pouco mais lá: a questão dos carros e das divisões blindadas, de que nós não tínhamos noção até então. As divisões francesas eram outra coisa. Eram divisões ligeiras. Nós aprendemos, vimos como é que se organizavam as divisões de pára-quedista.

Um indivíduo que já tem um conhecimento de tática rapidamente apreende. Começamos, então, trazer isso para o Brasil ou aplica-lo na frente.

L.H. - O senhor disse que a maior parte dos oficiais voltava da frente para Leavenworth. Vocês receberam visitas de generais da frente do próprio Estado-Maior americano?

A.M. - Quando eles iam, nós nem tomávamos conhecimento. Nosso problema era ir para o auditório e chegar lá às oito horas da manhã, de sair ao meio dia, almoçar e pegar a uma e meio da tarde até as cinco e meia. À noite, íamos respirar. Tive, nessa viagem, a noção perfeita do potencial americano. Naquela ocasião, nós vimos que, realmente, os Estados Unidos eram uma potência industrial capaz de fazer o milagre que fez, de armar os Exércitos americano, inglês, francês e russo. A quantidade de navios, a quantidade de missões de todos esses povos, lá nos Estados Unidos, e o material o armazenado nesses fortes era uma coisa impressionante! O que se gastava de munição para treinamento real... Víamos bala passando para todo o lado. Eles faziam coisas práticas. O indivíduo ou cumpria a coisa ou morria mesmo, no treinamento. Não tinha brinquedo.

A.C. - Não era desenhar no quadro...

L.H. - Não era tiro a giz, não...

A.M. - Não era tiro a giz. Tiro a giz é para quem tem pouca munição.

L.H. - O incrível é que não é só propriamente da indústria bélica, mas na área da logística, mesmo.

A.M. - Na logística... Nunca vi tantos caminhões na minha vida. O jipe foi uma descoberta. O avião DC-3, outra descoberta. Foram os dois veículos de maior projeção na guerra. Com isso, os americanos tiveram imensa capacidade de deslocamento.

Aí terminou o nosso estágio. Ficamos cerca de cinco dias em Nova York, para arejar antes de voltar para o Brasil. Fizemos umas comprinhas...

L.H. - Qual era o clima da cidade?

A.C. - Normal. Todas as famílias tinham gente na frente, mas muita confiança. Era 1944 e o desembarque na Europa estava efetuado. Estava-se combatendo na região de fronteira do Reno. Mas a confiança era absoluta. Na retaguarda... Havia muita gente fardada; então, todo mundo vinha nos perguntar qual era nosso posto, de que país éramos... Eu acabei dentro de uma classe. Eu sempre gostei muito de escola e acabei dentro de uma escola primária. Um garoto me perguntou de onde eu era, o que eu era. Meu inglês já estava melhor, eu contei o que fazia, e ele disse: " O senhor quer ir contar isso para os meus companheiros"? Fui para a sala de aula, falei com uma porção de crianças americanas, se eles entenderam, não sei. Mas eu falei.

L.H. - Quando o senhor esteve lá, o Truman já era o presidente?

A.C. - Não. Naquele tempo era o Roosevelt.

A.C. - O senhor não ficou lá em 1945?

A.M. - Não. Eu saí no Natal de 1944. Fiquei lá agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro quatro meses e meio e vim para o Brasil.

Voltei e fiquei na situação de instrutor. Imediatamente o Golberi e o Floriano foram para a frente, na Itália. Não sei se o Rubens Monteiro de Castro também foi. Os demais ficaram no Brasil. E eu voltei para a escola. Nesse período, estava em cogitação mandar uma outra divisão, que estava sendo organizada no Nordeste e no Sul do Brasil, e no corpo do Exército, que seria comandada pelo Dutra e com a chefia do estado-maior do general Anor Teixeira dos Santos. O Anor me escolheu para trabalhar na terceira seção com ele. Quando eu me preparava para ir para estado-maior do Anor, o general Fernando Sabóia Bandeira de Melo, que não seguiu para frente e era comandante da Escola, disse: "O Muricy fica aqui até a última hora, porque eu estou com 16 instrutores para movimentar toda a escola, num trabalho intensivo, e ao mesmo tempo eu preciso que ele transmita o máximo que ele

colheu. Ele já é instrutor, conhece a escola, conheceu lá, pode nos dar muita coisa". E eu fiquei na escola, aguardando a organização do corpo, para seguir.

E aí é que foi o período mais trágico, porque não havia tempo para nada. A senhora não tem noção do que é organizar um treinamento de tática: pensar uma situação hipotética, depois, fazer evoluir essa situação, criando incidentes, de maneira a se focalizar determinados ensinamentos; em seguida, caracterizar a ação de determinados elementos. Por exemplo: a ação da infantaria em determinada situação; como age a artilharia nessa situação; como agem a cavalaria e a logística; como é que trabalha o estado-maior, que ordens dá, como se organiza. Isto é o trabalho que se faz na escola. E geralmente, para não sobrecarregar, um fica com a parte geral, outro com a parte de artilharia, outro com a parte... Mas, nesse momento, com 16 instrutores, eu tive que dar a parte de tática geral, de estado-maior, de artilharia e de logística.

L.H. - Eram 16 instrutores para mais ou menos quantos alunos?

A.M. - Eram turmas da ordem de 25 a trinta alunos. E às vezes duas turmas de manhã e outra de tarde.

Então eu me lembro que houve um trabalho. Comecei a trabalhar de manhã até tarde. Quando preparava o trabalho nem aparecia na escola. Ficava preparando em casa, dia e noite. Quando estava com o trabalho pronto, eu o levava para a escola. Apresentei o trabalho e fiquei durante 15 dias, dando aulas de manhã e de tarde...

[FINAL DA FITA 13-B]

A.M. - ...salvo sábado e domingo. Quando acabou, eu estava tão cansado que fui ao Sabóia e disse: "Não quero mais ver escola durante uma semana: Vou sair, senão eu estouro". Realmente é um trabalho... Hoje, quando olho para trás, digo: "Eu tinha muita resistência, porque não era brincadeira!"

Mas eu pude trazer para os alunos e a escola uma série de ensinamentos que eu tinha recebido lá, métodos de trabalho simplificados que procurei introduzir.

A guerra continuou e terminou e vieram os primeiros elementos, entre o Castelo, que tinha sido oficial de operações. Mas não foi dos primeiros. Ele chegou ao Brasil como oficial de operações da FEB e foi designado instrutor-chefe da Escola de Estado-Maior.

Passamos, então, um ano juntos na escola. O comandante era o Tristão de Alencar Araripe, o Castelo.

A.C. - O senhor se lembra do ano da turma do Castelo?

A.M. - Ele saiu da Escola Militar em 1920. Eu sou de 1925. O Castelo foi diretor de ensino, trouxe experiência, fez várias conferências mostrando o trabalho da FEB e queria aproveitar aquele trabalho na escola, com uma porção de idéias. Ele era um homem com grande capacidade de imaginação, um grande tático, um grande chefe, um homem com qualidades excepcionais de chefia e de cultura. Sua cultura militar era muito sólida. Entre mim e ele deram-se dois episódios muito interessantes.

Eu estava montando um tema de defensiva, no terceiro ano. E, como sempre, recebi a tarefa e apresentei o problema ao instrutor-chefe. Nós dois nos sentamos e ele começou: "O que você vai fazer? Por que você fez isso, porque..." "E começamos a discutir: eu, trazendo

de Leavenworth algumas idéias novas que queria botar em prática e o Castelo ainda ligado a umas outras idéias. E ele reagia. Então tivemos discussões de serviço. Foram discussões homéricas - horas e horas, e assim nós levamos vários dias, até que ele disse: Você vai fazer isso? Respondi: "Vou". Apresentei o tema e ele foi lá para a sala, para assistir. Assistiu a tudo e não teve a menor interferência. Era muito discreto, dava toda a liberdade ao instrutor, não interrompia. Ao contrário do Lott, que, como comandante da escola, chegava lá e perguntava pelo nosso trabalho, se sabíamos ou não, o que íamos fazer...

L.H. - O Lott foi instrutor-chefe da escola antes do Castelo?

A.M. - Foi comandante da escola. Nesse período eu tive vários comandantes: general Francisco Gil Castelo Branco, que comandou Fernando de Noronha e era, chamado Gilito, o Sabóia, o Lott e o Araripe.

O Lott era um homem que ia vendo os fatos nos jornais e já queria jogar tudo. E eu: "Eu não posso. Não tendo base, eu não faço". Quase todas essas coisas que eu sabia de ouvir dizer vinham do cinema. E quase tudo era no Cineac. Então, nós dizíamos: "Lá vem o Cineac"... era o Lott. Eu estava dando aula, falando sobre qualquer problema, ele entrava com uma coisa de fora e eu ficava sem poder. Quando ele saía eu tinha que, habilmente, ir retomando o assunto, e dar a orientação porque eu tinha...

Mas com o Castelo, não. Ele foi, ouviu perfeitamente e dali em diante passou a ter confiança nos meus conhecimentos de tática. [risos]. Este é um episódio muito engraçado.

Ele era muito centralizador. queria saber tudo. Por causa disso é que ele teve o primeiro choque com o Orlando Geisel. O Orlando era instrutor-chefe da artilharia e foi apresentado um problema para discussão. E o Castelo e o Orlando não se acertaram. Resultado: houve o choque, o Orlando manteve a opinião, a coisa ficou meio desagradável e o Orlando pediu exoneração da escola. Saiu de lá. E ficou uma situação muito tensa, que se refletiu, depois, no ponto de vista do Ernesto em relação ao Castelo.

L.H. - O Orlando e o Castelo nunca mais se recompuseram?

A.M. - Recompuseram-se, já na fase de 64. Inclusive, eu estava em contato com os dois e os aproximei, como depois também fui buscar o Ernesto.

A.C. - Mas quem foi servir com o Castelo, na Casa Militar, foi o Ernesto, e não o Orlando.

A.M. - Certo, mas eu vou contar isto depois. Eu conheço essa outra fase todinha. Essa eu vivi por dentro.

Mas eu tive essa satisfação. Quando chegamos no fim do ano, o Castelo, que tinha uma porção de idéias, disse: "Muricy, eu estou pensando em lançar um tipo de exercício diferente do que se faz aqui na escola. Diga o que você acha". Eu tinha toda a liberdade, com ele, chamava-o de você. Eu perguntei: O que você está imaginando?" E ele: "Eu queria uma coisa que fosse uma tática que tivesse manual de retirada, que tivesse defensiva e uma porção de coisas. Uma coisa que chamaríamos operações variadas. Um tema que não fosse ataque, não fosse defesa, fosse tudo. Não fosse aproximação, não fosse retirada, mas tudo isso misturado." Eu conversei com ele, para penetrar bem no espírito e disse: "Você me dá um dia para pensar? E ele: "Pois não." Fui para a casa, pensei, pensei e um dia depois levei

o esboço do que eu tinha pensado. Aí tive a maior prova da confiança do Castelo no meu professorado de tática. Ele discutiu comigo o problema, a que ele chamava de "operações diversas" e aos alunos de "operações divertidas".

Fui o primeiro a apresentar o tema das operações diversas. Depois, este hábito ficou na escola e o Castelo foi quem deu as primeiras diretrizes. Quando apresentei-lhe o tema disse: "Vou fazer isso..." E ele: "E isso aqui?" Respondi: "Vou fazer assim". Ele disse: "Pode fazer." Não entrou na sala nenhuma vez para ver como eu estava. Daí em diante, quando ele falava a meu respeito, dizia: "Você ainda não conhece o Muricy? É isso, é aquilo... Ele conhece tática!" O maior elogio que ele podia fazer a alguém era dizer esta frase: "Ele conhece tática".

L.H. - Ele era econômico nos elogios?

A.M. - Prazeres desse bobos que temos, mas que representam alguma coisa.

Tive esse contato de um ano com o Castelo. Tive contato com o Passasco Alvim, tive com o Alcebíades o Tamoio, pai do Marcos Tamoio. O Alcebíades era uma inteligência extraordinária!

Este foi meu período de Escola de Estado-Maior. Eu privei com a fina flor do Exército nessa ocasião. E, ao mesmo tempo, como eu era instrutor, e instrutor que ficou muitos anos tinha muito contato com o Estado-Maior, ia muito ao Ministério. Dessa maneira, ampliei imensamente os meus conhecimentos dentro do Exército.

Todo mundo me conhecia e eu conhecia todo mundo. Fui instrutor de uma porção de oficiais que depois foram generais, inclusive o Médici; o Humberto de Sousa Melo; o Azevedo Silva, este de quatro estrelas; em suma, dos meus alunos, talvez uns trinta foram a general.

A.C. - E o Médici era um bom aluno?

A.M. - Era um bom aluno. Ele era da turma dos gaúchos. Esta era uma turma depois da minha na Escola Militar. Era um grupo muito unido, em que principalmente o Médici, o João José Batista, o Tubino, o Jaul Pires de Castro e o irmão do Jaul tomavam chimarrão juntos na Escola Militar. E assim vieram, todos de cavalaria. Foram meus alunos na escola o Médici, o Tubino e o Jaul. O outro que faltou foi o Antônio Jorge Correia.

A.C. - Mas o Médici não era primeiro aluno?

A.M. - Não. Mas era bom aluno, muito sensato e equilibrado. O Médici era um homem muito ponderado, nunca de arroubos, tranqüilo.

A.C. - Tinha boas relações com todo mundo?

A.M. - Muito boas, porque era um homem sério. E o homem sério sempre é recebido com apoio.

A.C. - De qualquer forma, aquelas pessoas que estavam lá eram todas muito selecionadas, não eram?

A.M. - Muito.

A.C. - Ou havia, mesmo nessas circunstância, o aluno mais relapso?

A.M. - Havia, mas o mais... Numa amostra de estudantes escolhidos ao acaso, um ponto médio e depois uma dispersão. Há o terço superior, o médio, há o inferior. Quando a turma é selecionada, o grupo médio sobe e a dispersão se retrai. Enquanto na Escola Militar o grosso das notas fica em torno de 5 e 6 e na Escola de Aperfeiçoamento esse fenômeno perdura, no Estado-Maior o grau já passa para 6 e 7. Na Escola de Estado-Maior, dávamos o muito bem, o bem, o regular e o insuficiente, dentro do sistema que herdamos dos franceses (os americanos também têm: A, B, C...). Mas praticamente não damos insuficiente na Escola de Estado-Maior. Às vezes, quando há um, é por acaso. O normal é o grau regular e o bom. A massa, entretanto, é de bom. O muito bem, que é grau 8 para cima, já surge uma vez ou outra. Mas a massa é bom. Então, é como eu digo: no Estado-Maior o indivíduo, em princípio, é bom.

A.C. - Havia os que colavam?

A.M. - Para ser honesto, tivemos um caso, que o Alcebíades Tamoio viu. O Tamoio era instrutor comigo, foi meu instrutor-chefe e depois fomos companheiros. Houve um caso e o aluno foi expulso.

No mais, todo mundo trabalhando fica trabalhando na sala, às vezes conversando e, fumando, mas cada um no seu trabalho. Quando ele toma uma concepção, não adianta. Num tema tático, depois que eu tomo uma concepção, tudo tem que ficar dentro dela. Tem-se uma idéia. Depois, vai-se encher aquela idéia e esse enchimento tem que estar de acordo com ela. Se não estiver, a idéia pode ser perfeita, mas eu dou um grau 0, dou insuficiente, porque não há coerência entre a idéia e a execução. o que importa é a coerência dos fatos. São os princípios que imperam na tática. Não há coisas fixas. Eu pego uma idéia de manobra para fazer uma determinada operação e ataco nessa direção. Então, eu junto os meios para cá... Se eu pegar todos esses meios aqui, mas disser que eu vou atacar aquilo lá, eu não estou executando a minha idéia.

Cada um tem a sua idéia e age dentro dela. Assim, não há como colar. Depois, os alunos são homens selecionados. O aluno pode até dizer "Estou cansado. Porcaria dessa divisão, que está me atrapalhando...", Mas tudo, no fundo, é o que está escrito. Está respondida a pergunta?

L.H. - O senhor tinha dito que o Castelo foi um dos primeiros a voltar.

A.M. - Não foi dos primeiros. O primeiro a voltar, que eu lembre, foi o Brayner. Ele até fez uma conferência sobre a FEB no Clube Militar. Ele vinha com a auréola de ser o chefe do estado-maior do Mascarenhas. Nós, aqui, tínhamos uma noção vaga dos problemas que estavam ocorrendo na Itália, depois nós soubemos dos pormenores e, principalmente, do que tinha acontecido. Ficamos sabendo das posições tomadas pelo Brayner que desagradaram completamente todos os elementos de valor da FEB. Eu o tinha conhecido anteriormente, quando fui para a escola. No primeiro ano, fui instrutor de artilharia. Era um curso chamado de adaptação e o chefe era o Brayner: peito armado, falante, com pose... A primeira impressão era a de ser um homem de grande capacidade, mas à medida que tive

contato com ele, vi que era muito fogo de artifício. Ele tinha qualidades, mas... Mesmo o conhecimento de tática, eu não ponho a mão no fogo por ele.

L.H. - O senhor acha que as insuficiências eram tanto militares quanto pessoais?

A.M. - Ah, não tenha dúvida! E principalmente uma vaidade pavorosa... Eu trabalhava diariamente com ele... Tive sempre esta felicidade com meus chefes: nunca, em matéria de ensino, eles se chocaram comigo, porque eu estudava muito. Graças a Deus eu tinha tido uma boa base, então, mais ou menos, eu tinha liberdade de ação. Os chefes passaram a ter confiança no meu trabalho e me liberaram de umas tantas coisas. Eu era instrutor de tática de artilharia - de artilharia, o Brayner não entendia mesmo -, então fiquei com muita liberdade de ação.

Os companheiros que trabalhavam em infantaria também se apoiavam muito em mim. Eu acabei aprendendo muito de infantaria. Apesar de artilheiro, para poder ser oficial de Estado-Maior eu tive que estudar infantaria a fundo. Então, eu acabei conhecendo infantaria como muito pouco infante conhecia. Hoje já não conheço mais nada.

Mas eu via: o Brayner falava em coisas gerais muito bem; mas quando entrava no pormenor, o terreno era frouxo. Quando, ele veio da FEB e fez a apresentação eu comecei a tomar conhecimento de tudo que tinha havido e, principalmente, do seu ciúme do Castelo. O Castelo, com muita independência e capacidade, adquiriu toda a confiança do Mascarenhas, recebendo dele, um dos mais belos elogios que já vi dar a alguém. E o Mascarenhas, que era o meu "Major Revista", foi sempre muito meu amigo. Ele teve muita consideração por mim até o fim. Quando ele me via, dizia: "Muricy, aquele nosso 1º. RAM..." Lembra-se daquele nosso 1º. RAM: eu tenente, ele major.

O Mascarenhas deu apoio ao Castelo, que, tendo opiniões diferentes das do Brayner, se chocou com ele. E, ao mesmo tempo...

A.C. - Como especialista em tática e estratégia, como é que o senhor poderia resumir essa divergência entre os dois, em relação à condução do Estado-Maior? Na verdade o Castelo, no setor de operações, acabou assumindo o próprio Estado-Maior.

A.M. - O que havia era vaidade, de um lado, e falta de capacidade de decisão, de outro. Todos os que conviveram com o Brayner dizem que era um homem que não decidia e não queria assumir responsabilidades. E um homem tem que aprender a assumir responsabilidades, mesmo para apanhar. Castelo assumiu responsabilidades. Se ele assumia a responsabilidade ele tinha que se chocar. E como o Mascarenhas via os dois homens, ele ficava muitas vezes com o Castelo. Então o Brayner, para não ficar numa situação... embora chefe do Estado-Maior, foi criando essa animosidade, que estendeu ao Mascarenhas. Escreveu aquele livro bárbaro, cheio de falsidades, a respeito do Mascarenhas. O Mascarenhas nunca foi um luminar, mas foi sempre um chefe equilibrado. E o chefe é principalmente um homem que decide, não é o homem que pensa, é o que tem capacidade de discernir qual é a melhor proposta. O chefe tem auxiliares que devem oferecer-lhe opções. O que ele precisa é saber a melhor opção, ter discernimento, porque ele não pode penetrar a fundo nos problemas. O que ele precisa, sim, é sentir que esta opção é melhor do que aquela e decidir o que fazer. E depois que decidir, fazer cumprir. O Brayner - todo mundo diz - nunca tomava uma decisão.

L.H. - Além desse problema entre o Brayner e o Castelo houve também o do Krueel com o Castelo.

A.M. - Mas o problema do Krueel é diferente. Não é capacidade. O Krueel era um homem capaz, de ação, e grande amigo do Castelo, companheiro de turma desde o Colégio Militar. O problema foi, talvez, pelos dois terem muita ação e personalidade, se chocaram: dois bicudos não se beijam. Em ação, a 2a. e a 3a. seções trabalhavam muito justaspostas. Então, havia ocasiões em que o Castelo e o Krueel davam opiniões sobre informações e aí começou o choque. Eles eram dois bicudos.

A.C. - Provavelmente o Castelo, com aquela grande capacidade que tinha, devia ser também muito absorvente. Invadia a seara do outro, também.

A.M. - Não era só absorvente. O Castelo era um homem difícil. Eu queria muito bem ao Castelo. Ele foi um dos grandes amigos que eu tive. A dona Argentina era uma criatura fantástica. Não esqueço o que eu e a minha mulher devemos à dona Argentina. Pois bem: o Castelo era difícil, um homem de poucos amigos. No serviço, era rude, embora em casa ele fosse um causer admirável, um amigo extraordinário, um homem profundamente educado. Ele sabia receber, conversar, prender a atenção. Era humorista: contava anedotas. Em casa, era um homem diferente daquela cara amarrada que todo mundo conhecia. Era um homem que poucos abraçavam e eu tinha o prazer de ser um desses poucos.

A.C. - No fundo, o episódio que o senhor nos contou hoje é bem revelador. O senhor passou muito bem pelo teste da discussão com ele, como instrutor, porque teve aquela paciência de, durante muitos dias, se submeter ao crivo dele. O Orlando, provavelmente, não teve essa paciência e talvez o Krueel também não tenha tido.

A.M. - São homens de opinião, homens fortes, que têm capacidade, mas não têm a paciência de aturar o embate. O embate, no fim de algum tempo, cansa. Nos meus embates, tive discussões com companheiros. Tive discussões tremendas com o Lira. Sou amigo dele até hoje.

Houve um episódio interessantíssimo comigo e com o Lira, que aconteceu mais tarde, quando ele era Comandante do IV Exército e eu comandava a região. Um dia, entrei na casa dele ele estava com o pé machucado e começamos uma discussão. Dali a pouco o seu ajudante-de-ordens saiu correndo, a procurar a Isolina, e disse: "Dona Isolina, pelo amor de Deus, vai lá em cima! o general Lira e o general Muricy estão numa briga, uma coisa louca!" A Isolina ficou afobada, subiu, e quando entrou eu disse: "Isolina, você ainda não trouxe o café". E continuei a discussão. Ela disse que ficou numa satisfação enorme: "Agora estou vendo que é uma discussão de serviço". Eu sou um homem de discussão; o Lira, o Castelo e o Ademar também eram. Mas o Ademar era doutoral. Coitado, eu quero muito bem a ele.

A.C. - O Krueel e o Castelo eram colegas de turma? Mas essa briga da FEB pesou muito tempo, não foi?

A.M. - Eram amigos e, colegas de turma. Depois eu vou contar como é que acabou isso. Eu acompanhei tudo isso. Porque, de um lado, o Costa e Silva.

A.C. - O Costa e Silva também era amigo dos dois?

A.M. - Sim. O Costa e Silva era colega de turma do Castelo, muito amigo dele. E era colega de turma do Kruel, a quem chamavam de Alemão. Como eu chamo o Ernesto de Alemão, ele chamava o Kruel.

A.C. - General, o senhor talvez possa me esclarecer uma coisa: o Costa e Silva era o primeiro aluno da turma e o Castelo o segundo?

A.M. - O Costa e Silva foi o primeiro e o Castelo o terceiro ou quarto. O que acontece é que o Costa e Silva parou e o Castelo continuou. O Costa e Silva era muito inteligente. Foi primeiro aluno no Colégio Militar e na Escola Militar. O Costa, o Castelo e o Kruel eram da mesma turma. E o Castelo, tanto no Colégio Militar quanto na Escola Militar, ficou entre o terceiro e o quinto lugares,, sempre na cabeça da turma, mas não em primeiro lugar.

A.C. - O desempenho mais espetacular do Castelo foi posterior?

A.M. - Ah, foi! Tinha persistência no estudo e, uma grande capacidade de trabalho, que são a base de formação da cultura.

L.H. - No que o Costa e Silva parou, o Castelo evoluiu e o ultrapassou?

A.M. - Ultrapassou. Mas os dois tinham muita personalidade, um diferente do outro, mas ambos com grandes qualidades.

A.C. - Mas no Exército sempre ficou aquela idéia de que o Costa e Silva tinha sido um aluno brilhante. Isso marcou a presença dele ou não?

A.M. - Não. Alunos brilhantes foram: Ernesto, Orlando, Golberi e Prestes. Estes deixaram nome na Escola Militar e no Colégio Militar. (O Golberi não foi do Colégio Militar). O Costa e Silva foi bom aluno, mas não foi brilhante. A média nove e tanto foi do Prestes, do Ernesto e, depois do Golberi. O Orlando foi o primeiro da minha turma. Os dois são os "tríplices coroados", porque, na Escola Militar e na Escola de Aperfeiçoamento, contam a arma e a turma. E para quem faz Estado-Maior não conta quem é o primeiro, mas quem tem o conceito muito bem. Numa turma de Estado-Maior, há sempre dois ou três muito bem. Não há mais do que isso não.

A.C. - O Costa e Silva, o Kruel e o Castelo Branco, eram da turma de 1920?

A.M. - 1920.

L.H. - O senhor estava nos contando esses incidentes na FEB e o problema do Lott? O senhor sabe como é que foi? Parece que ele se desentendeu também. Voltou antes.

A.M. - O Lott não teve uma atuação... O Lott sempre foi considerado um bom capitão, um bom major, um bom coronel; mas como general, ele não evoluiu para os grandes espaços. Mas era um homem sério. Eu briguei com ele - depois, vou contar minha briga -, mas continuei a querer bem ao Lott. Quando ele morava em Teresópolis e eu o encontrava, eu ia falar com ele. Quero muito bem, até hoje, às suas duas filhas...

[FINAL DA FITA 14-A]

A.M. - ... que estão vivas: a Henriette, casada com o Pacheco, e a outra que vive lá nos Estados Unidos. Mas, como general, eu tenho restrições ao Lott! Era um homem de bem, sempre foi um homem bem-intencionado. Vocês vão ver que, realmente, ele era um homem de bem. E eu o respeitava, apesar das nossas divergências. As divergências são dos homens e acho que o que temos que ver são as qualidades morais. E isso, ele tem. E ele sofreu. Aquele caso da filha dele, a Edna, foi uma coisa horrível. Aliás, a Edna era louca desde menina. As filhas do Lott foram amigas de minha cunhada, irmã de minha primeira mulher, de maneira que eu acompanhei o caso.

Bom, mas nós estávamos voltando da guerra, e eu estava na Escola de Estado-Maior. Nós estávamos no ano de 1946. Em 1945, a FEB voltou, e eu ainda fiquei na escola durante 1946 com o Castelo.

L.H. - Eu estava insistindo em 1945, porque eu queria fazer uma pergunta: o senhor se lembra daquela famosa Lei da Praia?

A.M. - A Lei da Praia é dessas extensões que vão depois tomar um vulto que não tem solução possível. A Lei da Praia foi bem intencionada. Sua intenção era fazer com que aqueles que foram para as zonas de combate, arriscando as suas vidas no campo de batalha, tivessem, quando na reserva, uma promoção. Eu não estivera em combate, mas tinha uma porção de amigos que tinham estado e achei esta promoção justa. Eu não seria atingido, mas achei que era razoável. O que aconteceu? Começou: "Quem é que esteve na frente de batalha? É aquele que esteve na trincheira, que esteve na linha de frente recebendo bala do alemão?" Digam: eu não fui, mas estive na parte logística". "Bom, então todo mundo que foi para a Itália?" Respondiam: "Mas na Itália há o pessoal que ficou lá em Livorno, que ficou não sei o quê, que ficou na retaguarda, nos hospitais..." "E começou a haver dificuldade de separar quem tinha estado na frente e quem tinha ficado na retaguarda.

A.C. - O correspondente, no Brasil, ao comandante do Forte Leavenworth, que ficou preparando as tropas...

A.M. - Aí vem o problema. Eu sempre achei que não tinha direito. Nunca busquei...

Então, começou a haver dificuldade em separar: "Mas e a Marinha, que esteve navegando, defendendo o Atlântico Sul, e teve vários navios indo a fundo, o caso do Bahia, o caso não sei do quê? Eles não têm direito e estavam arriscando a vida. Então, incluía-se o pessoal que esteve patrulhando o Atlântico Sul. "Aí disse a Aeronáutica:" Mas nós estivemos dando cobertura à Marinha. Nós saíamos do litoral, entrávamos milhas e milhas adentro, às vezes sobre os comboios, arriscados a isso e àquilo. Inclusive, houve ação de aviões contra submarinos alemães na costa brasileira. Um ou dois submarinos foram destruídos pela aviação brasileira." "Então, por que não?" "E aqueles que foram para o litoral para defender

certos pontos como Fernando de Noronha? A situação deles não era muito mais grave do que a dos que ficaram em Livorno? "Era. Então, bota esse pessoal de Fernando de Noronha." E começou-se a botar gente e mais gente. Estendeu-se a promoção àqueles que haviam combatido os comunistas. Aos poucos, criou-se um problema sem saída.

Mas aí, vieram os que tiveram na guerra e também tinham combatido: "Dá-se uma promoção? Dá-se duas promoções?" Começou a confusão. E dali a pouco: "E aqueles que deram o esforço de guerra?" Incluíram-nos, como foi o meu caso. Eu tenho a medalha de guerra porque trabalhei para a guerra, embora não tendo ido à frente. Iam dar três promoções, mas elas foram limitadas a duas.

A.C. - Como assim?

A.M. - Uma, porque foi com a FEB; outra, porque combateu o comunismo; outra, porque participou do esforço de guerra. Como era muito difícil o esforço de guerra, estenderam a promoção para aqueles que tinham mais de 35 anos de serviço. Então, ficaram quatro opções para a promoção. Aí, elas foram limitadas a duas promoções, no máximo. Muita gente, que nunca chegaria a general, foi promovida a general da reserva. Houve uma enxurrada do que se chamou "generais de pijama". Havia os generais que foram generais e os generais que só foram a este posto porque foram para casa. Esses é que são chamados os "generais de pijama". Tudo isso foi consequência da Lei da Praia, ou melhor, de Lei da FEB, que passou depois a ser do Atlântico Sul, depois do Esforço de Guerra... Uma coisa veio puxando a outra. Vinham os casos das injustiças, porque cada caso... é muito difícil.

L.H. - Diz-se que na época era uma galhofa ser chamada de Lei da Praia, porque beneficiava quem foi para a guerra e quem ficou na praia, tomando banho de mar.

A.M. - Não. Era Lei da Praia porque houve o policiamento do litoral. Houve gente destacada para lugares difíceis, sem conforto nenhum, para evitar uma ação de submarinos, de desembarque, essas coisas todas.

Isso perdeu até o Castelo ser presidente, depois da revolução. Todos nós sentíamos que era preciso acabar com essa desordem. Em primeiro lugar, não se poderia tirar o direito adquirido. Não se podendo tirar o direito adquirido, pelo menos evitar-se-ia a promoção. Foi isso que o Castelo fez. O direito adquirido persistia, mas, para quem tinha direito à promoção, deu-se um prazo para requerer a reserva. Desse prazo em diante, o oficial saía no mesmo posto, embora com as vantagens, na parte pecuniária, equivalentes aos postos das duas promoções que teria, se fosse promovido. E isso é o que hoje perdura, sendo que tende a terminar, porque hoje só se pode ter uma vantagem, com 35 anos de serviço. E o oficial sai com os vencimentos do posto superior.

L.H. - É por isso que a patente de marechal acabou?

A.M. - É. Antigamente, até general-de-divisão que fosse para a reserva saía promovido a general-de-exército.

Mas havia outro problema: o general-de-exército saía marechal e mais nada. Começou a haver tanta confusão... Agora, não há mais isso. Há a vantagem pecuniária, a partir de uma determinada... E eu fui dos que cerraram fileiras em torno do Castelo, apoiando a sua opinião. Sou general porque, graças a Deus, cooperei para que não saísse marechal.

L.H. - Já que estamos falando nisso, o posto de marechal foi extinto durante um tempo e depois foi recriado para Mascarenhas?

A.M. - O posto de marechal sempre existiu, na legislação brasileira, para o comando-em-chefe em tempo de guerra. Por esse motivo, o Mascarenhas é realmente o único marechal do Exército brasileiro. O posto foi dado ao comandante militar do teatro de operações em tempo de guerra. E mais, foi dado pelo Congresso até a sua morte, não foi extinto. O Mascarenhas foi marechal da ativa até morrer. O Mascarenhas podia ir para a reserva, mas ficou na ativa até morrer. Os outros foram pela reserva. E agora há o Lott, o Denis, o Ademar, o Lindenberg,... Ainda há muitos marechais. Mas tendem a desaparecer e não haverá mais. São aqueles que estavam com direitos adquiridos e que foram para a reserva antes da data marcada se não me engano, 1967, muita gente foi para a reserva naquela ocasião, para poder ter a promoção a general. Eu tranqüilamente continuei, satisfeito por não ir a marechal.

6^a Entrevista: 11.03.1981

L.H. - O senhor não chegou a nos falar de sua quase transferência para Cachoeira. Também a uma promoção a tenente-coronel, nesse período.

A.M. - Em 1946, fui promovido a tenente-coronel. Imediatamente, eu disse: "Chegou a hora de eu sair da escola. Já estou há seis anos letivos e preciso voltar às origens, à arregimentação".

A melhor coisa que há para um oficial superior é ir para a tropa, depois ficar despreocupado com essa dívida. E eu não vou pagar a dívida. A vida é muito engraçada.

Nessa ocasião, estava assumindo o Ministério da Guerra o general Canrobert. O general Dutra havia sido eleito, estava organizando o seu ministério e levou o general Canrobert. Por sinal, o general Dutra teve a coragem de nomear como ministro da Guerra um general-de-brigada. Naquele tempo não havia general-de-exército. Era só general-de-brigada e general-de-divisão. E não houve nenhum problema no Exército, tal a força moral do Canrobert.

L.H. - Quais eram as relações do Canrobert com o Dutra.

A.M. - Muito boas. Ele tinha sido auxiliar do Dutra em várias ocasiões e merecia toda a confiança. O Canrobert e o Alcio eram dois homens que o Exército admirava. O Alcio foi para Casa Militar. Eles entraram juntos para o Colégio Militar e para Escola Militar e juntos foram promovidos. O Alcio sempre foi primeiro da turma. Era mais inteligente. O Canrobert talvez fosse mais soldado, mais equilibrado. Os dois eram excelentes caracteres, excelentes chefes. Influíram muito na minha vida. Guardo uma recordação não só deles, mas de suas famílias: de um lado dona Virgínia Souto, mulher extraordinária; do outro, dona Nadina Pereira da Costa, outra mulher... Dona Virgínia era mais inteligente, a dona Nadina mais bonachona, mas ambas com suas formas de ser. Duas criaturas formidáveis. As casas do Alcio e do Canrobert eram acolhedoras para seus amigos. Íamos lá e nos

sentíamos bem, porque eles botavam inteiramente a vontade os auxiliares que eram mais amigos. Sentíamo-nos em casa.

Em torno do Alcio juntava-se naquele grupo antigo de 1º.RAM, e mais alguns, como o Ernesto. Ele não tinha servido no 1º.RAM com o Alcio, mas por nosso intermédio foi para o Grupo-Escola e juntou-se ao Alcio. Mais tarde, quando veio a deposição de Getúlio, em 1945, e eu estava na escola, o Ernesto Geisel era o chefe do estado-maior do Alcio, que era o comandante da Brigada Blindada. Era seu auxiliar imediato.

L.H. - A Brigada Blindada é que ficava no Derby?

A.M. - Estava sendo organizada no Derby, sob o comando do Alcio. E saiu no dia 29 de outubro. Quem a acionou, por ordem do Alcio, foi o Ernesto.

A.C. - O senhor se lembra da turma do Alcio e do Canrobert?

A.M. - 1915, 1916, por aí. O Canrobert morreu com sessenta anos, em 1955. Portanto, ele é de 1895. Então a turma dele é de 1916, mais ou menos. Aliás, foi o período da Escola Militar em que na artilharia há duas turmas muito pequenas: uma de dois e outra de cinco oficiais. Todos estes oficiais se destacaram dentro do Exército e chegaram a general: o Zenóbio, o Estillac Leal, o Pratis de Aguiar, o Canrobert, o Alcio, o Lacerda.

Mas, como eu disse, nessa ocasião o general Dutra estava organizando o ministério.

L.H. - Embora o Alcio, como o senhor falou, fosse mais inteligente, o primeiro aluno etc., o Canrobert, de certa forma, ultrapassou?

A.M. - O Canrobert, de certa forma, o ultrapassou?

A.M. - O ultrapassou numa promoção. Eles continuaram amigos, mas já não... Houve aquele problema. Continuaram amigos, mas já não tinham mais aquele acolhimento. Eles eram fraternais amigos.

A.C. - E o Canrobert também não participou da revolução de 30? O Alcio foi contra.

A.M. - Naquele tempo eu não tinha... Com o Alcio eu tinha... mas o Canrobert, naquele tempo, eu não conhecia. Não sei qual era sua posição.

Um foi para o Ministério da Guerra e o outro para a Casa Militar. Eram dois amigos, e eles foram levando amigos. O Alcio levou para a Casa Militar, entre outros, o Gabriel Fonseca. O Canrobert levou o Moraes para o gabinete.

A.C.- O Canrobert tinha estado na Itália?

A.M.- Não, nem o Alcio. Estiveram muito ligados ao Dutra e trabalharam muito no Brasil, mas não foram à guerra. O Canrobert e o Alcio - Canrobert mais ainda - eram muito chegados ao Cordeiro.

Então, eles começaram a mobiliar - como nós dizemos - os seus quadros. Nessa ocasião, o Canrobert me perguntou: "Muricy, você vi comigo? Respondi: "Não general, eu vou

comandar". Ele disse: "Lembre-se que tem aqui um lugar". E eu: "Muito bem, mas eu quero comandar".

Ele organizou o gabinete com meus amigos, tanto na Casa Militar quanto no Ministério da Guerra. E eu me preparei para ir para Cachoeira.

L.H.- O senhor pediu o posto de Cachoeira?

A.M. - Não, Eu pedi um comando. Meu princípio é o seguinte: digo o que quero; o lugar é aonde me mandarem. Tanto a minha primeira mulher quanto a segunda nunca interferiram nesse problema de classificação. Eu viajei por esse Brasil afora, e coisas complicadas... Eu dizia: "vou para tal lugar". "Está bom".

Terminei o ano escolar de 1946 batendo um recorde em organização e direção de temas. Eu já mostrei como organizar um tema. Nesse ano, eu montei quatro temas de trabalho e um tema de fim-de-ano: cinco temas montado e dirigidos por mim. Foi o ano que eu mais produzi na escola. O ano de contato com o Castelo, onde eu estreitei também a minha amizade com ele no trabalho. Eu já o conhecia, mas aí é que a amizade se estreitou.

Parti para Cachoeira: eu, minha mulher e meu filho, que tinha feito vestibular e, portanto, voltaria para começar as aulas.

Cheguei em cachoeira em janeiro de 1947, muito satisfeito, porque era o primeiro comando que teria na vida. E era uma unidade com grandes qualidades. Em primeiro lugar, era um grupo que herdou um material relativamente novo, vindo da guerra. Eu comandava, então, pela primeira vez, uma unidade motorizada. Saía da artilharia montada, da artilharia de dorso, a cavalo, de repente, para comandar uma unidade motorizada, onde eu poderia aplicar os conhecimentos que tinha visto nos Estados Unidos.

O grupo tinha, ao todo - eu digo isso com certa satisfação - 93 viaturas, e eu rodava 92. Não rodava todas porque havia uma que tinha uma caixa de diferencial quebrada e eu não tinha dinheiro para comprar outra, nem o Exército me fornecia. Então, a viatura ficou sobre cavaletes. Mas as outras 92 rodavam. Eu tinha um conjunto de oficiais primorosos. Dessa maneira, foi um período de trabalho intenso.

A primeira tarefa importante que tive foi organizar o período de instrução. Esta é uma tarefa do comandante, dentro das diretrizes que lhe chegam do escalão superior, no caso a AD.

Na diretriz que eu encontrei, o comandante anterior tinha colocado uma frase: "A instrução dos quadros deve correr pari passu com a instrução do contingente". Isso significa apenas o seguinte: enquanto nós estávamos formando o recruta, tornando-o soldado, colocando-o nas diferentes funções para aprender, os quadros que fazem funcionar o grupo - o pessoal de comunicação, ligação, orientação, enfim, a parte de trem de combate, de logística - tinham que estar funcionando. Esta é uma coisa um tanto ou quanto...

Naturalmente, quando cheguei, fiz adaptações, porque, como eu disse, encontrei uma unidade muito bem-organizada. Encontrei uma oficialidade que peguei a unha e disse: Vamos fazer. "E fizemos". Isso deu causa ao choque porque o Etchegoyen assumiu o comando da brigada de artilharia e viu o programa e, em lugar de ir ao comando da região e dizer "vamos modificar"...

A.C. - O Alcides?

A.M. - O Alcides. O Nelson era um homem mais calmo e não chegou a general na ativa. O Alcides, não, era muito opiniático, mais teimoso.

A.C. - Eu sempre me confundo. O chefe de polícia foi o Alcides?

A.M. - Foi. Mas o Alcides chegou e, em vez de sentir como eu tinha feito as adaptações e depois submetê-las ao comando da região, que era do irmão do Cordeiro, o Gustavo, ele resolveu dispor: "Vai ser cumprido! Está aprovado, vai ser cumprido! Haja o que houver!" E começou a apertar embaixo, para nós fazermos.

Eu tinha com o que fazer. Trabalhava imensamente com a minha oficialidade. Tinha vindo da Escola de Estado-Maior, com todos os regulamentos possíveis, inclusive regulamentos americanos que eu tinha recebido em Leavenworth, e que estavam ali. E por ali, então, organizei o meu grupo e cheguei a fazer uma coisa que eu considero única: no fim do primeiro período de instrução, em que se prepara um homem e se faz do recruta um soldado, eu fiz um exercício de grupo, que é instrução de fim de ano de instrução. No ano de instrução se faz um período de recruta, um de bateria e depois um de grupo ou de manobras. Eu fiz, no primeiro período, o final.

E o Etchegoyen em cima. Inclusive, ele foi assistir ao exercício, o final dos exames, e foi apertando... Perguntava aos oficiais toda a situação, ia ao soldado... Ele era minucioso... Fazia também revista apertada: não tanto quanto o Mascarenhas, mas fazia. No fim, ele ficou muito satisfeito com o grupo, a tal ponto que o Newton Estillac Leal, que era o comandante da divisão que estava em Santa Maria e cujo chefe de Estado-Maior era o Osvino, meu velho camarada mais antigo do que eu, resolveu assistir um exercício do meu grupo. Fiz uma demonstração com o grupo, mas o Estillac não estava preparado para aquilo. Eu botei as minhas 92 viaturas, fiquei num observatório e mostrei o itinerário que o grupo seguiria, para o campo de exercício. Fiz a marcha pelo sistema de infiltração: em lugar de fazer a coluna, fez-se uma viatura, outra viatura, outra; isto é feito para atravessar zonas onde há ameaça de bombardeio aéreo, para evitar a concentração.

O Estillac via passar as viaturas. De repente, eu disse: "Pronto, o grupo já seguir". E ele: "Mas eu não vi!" Eu disse: "Passou na sua frente".

Nós fizemos o exercício o dia inteiro, jantamos no campo, fizemos ainda exercícios à noite e lá pelas duas da madrugada regressamos em blackout máximo. O grupo, então, era cerrado à frente, com o Estillac, para um ponto onde as luzes poderiam ser acesas.

Começamos a esperar lá. Dali a pouco começamos a ouvir o ruído dos motores, de repente, no meio da coisa, um farol aceso, outro, outro, 92 viaturas de faróis acesos: um espetáculo que, realmente, me comoveu, como militar.

O Estillac chegou em Santa Maria entusiasmado. E eu recebi dois dias depois, um rádio do Osvino, dizendo: "Como companheiro, como artilheiro, a impressão magnífica..." Eu tenho esse telegrama.

L.H. - Como era essa escala hierárquica?

A.M. - Eu estava comandando um grupo, como tenente-coronel.

[FINAL DA FITA 14-B]

L.H. - A quem o senhor respondia?

A.M. - Havia mais duas unidades na área: uma em Santa Maria, que estava com o coronel Júlio Teles de Menezes; uma em Cruz Alta, que estava com o coronel Gomes. Essas três unidades eram organizadas na AD-6, Artilharia Divisionária da 6ª. Divisão de Infantaria. A 6ª. Divisão de Infantaria era subordinada ao Estillac Leal. Aí, então, entrava artilharia, infantaria, engenharia etc.

A.C. - E o Osvino?

A.M. - O Osvino era Chefe do Estado-Maior da 6ª. Divisão de Infantaria do Estillac. Então, era esse o quadro. Isso é só para mostrar que eu tive muita sorte porque encontrei elementos capazes de me ajudar.

L.H. - Qual era o seu sub-comandante ali

A.M. - Era Hélio Rodrigues, um rapaz que não tinha curso de estado-maior, mas era muito bom. Eu tinha como fiscal o Marcos Kruchim, um rapaz que depois fez curso de Estado-Maior. Foi ajudante-de-Ordens do Estillac e foi muito prejudicado na sua carreira por isso. O Estillac não era comunista, mas era de esquerda. Eu já conhecia o Estillac. Na revolução de 32 ele tinha estado lá na bateria várias vezes, visitando e dizia assim: "Pois é, Muricy, não tenha dúvida de que o socialismo será implantado no mundo, qualquer que seja o esforço que façam os Estados capitalistas." Era aquela tese comunista de que o comunismo é a síntese final. Eu conversei: "Eu não acho, Estillac. Acho que isso foi escrito no século passado..." Tínhamos uma conversa filosófica, ele profundamente de esquerda, beirando - talvez um pouco mais - o comunismo. Mas era um homem profundamente inteligente. Inteligentíssimo. Pegava as coisas... Não tinha entretanto, persistência. Ele não era um chefe.

A.C. - O que é isso, general? Explique para nós esta idéia que o persegue muito, nesse depoimento, de que ser chefe é uma coisa muito precisa. Nem sempre significa ser inteligente...

A.M. - O chefe é um homem que reúne qualidades de tal ordem, que inspira confiança: é capaz de levar o subordinado até o sacrifício pela simples palavra; dá o exemplo; cria uma qualidade de liderança absoluta; tem capacidade e discernimento; o subordinado compreende as razões dos seus atos; tem sempre uma atitude muito clara, muito precisa; e depois sintetiza: "é isso e isso". O homem só é chefe quando verdadeiramente comanda. Nem precisa falar. Ele sabe o que cada um pensa. Conhece todos os seus homens e todos os seus homens o conhecem. Todos os seus homens o obedecem porque têm confiança no que fazem, não porque têm medo que ele os castigue. O chefe é um homem que comanda pelo exemplo, pela vontade e pela razão: nunca pelo temor.

L.H. - Com isso ele não precisa ser brilhantíssimo, não precisa ter a Escola de Comando e Estado-Maior...

A.M. - Não! Eu já disse a vocês: o melhor troupiér que conheci foi o Souza Carvalho. Não tinha a Escola de Estado-Maior, mas era um líder.

A.C. - E foi o que o senhor disse do Mascarenhas também: sabia tomar decisões certas; sabia escolher.

A.M. - Não tenha dúvida. Mais tarde, vamos chegar ao caso do Machado Lopes, que não era líder. Era inteligente, era chefe, foi comandante e no caso da renúncia ele mostrou que não era líder. Mas isso é lá na frente.

Então, quando eu digo "é chefe!" é ser chefe mesmo.

A.C. - Nesse sentido o Canrobert era chefe?

A.M. - Era... o Canrobert, o Alcio e o Dutra eram chefes.

L.H. - Em geral o senhor nos está dando nomes de pessoas que formaram grupos de liderança dentro do Exército: o grupo do Góis, o grupo do Dutra, o grupo do Canrobert...

A.M. - Mas, tem uma coisa: eu nunca me firmei em grupo nenhum. Eu saía de um grupo para outro e não queria...

L.H. - Mas havia esses grupos?

A.M. - Havia! Nós no Exército, brincávamos: as "igrejinhas".

A.C. - Em todas as corporações do mundo isso existe.

A.M. - Existe, porque vamos conhecendo as pessoas e tendo confiança nelas. Eu mesmo, por exemplo, mais tarde, depois da revolução, encontrei um major que trabalhou comigo e que depois veio para o Rio. Ele tinha ido para a reserva e eu fui buscá-lo, porque eu conhecia. Então, há uma atração natural. Eu quero ter perto de mim pessoas que conheço e em quem acredito.

L.H. - Mas esses grupos duravam mais, porque a permanência no generalato era muito maior...

A.M. - Naquele tempo não havia a limitação atual. As limitações eram muito menores. O cordeiro levou quarenta anos.

L.H. - Essa permanência bastante longa no generalato fazia com que esses grupos durassem muito mais, não é?

A.M. - Não sei se vocês entendem bem o que é ser chefe. Vamos voltar a Cachoeira. Por exemplo, o Etchegoyen não era chefe. Ele mandava, mas não comandava. Era um homem inteligente, mas nós cumpríamos suas ordens porque havia uma escala hierárquica e um regulamento disciplinar, que amarrava. Mas não tínhamos confiança em dizer: "Nós vamos fazer." Esses são exemplos de dois homens duas antíteses: o Estillac e o Etchegoyen. O

Etchegoyen era arrumado, organizado, disciplinador. Sob certos aspectos, ele tinha liderança. Mas não tinha uma das qualidades do líder: a confiança, até pessoal. Nesse problema de comando, chego a dizer assim: "Chefe do qual os subordinados têm medo de se dirigir não é chefe". O chefe é um homem em quem o subordinado sente um amigo e um apoio se precisar. E eu vou mostrar depois o que é um chefe quando falar da minha ida para o gabinete do Canrobert. O Canrobert foi um dos maiores chefes que conheci na vida militar. Se ele não tivesse morrido, a história do Brasil se contaria de outra maneira.

O Alcio também era. Ele morreu como Chefe da Casa Militar. Era um homem forte mas morreu de tuberculose. Descobriu-se a doença muito tarde. Então, não houve mais nada a fazer. Ele não tinha qualquer sintoma.

Então, dentro desse ambiente de trabalho, que pude criar pelas circunstâncias - não era problema meu, porque eu tomei... O Júlio Teles era um chefe, o Etchegoyen, com certas limitações... o Etchegoyen não era de fácil acesso. Lá havia medo do Etchegoyen. Eu nunca tive, fui sempre muito camarada dele, mas o chefe que mete medo não é chefe, ou tem restrições, para sermos mais exatos.

Mas o que aconteceu? O Júlio Teles, muito cioso, começou a trabalhar como um monstro, para cumprir as diretrizes de instrução. Mas não só não tinha o mesmo material que eu - ele tinha era um grupo montado, com outros problemas -, como também não tinha a oficialidade de que eu dispunha. Então, no fim de algum tempo, o Júlio Teles ficou doente por excesso de trabalho. Esgotou-se e teve que tirar uma licença para tratamento de saúde. Santa Maria perdeu o comando. Em seguida, em Cruz Alta, o Ívano, pelo seu temperamento, quando percebeu, começou a reagir. Além disso, o comando da AD era em Cruz Alta. Então, o comando da AD - o Etchegoyen - e o comando do regimento - o Ívano - na mesma unidade, na mesma guarnição, tinham choques diários. O Ívano reclamava: "Não pode!" Ele tinha razão em mostrar, mas o Etchegoyen dizia: "Mas isso aqui está escrito, está aprovado, nós vamos cumprir." Os dois eram homens dignos, de caráter.

L.H. - Mas o Etchegoyen era muito teimoso, como o senhor disse.

A.M - E o Ívano também. Então, começou-se a criar uma atmosfera, até que o Ívano teve um "pega" muito forte com o Etchegoyen. Disse ao Etchegoyen que iria pedir transferência e pediu. O Etchegoyen perdeu o segundo comandante de unidade. Lá se foi o Ívano para Bagé, se não me engano.

Todo mundo conhecia o Ívano, todo mundo conhecia o Etchegoyen. Com o problema que se estava criando, naturalmente o Canrobert, como ministro, resolveu, antes que a explosão se desse, separar os dois. E eu fiquei como único comandante de unidade dos três do Etchegoyen.

Nessa ocasião, começou o inverno. Quando chegou o mês de julho ou agosto, minha mulher, que até então não havia tido nenhum sintoma da doença cardíaca, numa noite começou a se sentir mal e eu ouvi o ruído de edema de pulmão. Meu pai tinha tido uma porção de crises, minha mãe também, então, eu sabia reconhecer. Fiquei alarmado. No dia seguinte levei minha mulher ao médico que a examinou e disse: "Coronel, é problema de coração. Vou dar o remédio, ela fica em repouso e, logo que ela possa, o senhor a leve para Porto Alegre, porque lá há outros recursos. Eu não tenho os recursos aqui". Eu disse: "Levo para o Rio. Nesse caso, vou para o Rio de Janeiro, onde tenho outros recursos melhores do que em Porto Alegre".

Aproveitei que estava num período de "entressafa" de instrução(haviam acabado todas aquelas loucuras e exercícios) e falei com o Etchegoyen e com o Gustavo Cordeiro de Faria, pedi licença, pedi férias e fui para o Rio de Janeiro, levando a minha mulher.

E ela teve uma crise quando chegou ao Rio. Dias depois, ela começou o tratamento e no hospital da Aeronáutica - o medico que nos indicaram era da Aeronáutica - e teve uma crise violenta de edema agudo de pulmão. Verificou-se que minha mulher tinha insuficiência cardíaca, devido a uma doença da mitral, mais tarde estenose da mitral. Naquele tempo, não se operava coração, então a coisa foi num crescendo. Ela ficou sete anos na cama.

Mas houve um momento em que ela teve uma crise brutal. Aí fui ao Canrobert e contei o que tinha acabado de acontecer. Ele gostava muito da minha mulher e disse: "Não me diga! Vou falar com a Nadina para ir vê-la. Mas, e você?" Eu disse: "Eu quero sair de Cachoeira. Eu não tenho nem um ano de arregimentação, não completo a arregimentação, mas não posso ficar. Nem tenho condições de ir para Cachoeira, deixando minha mulher com um problema cardíaco grave, em cima de uma cama. O senhor é meu amigo. Eu peço..." E ele: "Agora, como é que vou fazer? Vá falar com o Milton". O Milton era o Chefe do Estado-Maior. Era outro que me queria muito bem. Milton Freitas Almeida tinha sido meu comandante na Escola de Estado-Maior, quando eu era aluno.

Cheguei ao general Milton e disse: "Está-se dando isso e isso. Eu queria que o senhor me arranjasse um lugar. O general Canrobert me disse para vir pedir-lhe um lugar no Estado-Maior."

Ele disse: "Mas Coronel Muricy, o senhor está indicado para seguir para a França. Nós temos, periodicamente, oficiais que vão, e o senhor está indicado para seguir para a Escola Superior de Guerra da França." Respondi: "Mas eu não vou!" E ele: "Mas o senhor segue e depois sua mulher vai." Eu disse: "Não eu tenho experiência de doença de coração com meu pai e minha mãe." O estrangeiro é o sonho de todo oficial, não só porque é uma experiência nova, mas porque, do ponto de vista econômico, é um meio de ganhar um pouco mais, fazer um pouco de economia. Então, quem vive contando tostão, diz: "É um momento em que posso ter um desafogo e organizar melhor minha vida..." Eu disse: "Mas eu abro mão de tudo." Ele insistiu: "Mas vá pensar!" E eu: "Não vou pensar".

Voltei ao Canrobert e disse: "Falei com o general Almeida. Ele está procurando isso e aquilo..." Ele disse: "Muricy, eu acho que tenho uma solução para você. Venha aqui daqui a uma semana".

Uma semana depois, fui lá. Canrobert: "Muricy, você vai ficar no gabinete. Você não quis vir trabalhar comigo quando eu vim para cá, mas agora o Moraes vai para uma missão no Paraguai, de maneira que abre uma vaga no gabinete e você vem." E eu: "Pois não." E assim eu fui nomeado para o gabinete.

L.H. - E o Etchegoyen ficou sem os três comandantes?

A.M. - Exato. Aí se deu um fenômeno muito interessante. O Etchegoyen ficou agastado com todos os três. Mais tarde eu lhe disse: "Etchegoyen, você não compreendeu o problema. Você brigou com o Ívano, o Teles ficou doente e a minha mulher também ficou. Não vou sacrificar a minha mulher ao Exército. Já estou sacrificando minha arregimentação, prejudicando talvez o meu futuro, de promoção, mas eu tenho que dar assistência à minha mulher." Aí se deu um fato interessante. É de praxe um oficial, quando termina uma função, receber uma apreciação sobre o trabalho que fez. Eu não tenho nenhum elogio dado pelo Etchegoyen, porque ele não deu para nenhum dos três. Então, não

tenho qualquer referência a uma das fases da minha vida em que mais trabalhei, por causa do Etchegoyen. São coisas da vida, para mostrar o valor relativo dos elogios. Depende de quem dá, depende da natureza do fruto. Há coisas que são mais ou menos rotineiras e há coisas que são especiais.

Devo dizer que esta época em Cachoeira vai ter uma certa influência no resto da minha vida e na amizade aos Geisel. Quando eu fui para Cachoeira, o Orlando me disse: "Olha, Muricy, eu já escrevi para a Amália (a irmã mais velha do Geisel, que eu não conhecia) e disse a ela que receba você e Ondina como irmãos, porque vocês são nossos irmãos." E realmente a Amália foi de uma demonstração de amizade e carinho excepcionais, inclusive quando Ondina ficou doente. Lá, Ondina nunca ficou só, por causa de duas criaturas e de uma menina. As duas criaturas eram a Amália Geisel, diretora do Colégio Rio Branco, e a irmã do João Neves da Fontoura, que não procurava ninguém. Elas se revezavam ao lado de Ondina enquanto eu estava no quartel. E a terceira era uma menina, que é irmã da Luci, mulher do Ernesto Geisel. Era a Ruth.

Isso trouxe uma aproximação ainda maior com os Geisel. E vim a conhecer o Bernardo, que era o último dos irmãos .

Agora eu vou falar muito sobre o Canrobert, porque entra um período em que eu tenho contatos diários, cerrados, com ele.

L.H. - Como é que se compunha o gabinete do Canrobert?

A.M. - Logo que eu fui para lá, o chefe-do-gabinete era o Sena Vasconcelos. Havia no gabinete uma série de subseções. Na seção de informações e relações públicas, estava o Pedro Geraldo de Almeida. Nas ligações com o Estado Maior do Exército estava o Pedro Costa Leite, que era muito ligado ao Góis Monteiro e também já tinha trabalhado com o Canrobert. O Canrobert foi muito chegado ao Góis, trabalhou várias vezes com ele; foi chefe-de-gabinete dele quando o Góis era chefe do Estado-Maior do Exército e, se não me engano, quando era ministro também. Ele era chefe do Estado-Maior do Góis quando houve o putch integralista. O Canrobert foi raptado em casa, de pijama, pelos integralistas, e depois conseguiu fugir, no Alto da Boa Vista... Eu fui vê-lo. Ele me contou a história toda...

Havia, ainda: o Moraes, que saiu; o Augusto Fragoso, mais tarde, o Custódio dos Santos, que também não tinha curso de estado-maior, mas era um homem muito equilibrado. Estou mencionando os primeiros... Depois vieram o Tubino, Antonio Jorge...

A.C. - O Tubino foi o que fez o contato da Escola Superior de Guerra com o Cordeiro, não foi?

L.H. - Não. Foi o Tubino.

A.M. - Havia um na parte administrativa que não tinha curso de estado-maior e era muito sensato. Inicialmente, havia um consultor jurídico. Mais tarde, foi para lá o Demóstenes Madureira de Pinho, uma nova amizade que passei a ter e que isso importou num círculo grande de relações. O Madureira vai aparecer em 1964.

L.H. - Qual era a sua função?

A.M. - O Pedro Geraldo estava na parte relativa à 2a. seção, de informações e relações públicas. Tinha a parte relativa a operações. O Moraes era de instrução, mas passou-a para o Fragoso e me deu a função do Fragoso, que era pessoal. Depois vou mostrar o que era o problema do pessoal. Em suma, cada um tinha um setor.

Nós, oficiais de gabinete, tínhamos o papel de receber e examinar a documentação das diversas diretorias. Fazíamos um primeiro exame, para depois apresentar a documentação para o ministro poder decidir. Se fosse o caso, chamávamos o general encarregado, para esclarecer certos detalhes. E eu, por exemplo, ao mesmo tempo selecionava os casos que, fugindo das diretorias ou dos departamentos de pessoal normais, deveriam ser atendidos pelo ministro.

Havia, no Departamento do Pessoal, o Newton Cavalcanti, o mais antigo general-de-divisão do Exército. Era mais do que o Canrobert, mas foi um grande auxiliar seu e tinha-lhe um respeito extraordinário. Foi um homem enérgico. O Canrobert era maravilhoso com ele. O Newton Cavalcanti tinha grandes qualidades.

Além disso, fazíamos a ligação do ministro com as diretorias correspondentes. O ministro queria uma determinada coisa, tomávamos nota e levávamos ao general para conversar: "O ministro quer isso." Então, nosso papel era a ligação com determinados órgãos. Eu me ligava com várias diretorias - com a Diretoria do Pessoal, a Diretoria de Saúde, o Estado-Maior do Exército -, por causa da movimentação. Tudo que se referia a transferências, punições e aos problemas de pessoal passava pela minha mão, quando eram casos que deviam subir ao ministro. E eu é que levava, normalmente. O Canrobert tinha um sistema de trabalho referente ao pessoal. Ele chegava, diariamente, às sete horas da manhã no gabinete. Quando ele chegava, o contínuo ia direto ao Pedro Geraldo e a mim: "O ministro chegou."

A.C. - O senhor já estava lá?

A.M. - Já estava lá, com toda a pasta pronta para conversar com o Canrobert. Ele começava o dia conversando com o Pedro Geraldo e comigo.

Eu chegava a ele e dizia: "General, ontem estiveram aqui fulano, sicrano e beltrano. Fulano quer aquilo, isto e aquilo... Ele deseja falar com o senhor. O caso dele é esse..." Ele perguntava: "E o que você pensa?" E eu dava minha opinião: "Eu acho isso, isso..." Ele respondia: "Você pode fazer isso aí Muricy".

L.H. - O senhor já levava o processo com o seu parecer?

A.M. - Com meu ponto-de-vista. Não se levam problemas ao chefe, levam-se sugestões e solução. Ele pode não aceitar e pedir outras, mas não se levam problemas. Então eu já levava tudo mastigado. E ele mesmo dizia: "Então, você fala com A,B, e C e vai resolvendo." É preciso ter critério em assuntos muito delicados." Lidar com homens foi uma das coisas que eu aprendi na vida, desde os 19 anos. No gabinete do Canrobert, então, isto se cristalizou e, mais tarde, completei a aprendizagem no Departamento do Pessoal.

O Canrobert foi um homem que me deu exemplos fantásticos. Ao lado da sua energia, ele tinha bom senso! De início, ele me disse: "Muricy, você vem para o gabinete, mas vai para a seção do pessoal, porque tem temperamento para isso. Quando for um problema justo e que esteja dentro dos regulamentos, você já pode falar com os diretores e resolver. Quando for um caso que não tenha apoio em lei e seja justo, traga a mim para que eu o resolva.

Quando for um caso que tenha apoio na lei mas não seja justo, você não responde. Corte, porque eu não faço."

Então, como disse, eu tinha liberdade de ação. Os companheiros vinham para mim: "Ah, Muricy, eu estou tantos anos lá na fronteira... Tenho um problema aqui... Meu filho tem que se matricular na universidade...", essas coisas do dia a dia. Eu examinava o caso e dizia: "Mas você não pode, você só está com meses. As exceções são exceções. O ministro faz exceções, mas é preciso ver se você se enquadra nelas. Se você se enquadra, não tenha dúvida nenhuma: o ministro respalda. Mas se não se enquadrar, eu não posso opinar favoravelmente." Esse trabalho me obrigou a conhecer muita gente no Exército e a sentir os problemas dos companheiros. Vinha tudo. Essas coisinhas miúdas... Eu tive o caso- isso foi mais tarde - de uma esposa me pedir para tirar o marido do Rio de Janeiro, para ir o mais longe possível...[Risos] Geralmente, se quer vir para um centro maior... Compreende-se, os problemas são de toda natureza.

Com o Canrobert: Tive uma grande felicidade, durante todo o período em que fiquei do fim de 1947 a 1949, quando fui... Eu trabalhava continuamente. De manhã...

[FINAL DA FITA 15-A]

A.M. - ... preparava o papelório para, de tarde, fazer os contatos com as diretorias. Depois do despacho com o ministro, eu preparava, atendia, via quem é que convinha ao ministro atender. Se era um caso que eu podia resolver, eu resolvia. Diariamente eu prestava ciência de tudo que eu fazia. E tive uma grande satisfação: nesse período todo, em apenas duas ou três vezes o ministro não concordou com a decisão que eu tinha tomado.

Aí é que vem o que é um chefe: de um rigor absoluto... Inclusive, há o episódio da promoção do genro do Zenóbio, comandante do Exército, que foi mandado classificar fora do Rio. Tive que comunicar o fato ao Zenóbio, que ficou uma fera. Ele disse: "Olha, Muricy, você me desculpe, não é com você não, mas..."

L.H. - Soltou os cachorros...

A.M. - A única solução que foi possível encontrar foi arranjar um lugar de civil para o genro do Zenóbio, para poder tirá-lo do Exército, porque, dentro do Exército, o Canrobert disse que não havia lugar para ele, de qualquer maneira. O Xavier não era mau rapaz.

A.C. - O que ele alegava para pedir direitos especiais?

A.M. - É meu genro." E o Canrobert não tinha nada com o fato dele ser genro do Zenóbio. Então, houve uma conversa comprida com o Zenóbio.

A.C. - E como é que se arranjou a história?

A.M. - Ele conseguiu um lugar qualquer, uma coisa civil, na Secretaria de Segurança do estado do Rio. Saiu do Exército, ficou à disposição do governo do estado do Rio. Eu disse ao Zenóbio: "General, o ministro disse que não pode abrir exceção para..." E ele: "Ah, mas Muricy..." Um negócio! E eu calmo, ouvindo tudo tranqüilamente, imperturbável... Mas isso aí é só para mostrar os problemas de pessoal. Agora vêm dois casos em que se mostra o chefe.

Eu estava no meu gabinete, quando chegou o servente e disse: "Coronel, tem um capitão Mancilha Monteiro que quer falar com o senhor". Recebi o capitão e ele disse. "Coronel, eu queria falar com o ministro, porque fui classificado no Rio Grande do Sul." E eu: "Por que motivo o senhor quer falar com o ministro?" E ele: "Eu estava na Escola de Aperfeiçoamento, fui desligado e o general Americano me classificou no Rio Grande do Sul." Eu perguntei: "Por que é que você foi posto para fora da escola no meio do ano?" Esse homem era um daqueles maus elementos que existem em todas as corporações. Já era conhecido. Comecei a apertar o Mancilha e cheguei à conclusão de que ele tinha sido posto para fora da escola porque tinha sido apanhado colando. Mas não ficou a prova. Então, a matrícula foi trancada e o Brasileiro Americano, que foi seu comandante e chefe da 1ª Divisão do Pessoal, não discutiu: "Para o Rio Grande, para uma unidade de cavalaria." E lá foi o Mancilha. Mas eu passei uma descompostura violenta no Mancilha: "Olha, capitão, não vou levar o seu caso ao ministro, porque o senhor não merece. O senhor se retire do meu gabinete." Mandei-o embora.

No dia seguinte, conforme o meu hábito, fui ao Canrobert: "General, ontem estiveram A,B,C,D e o capitão Mancilha. O caso do capitão é assim, assim e eu disse isto." O Canrobert respondeu: "Fez muito bem." E eu: "As informações que depois eu colhi são as piores possíveis. Não é caso para termos consideração nenhuma para com ele, porque ele não merece."

Passam-se os dias e um belo dia eu entro na ante-sala do gabinete do Canrobert, onde estão os ajudantes-de-ordem, e vejo o Mancilha sentado, ao lado do Oly Simões Lund, um dos ajudantes-de-ordem. Entrei imediatamente no gabinete do Canrobert e disse: "General, eu estou vendo aí fora, para falar com o senhor, o capitão Mancilha. O capitão Mancilha é aquele do caso assim, assim." Ele disse: "Está muito bem." E eu "Cuidado, general. Esse homem... Olha o que ele vai lhe dizer."

No dia seguinte, de manhã, quando fui lá, disse o Canrobert: "Muricy, você vai procurar o Brasileiro", o nome certo do Brasileiro Americano Rego era Brasilino; o Canrobert e ele eram colegas de Colégio Militar, "e dizer-lhe que ponha o capitão Mancilha na cadeia, faça o que quiser com ele, mas o capitão Mancilha fica no Rio." E eu: "Mas general... o senhor caiu naquela esparrela?! Com um sujeito desse?!" Ele aí ficava vermelho: "Senta aí, senta aí. O capitão Mancilha é isso?" E eu: "É, sim senhor". Ele: "O capitão Mancilha é isso?" E eu: "É, sim senhor". Ele: "O capitão Mancilha fez isso?" E eu: Fez, sim senhor". Ele: "O capitão Mancilha tem uma mãe louca?" Eu: "Tem, sim senhor". Ele: "O capitão Mancilha é filho único?" Eu: "É, sim senhor. A mãe dele está hospitalizada aqui no Rio, mas ele não dá assistência." "E Canrobert: "Mas enquanto a mãe dele estiver hospitalizada aqui no Rio e ele for filho único, ele fica no Rio! Vá dizer isso ao Brasilino." E o Mancilha ficou. Mau elemento. Este é um lado que temos que olhar.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

A.C. - Então o senhor estava dizendo que não era um problema social, era um problema humano.

A.M. - Sim. O Canrobert era um homem que unia a energia à verdadeira bondade. Digo sempre que a bondade não é passar a mão pela cabeça. É punir e é também dar. É antecipar-se ao subordinado, de maneira a atender às suas necessidades, Isso é que é a bondade do regulamento. É a bondade de que falamos no juramento à bandeira (tenho, inclusive, um

boletim em que falo do juramento à bandeira): "Se tratar com bondade os subordinados... afeição aos irmãos de armas..."Está lá no juramento. Um outro aspecto do lado humano pode ser visto neste caso que vou contar.

Eu estava na minha sala, de tarde, trabalhando, quando o contínuo - naquele tempo não havia interfone nem coisa nenhuma – e disse: "O senhor ministro está chamando." Eu fui: "Pronto, general". E ele: "Procure saber quem é o capitão Délio Barbosa Leite." Eu não perguntei mais nada.

No dia seguinte fui a ele e disse: "Pronto, general, o capitão Délio é um oficial de muito valor trabalhador, competente, instrutor da Escola de Aperfeiçoamento, que tem problemas de família muito graves: Tem duas filhas excepcionais, já gastou tudo o que tinha e está numa situação financeira muito grave, muito difícil." Aí é que ele se abriu: "Ele esteve aqui me procurando porque - ele me contou exatamente isso - veio me pedir que eu como ministro, desse um aval para ele poder fazer um empréstimo, porque ele já está sem condições, está insolvente na vida. Ele veio ver que solução eu posso dar, como ministro." E também não disse mais nada.

Daí a dias, o Canrobert me chamou. Aliás, foi o Pedro Geraldo que veio a mim e disse: "Olha, Muricy, o ministro quer falar amanhã com o Délio no gabinete, às tantas horas." Telefonei para a Escola de Aperfeiçoamento, falei... não me lembro quem era o comandante: "O ministro quer falar com o capitão Délio às tantas horas. "No outro dia, o Pedro Geraldo e eu entramos com o Délio. O Canrobert, com aquela voz sua de contralto, disse: "Capitão, eu estive examinando o seu caso. Não vou fazer o que o senhor me pediu." O Délio ficou branco. Canrobert continuou: "O senhor vai para a Comissão Brasileira em Washington, porque acabou de abrir uma vaga e o senhor vai lá tratar as suas filhas com os médicos americanos. E vai ter recursos para poder fazer alguma coisa por elas." Isto é um chefe.

E tem, assim, uma série de casos, inclusive o Alcebíades Tamoio. O Alcebíades teve um problema cardíaco. E estava se arregimentando, como coronel, em Caçapava, vale do Paraíba, ou Lorena - não me lembro - e teve que largar o comando. O médico que o atendeu disse: "O Tamoio não está bem. Precisa ficar de repouso." Eu fui ao Canrobert, que disse: "Vai mantendo tudo... não quero que falte nada ao Tamoio." E assim fiz. Atendi ao máximo o Tamoio.

Daí a tempos ele ficou bom e veio me procurar todo entusiasmado: "Ah, Muricy, agora eu estou bem... Preciso voltar, me arregimentar..." Eu mandei chamar o médico e perguntei: "Qual é o estado do Tamoio?" E o médico: "Não convém ainda". Eu fiquei tapeando o Tamoio e mantendo o Canrobert informado. Até que um dia o médico disse: "Agora ele está bom": E eu fui ao Canrobert: "Olha, general, o Tamoio agora está em condições. O Lima Maia acabou..." E o Canrobert: "Então, você veja aí uma classificação, num lugar calmo, numa tropa calma. Não quero nada violento para o Tamoio." E eu estava providenciando isso. O Tamoio ficou radiante. Mas, numa madrugada a mulher dele, Letícia, me telefonou: "Muricy, pelo amor de Deus venha para cá, que o Tamoio está morrendo." Ele morreu quase nas minhas mãos. São coisas... Assunto de pessoal é uma das coisas mais difíceis e dolorosas às vezes... Ao mesmo tempo, há necessidade de ser honesto com o Exército. Em toda parte há aqueles que... Depois eu aprendi a fazer o pessoal embarcar e preencher os claros no interior. Todo mundo quer vir para as melhores guarnições, para os melhores lugares, os mais tranquilos para essa finalidade. E fica difícil atender uma unidade lá no interior do Amazonas, do Mato Grosso ou do Rio Grande do Sul, que está sem tenente, sem capitão, sem major...

Mas isso me deu, como conseqüência, um enfarte [riso]. Em 1949. Nem me lembro mais qual foi o dia... Eu era um homem ocioso. Sou forte, naquele tempo, eu tinha 43 anos... eu era um monstro. Trabalhava dia e noite. Subia escada, não esperava o elevador. Subia três, quatro, cinco andares, descia quatro, cinco andares, porque as minhas ligações eram em andares diferentes.

Num sábado, saí de casa, senti uma coisa qualquer no peito, parei, senti o coração meio complicado e depois o sangue voltou novamente a correr. Passei a manhã toda com mal-estar, as mãos frias. Tomei a pressão - estava mais ou menos - e fui para casa. Quando cheguei em casa, veio a dor. Era o enfarte. E eu só tive tempo para uma coisa: chamei meu cunhado - que já vinha trazendo a trinitrina para botar em baixo da língua - e o médico, que era o de minha mulher e até hoje é meu amigo. Naquele tempo não havia eletro para fazer na hora. Ele chegou com o aparelho da clínica, fez o eletrocardiograma e disse: "Agora, Muricy, eu vou fazer a ... revelar o filme, mas não se mexa (comigo a coisa era branco-no-preto), porque pode ser um enfarte ou, pode não ser. Mas, se for um enfarte e você se mexer, amanhã você pode estar num caixão." Passado um tempo ele voltou. Olhei para ele e disse: "Menezes, é enfarto." Ele disse: "É. E você vai ser dopado." Ele me empurrou morfina: Era um sábado. Ele me fez dormir dois dias e, na segunda-feira, me levou para o hospital. E eu fiquei dois meses o hospital. Naquele tempo a coisa era muito lenta.

A.C. - Não havia os recursos que há hoje.

A.M. - Não... Naquele tempo... Para começar, hoje, em poucos dias a pessoa se levanta. Eu fiquei 15 dias sem me mexer. Eu, um homem irrequieto, fiquei 15 dias parado. Mas fui me consolidando aos poucos. Talvez por isso, tive uma recuperação que o Menezes considera a mais brilhante cura de enfarte que ele já viu. Anos mais tarde, fui aos Estados Unidos, fiz um checkup e o médico disse: "Coronel, se o senhor não tivesse me contado que tinha tido enfarte, se eu não olhasse bem para aqui, onde se vê uma seqüela, eu diria que o senhor nunca teve nada." Isso foi dito por um dos grandes cardiologistas americanos.

Fiquei mais um mês ou dois em casa e voltei a trabalhar. Aí o Canrobert disse: "Você vai mudar de seção. Esta seção não serve para você. Você vai chefiar a parte burocrática." Então, passei a comandar papéis. Tinha um conjunto de uns vinte ou trinta funcionários, alguns maravilhosos: o Caio Marcelino, um oficial administrativo, um preto maravilhoso; a Anita Paiva, que depois foi chefe da Escola Civil do Ministério; e outros funcionários muito competentes. Dessa maneira, tive uma vida mais calma.

L.H. - As promoções passavam pelo senhor quando estava cuidando do pessoal?

A.M. - Não. A promoção não era minha atribuição. Eu controlava as transferências, principalmente, e os casos especiais, as licenças, a parte material dos oficiais e o apoio a eles. Isso é que era a minha função.

A.C. - Esse acesso ao ministro da Guerra através de seus auxiliares era relativamente fácil ou...

A.M. - Era só com autorização.

A.C. - Como é que um oficial com problemas chegava até o ministro?

A.M. - Ele ia pela cadeia hierárquica. Digamos que ele trabalhasse na Escola de Aperfeiçoamento. Ele dizia: "Senhor general, estou precisando falar com o ministro sobre esse assunto". "Pode ir". Ele ia ao comandante da região: "Estou autorizado a falar com o ministro." "Pois vá." Chegava no elo de ligação, e pedia uma audiência, conforme o assunto, com um determinado oficial-de-gabinete. Muitas vezes era comigo, no caso de pessoal. Os ajudantes-de-ordem encaminhavam a audiência. Quem fazia a relação final eram os ajudantes-de-ordem.

A.C. - Quer dizer que havia uma triagem que garantia ao senhor que receberia só os casos que merecessem alguma consideração.

A.M. - Sim, porque os casos normais morriam antes. Há uma concepção errada de que o oficial é muito limitado. Não é. O oficial sempre tem recursos contra o seu superior, exceto quando chega no escalão ministro. Mas o oficial sempre tem direito de se queixar da autoridade acima.

A.C. - Como isso se dá?

A.M. - Vou contar um episódio. O general Augusto César de Castro Muniz de Aragão é meu primo, meu amigo, um dos homens de temperamento mais difícil que eu já trouxe na minha vida. Com todo meu parentesco, meu companheiro de gude...

Quando ele era capitão, aluno da Escola de Estado-Maior, o Silva Júnior, comandante da 1ª Região, foi à escola ou a reunião e disse a meia voz: "Que careca indecente..." O Augusto César, que já é careca, raspa. Então ficou com a cabeça... Lembram-se daquele general russo, completamente careca? Seu nome terminava em "of", então chamávamos o Augusto César de "Aragonof": O Aragonof ouviu aquele negócio e, numa certa hora, se aproximou do Silva Júnior e disse: "General, eu queria falar com Vossa Excelência em particular": E disse: "General, eu ouvi e vim pedir licença para me queixar do senhor": O Silva Júnior: "Como?" E ele: "Eu ouvi o senhor dizer que a minha careca é indecente. Eu não posso consentir nisso. Então, eu quero que o senhor retire oficialmente essa expressão que o senhor falou no meio de um círculo de outros oficiais." O Silva Júnior respondeu: "Está concedida a licença": O militar vai ao superior, pede a licença, o superior é obrigado a concedê-la e o caso sobe à instância imediatamente superior. É mais uma comunicação de que o oficial vai-se queixar.

Então, o Augusto César fez um documento. Naquele tempo, o ministro era o Góis. Ele redigiu uma carta ao Góis se queixando: "Devidamente autorizado... venho me queixar..." E o Góis ficou com uma batata quente na mão porque não sabia como resolver. Muito hábil, ele começou a falar com todos os amigos do Aragão, para convencê-lo, a retirar a queixa. O Augusto César levou uns seis meses para retirá-la. Enquanto isso, o Silva Júnior, coitado, vivia sem saber o que fazer. Não tinha solução.

A.C. - Mas não precisava de provas?

A.M. - Não! O militar te fé! Se eu digo "o senhor general disse", ele vai desdizer? Ele disse na presença de testemunhas! Então um chefe vai dizer que não disse uma coisa que outros ouviram?! Como?

L.H. - O militar tem fé pública.

A.M.- Tem, tem o que se chama... tem fé.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

A.M. - Eu conto essas estórias para ficar mais engraçado, para que conheçam um pouco a vida deles. Essas piadas mostram, por dentro, um pouco da vida do Exército que muita gente não conhece. Pensam que nós somos quase escravos da disciplina. Não. Nós temos válvulas completas.

Outra coisa: Se sou capitão, subordinado a um major ou a um coronel e me queixo, imediatamente eu saio do comando e vou para outro comando, para não ficar mais subordinado a ele, para que não haja conseqüências de uma má vontade pelo fato de eu ter me queixado.

L.H. - Não se fica à mercê de uma possível arbitrariedade.

A.M. - Não se fica.

A.C. - E, como o senhor disse, há um controle muito grande, porque um chefe que é injusto, que comete um arbitrariedade, está sendo vigiado pelos colegas...

A.M. - E mais: eu digo sempre que na vida militar - na vida em geral - é muito fácil enganar os superiores; é muito fácil enganar os subordinados; mas não se engana na horizontal: Então, mais tarde, isso vai ter repercussões na avaliação dos oficiais, principalmente na Escola de Estado-Maior. O conceito é muito importante para o prosseguimento da vida, principalmente quando se chega às promoções aos postos superiores e ao generalato. Examina-se muito o conceito que o oficial foi adquirindo através da vida militar: Esse conceito às vezes era dado com honestidade pelo chefe ao subordinado. Mas nem sempre a apreciação do chefe era perfeita. Então eu tentei, quando eu fui instrutor, colocar também o ponto de vista dos pares. Não tive êxito, mas isso foi adotado mais tarde. O aluno era chamado a responder: "Se você tivesse que trabalhar com fulano, você iria com prazer? Por quê? Se você tivesse que fazer uma missão arriscada, que companheiros da sua turma você escolheria? Se você tivesse que fazer um trabalho intelectual, intenso, que é que você chamaria?"

A.C. - E isso se incorporava ao conceito?

A.M. - Sim. Mas isso é sempre falho, porque a coisa mais difícil é julgar.

L.H. - Por exemplo, quem o senhor levaria, se tivesse uma missão arriscada?

A.M. - Por exemplo, em 1964, quando tive que escolher meus companheiros, uns eu não podia levar, porque estavam presos ao Castelo, mas fui buscar o meu pessoal: o Valter Pires; o Alísio, que veio depois, muito bom; veio o Heitor Caracas Linhares, que não foi escolhido por mim; o Itiberê, que não pude encontrar: Era gente que ia para brigar, e sem

saber as conseqüências. Isso não quer dizer que fossem só esses, havia outros, mas nesse momento os outros estão ocupados, nesta ou naquela função. Escolhe-se entre aqueles que estão disponíveis. E é uma responsabilidade muito grande escolher os companheiros para as coisas arriscadas.

L.H. - O senhor tem que escolher inteligências específicas. Se o senhor quer um trabalho intelectual sólido, escolhe um grupo; se quer uma missão arriscada, escolhe um outro grupo.

A.M. - Eu, por exemplo, tive, entre os meus alunos da Escola de Estado-Maior, magníficas cabeças e gente que era mediana, normal. Mas entre eles, por exemplo, eu me lembro do velho Barros Cavalcanti: baixo, gordo, atarracado, sério, um homem de um caráter firme. Toda vez que eu estiver uma situação difícil eu vou querer o Barros Cavalcanti do meu lado. Ele morre comigo. Tem uma seriedade, uma sinceridade, um desprendimento, é uma coisa excepcional! Ele é um homem para as coisas arriscadas, porque vai, e vai mesmo.

A.C. - Quais eram as funções do Pedro Geraldo? Gostaria de entender um pouco como que funciona o Ministério.

A.M. - Agora, eu vou entrar nos elementos.

O chefe-de-gabinete um homem que coordena, que traz. Não tem uma função específica. O ministro atribui certos despachos ao chefe-de-gabinete: as coisas de mais rotina, para não estar assinando coisas secundárias. Ao mesmo tempo, o chefe-de-gabinete vai acompanhando o ministro, tendo contatos permanentes. Então ele está acompanhando o que o ministro deseja e, muitas vezes, um porta-voz do ministro para os seus próprios oficiais de gabinete. E um substituto eventual...

[FINAL DA FITA 15-B]

A.M.- ... do ministro... Não. O substituto eventual chama-se chefe do Estado-Maior do Exército.

A.C.- O chefe de gabinete, hierarquicamente, muito inferior.

A.M.- Naquele tempo, era coronel. Então, o numero dois, o substituto do ministro depois a coisa ficou meio confusa - era o general mais antigo. O Canrobert, no período em que estávamos no gabinete, foi aos Estados Unidos. Quando ele partiu, assumiu o ministério o Newton Cavalcanti, que era o mais antigo dos generais-de-divisão em serviço.

A.C.- Quer dizer, dos que estavam no ministério, o mais antigo...

A.M.- Não! Dos que estavam no Exército!

A.C.- mesmo que estivesse fora do Rio?

A.M.- Sim.

L.H.- Era o mais antigo da ativa.

A.M.- O mais antigo da ativa era o que assumia. Depois, quando eu já tinha quatro estrelas, por uma questão de melhor formação dos chefes militares, - fez-se a hierarquia dentro do ministério. O número um o ministro, naturalmente. O número dois o chefe do Estado-Maior, mesmo sendo mais moderno. Eu, como chefe do Estado-Maior, tinha como mais antigos do que eu o Mamede - que tinha sido promovido por merecimento, embora fosse de uma turma depois da minha na Escola Militar - e o Sizen, que também tinha tido promoção por merecimento... não, o Sizen era mais moderno do que eu. Depois vinham os chefes de departamento e, a seguir os comandantes de Exército. Esta a hierarquia funcional. Mas isso já foi ultimamente.

Eu, por exemplo, comandava a ID de Natal e assumia constantemente o comando em Recife. Mesmo comandando o Natal, eu assumia o comando do Exército.

L.H.- Eu estava perguntando isso porque, em 1943, no período da guerra, houve uma época em que o Dutra foi aos Estados Unidos. Assumi o general da ativa mais antigo?

A.M.- Exato. No Exército há um princípio: sempre tem alguém para substituir. Ninguém faz falta. No gabinete do ministro, eu aprendi que ninguém faz falta. Pelas funções que eu tinha, eu tinha quinhentos milhões de casos nas mãos, alguns de responsabilidade e de interesse do ministério. Tive um enfarte, parei tudo e fiquei na cama dois meses. E pensava: "E este caso? E aquele caso?" Quando voltei e mudei de função, o Canrobert tinha posto na minha função um oficial, meu vizinho de mesa, que tratava de um assunto completamente diferente. Ele continuou o meu trabalho. Houve um período de ajustamento e depois a coisa continuou. Eu aprendi, nas minhas próprias costas, que ninguém insubstituível.

Vamos às funções depois vamos falar um pouco sobre o problema do Canrobert com a política.

A.C.- Essas funções do pessoal que eram muito complexas ficaram com o senhor.

A.M.- Ficaram. As outras funções: havia as do Pedro Geraldo. Ele era o homem encarregado da parte de informações e, além disso, da parte de relações públicas. Era muito hábil, diplomata nato, de maneira que ele preparava as recepções de uma maneira formidável. Ao mesmo tempo, ele estava em ligação com os órgãos de informação que, naquele tempo, não eram estruturados como hoje.

Naquele tempo, como normal, havia em cada comando um setor de informações, que corresponderia 2a. seção e que, no gabinete, era a E2, subordinada ao Pedro Geraldo. O setor acompanhava os aspectos políticos e subversivo no Brasil. São os dois pontos que normalmente, num período de paz, interessam aos dirigentes. E o Pedro Geraldo, diariamente, ia ao ministro e fazia um apanhado do que tinha acontecido no Brasil, na parte política e na parte subversiva.

Para isso, ele se baseava não só no que se chamava E2, mas também no Estado-Maior do Exército, onde ele tinha contatos diários e que também lhe fornecia documentos. O Estado-Maior tem uma seção de informações, de pesquisa. Esta seção fornecia informações ao chefe do Estado-Maior e ao ministro, através do Pedro Geraldo, a não ser quando fossem casos muito graves, quando o chefe do Estado-Maior ia diretamente ao ministro para expor

os problemas mais graves, que são pessoais. Mas os de rotina, eram feitos através do...

L.H.- O Pedro Geraldo, nessa época era coronel?

A.M.- Era. E eu era tenente-coronel, de modo de ele era mais antigo do que eu. O Pedro Geraldo era de 1921. Todos nós tínhamos estado-maior. No gabinete, só não tinham estado-maior o Spolidoro e o chefe do departamento de administração - que depois eu fui ser, e então a função passou a ter um oficial com curso de estado-maior. A parte de administração do gabinete referia-se entrada de papéis ao protocolo, garagem, gasolina...

A.C.- Qual era o nome oficial da sua função anterior?

A.M.- Chefe da seção do pessoal do gabinete. Eu fazia a ligação do ministro com os diferentes chefes, quando eram assuntos também... porque quando era coisa mais séria, era o ministro com o próprio. Eu falava onde se movimentava o pessoal: departamento de pessoal, com Newton Cavalcanti; diretoria de pessoal, com Brasiliano Americano; com o Estado-Maior do Exército, principalmente com a chefia do gabinete, que a que trata do pessoal no Estado-Maior do Exército; com a diretoria de saúde, na parte referente aos médicos; com a diretoria de veterinária, na parte referente aos veterinários; com a diretoria de intendência, na parte referente a oficiais de intendência. Então eu tinha ligação com todas essas e mais, esporadicamente, com os comandantes-de-exército - naquele tempo era divisão.

A.C.- Uma curiosidade: qual a diferença entre a diretoria de pessoal e o departamento de pessoal?

A.M.- O departamento está acima. É cúpula, acima da diretoria.

L.H.- Eu queria voltar ao Pedro Geraldo. Como era o contato com ele? Que tipo de pessoa era?

A.M.- O Pedro Geraldo um dos homens fascinantes que eu conheci. Trato muito fácil. Educadíssimo, muito inteligente, muito hábil. Eu o chamava de Pedro Malasartes.

A.C.- Isso inesperado para mim!

A.M.- Mas eu o chamava de Pedro Malasartes, porque ele tinha idéias, preparava... Por exemplo, nessas coisas políticas que vão acontecer dentro do Brasil, em que o Canrobert vai tomar... ele conseguia amenizar, controlar. Ele sabia. Mais tarde, veio para o gabinete um outro elemento que, para mim, era o mestre dos mestres nesse assunto. Chamava-se Newton Fontoura de Oliveira Reis. O Newton Reis e o Golbery formaram, mais tarde, uma dupla imbatível.

A.C.- Imbatível em quê?

A.M.- Em habilidade política.

A.C.- Como que isso funcionava?

A.M.- Deixa eu chegar lá.

A.C.- Quero dizer, o senhor está falando do Pedro Geraldo. Como essa...

A.M.- São dessas coisas... Por exemplo, ele sentia que havia um problema desgastando o Exército num setor, ele via quais eram as autoridades civis que deveriam interferir, se era preciso falar na Câmara... Ele ia conversar, para pedir a interferência. Esses desbordamentos, essa habilidade de "quebrar os galhos", sem aparecer...

Sempre há os choques. Então, o Pedro Geraldo fazia essas ligações. Às vezes eram choques entre generais, ou com um coronel. Então ele ia apaziguar, acertar, e mantinha o Canrobert ao par dos problemas.

Quando houve o problema da intervenção que o Dutra queria fazer em São Paulo, o Pedro Geraldo teve uma habilidade muito grande para apoiar o Canrobert, que quase entra em choque com o Dutra. A habilidade política do Pedro Geraldo era extraordinária. Era quem fazia a maior parte dos contatos com o mundo civil e com os próprios generais.

A.C.- Como um coronel fazia isso?

A.M.- Ele fazia, representando o ministro. No fim de algum tempo, ganhou amizade e veio uma confiança recíproca. Então, através da confiança, porque ele não poderia impor, era mais ou menos assim: "Mas isso aqui? Quem sabe, a gente resolve o caso assim..." Fazia um trabalho de persuasão. Ele não tinha autoridade para fazer, mas tinha conhecimento dos assuntos e habilidade para contornar. Isto uma coisa muito pessoal. Mas o grande mestre era Newton Reis. Ele tinha uma habilidade imensa. Ele estava na missão militar brasileira no Paraguai, terminou o serviço e veio para o gabinete, já no fim do período Canrobert.

L.H.- Que função ele veio exercer?

A.M.- Não lembro mais qual era. O fato que ele era muito alegre, muito brincalhão. O Newton Reis era um homem que mexia com todo mundo. Por exemplo, no dia 13 de maio, infalivelmente, um grupo de companheiros recebia um telegrama dele: "Parabéns pela princesa Isabel." O Ademar, eu, o Barros Nunes, o Cacau, o Dair todos que eram morenos ganhavam um telegrama do Newton Reis.

Ele morreu do coração e depois a sua família morreu num desastre pavoroso. Foi uma das coisas mais chocantes... Eu não agüentei ficar no cemitério. Só escapou um filho que não estava no carro. A viúva dele com um dos filhos, a nora e dois netos foi ao Nordeste e esteve hospedada em casa do João Bino Machado. Na volta, o filho entra numa contramão, numa lombada, e dá de cara com um caminhão. Morrem todos. Ele ainda fica vivo dois dias. No cemitério, os cinco cadáveres, sendo que os dois garotos num mesmo caixão: duas crianças. A coisa foi tão forte que eu disse para o Orlando Geisel: "Orlando, eu não posso ficar aqui." Eu sou duro, mas eu não agüentei ficar. Uma coisa bárbara. Eu queria muito bem Nan e aos filhos. Bom, isso coisa do passado.

Estamos ainda no Canrobert e no gabinete. Nessa ocasião, a guerra tinha acabado e Perón estava armando brutalmente a Argentina. Perón aplicou grande parte das reservas-ouro que a Argentina tinha acumulado na guerra em compra de material. Em vista disso, houve um

problema para o nosso Exército. Por que que a Argentina está se armando, e ficando com um potencial maior do que o nosso, encostado na nossa fronteira? Então, temos que fazer um reajustamento dos problemas de estado-maior no Sul. Isso função do Estado-Maior. Mas era um assunto de "operações". Então, o coronel Tubino foi o homem encarregado, no gabinete, de fazer os contatos com o Estado-Maior, para discutir o problema e manter o Canrobert permanentemente informado sobre o que estava acontecendo. Quando a coisa tomava certo vulto, aí era de chefe de Estado-Maior para ministro. Mas quando era coisa simples, ele pegava os dados, levava lá, nos mostrava. Então, este o trabalho de ligação.

L.H.- Quem era o chefe do Estado-Maior? Não sei se o senhor falou.

A.M.- Primeiro, foi o Milton de Freitas Almeida, mas depois mudou... SÓ vendo se tenho o nome aí anotado.

A mesma coisa aconteceu num setor diferente, também de assuntos referentes política de pessoal, que primeiro era do Pedro Costa Leite e depois foi do Antonio Jorge Correia. Também ele fazia ligação com o Estado-Maior etc.

O Spolidoro, por exemplo, fazia a parte relativa disciplina e justiça. Os processos, os casos que iam para a polícia, os casos de toda natureza de crimes militares, fosse por esse motivo ou por aquele e que tinham que ir ao ministro, passavam pela mão do Spolidoro.

Inclusive, por exemplo, durante o Estado Novo, muitos oficiais foram reformados pelo célebre artigo 177. No fim do Estado Novo, quando veio a redemocratização, foi dada a anistia. Então, houve um problema: o que fazer com esses oficiais? E esses processos foram todos recolhidos e mandados para a mão do Spolidoro, para ele levar para o ministro. E a coisa era um mundo. O Canrobert determinou que eu ficasse trabalhando com o Spolidoro num projeto de lei a ser apresentado ao Congresso, para evitar a volta ativa de certos elementos que não interessavam. O artigo 177, pela facilidade de botar para fora um oficial, pegava os indivíduos e fazia as cassações. E eu posso dizer que as cassações tinham sempre uma razão, a não ser as de caráter exclusivamente político, mas não se dava publicidade ao motivo. Então, havia oficiais bêbados, desonestos, de cujo delito não se tinha a prova provada, mas que se tinha convicção da desonestidade. Então, todos esses casos foram atingidos pelo 177, no tempo da guerra, quando o Dutra era ministro. Esses oficiais foram reformados e pela lei da anistia, eles deveriam ser anistiados e regressar. É o que está havendo nesse momento. Mas não convinha trazer esses homens para a ativa. Eram homens que não tinham condições para comandar ou para fazer qualquer serviço. Então, recebi o encargo de fazer um projeto de lei, uma primeira idéia. Naturalmente, não fiz isso sozinho. Eu peguei as idéias, discuti com o Spolidoro, depois levei ao ministro, e o ministro mandou para o Madureira de Pinho, que, então, botou os olhos jurídicos ali em cima. O problema saiu da minha mão e ficou entre Madureira de Pinho e ministro.

Eu peguei o ponto de vista do exército, porque, inclusive, eu não ia resolver tudo sozinho. Eu falava com os generais, eu ia... Compreenderam como era o trabalho? O ministro me dizia: "Você me prepara isto." Eu via o assunto, tinha minha opinião pessoal e depois ia procurar o chefe do pessoal, o chefe do Estado-Maior, etc. e dizia: "O ministro está interessado, então, quem que vai ajudar?". E eu ficava em ligação com os oficiais, em diferentes diretorias e órgãos, que também tinham opinião. E com isso eu fiz uma coletânea dos pontos de vista do Exército. Dei uma primeira forma, completamente da minha cabeça, mas levei ao ministro e ele a mandou para o consultor, para poder enviar ao Congresso um projeto de lei que impedisse a volta ativa desses oficiais. Isso um exemplo

do nosso trabalho no gabinete.

L.H.- E como eram as relações do Alcio, como chefe da Casa Militar, com o Ministério da Guerra?

A.M.- O ministro - isso ocorre até hoje - diretamente subordinado ao presidente. O chefe da Casa Militar é um elemento de coordenação, para fazer junto ao presidente mais ou menos o que nós, no gabinete, fazíamos em relação ao ministro. Então, ele deve receber os elementos dos diferentes ministérios, reunir, examinar... Tudo isso ele tem hoje na secretaria do Conselho, que também opina. É um órgão... Depois o chefe da Casa Militar leva o seu ponto de vista ao presidente. Se uma coisa normal, o presidente resolve, se não, o presidente manda chamar o ministro interessado e então discute. Quando o nível do chefe da Casa Militar praticamente igual ao dos ministros militares, há uma situação. Isso depende, coisa pessoal. Por exemplo, o Alcio tinha a mesma formação, era da mesma turma do Canrobert. Então a coisa era equilibrada e às vezes produzia um choque funcional, questão de troca de opinião. Embora funcionalmente o Canrobert devesse ter precedência, muitas vezes a opinião do Alcio junto ao presidente Dutra tinha... Então, criava problema, porque lá ia o Canrobert discutir com o Dutra e vinha o Alcio também. Então ficava os três para resolver. Se fosse o caso, entravam os ministros da Guerra e da Aeronáutica.

L.H.- O senhor disse que agora o presidente tem a ajuda da secretaria do Conselho. E naquele tempo, o chefe da Casa Militar não era o secretário do Conselho de Segurança?

A.M.- Não. O chefe da Casa Militar, naquele tempo, era... Existia o Conselho de Segurança, ou antes, uma secretaria, que tinha funções diferentes da atual, mas que examinava os problemas gerais, tanto que eu disse que o Alcio levou o Gabriel para a Secretaria do Conselho. E o Gabriel ficou lá trabalhando em assuntos econômicos que interessavam.

Um dos problemas que interessavam no momento era o do petróleo e do xisto. O Gabriel Fonseca recebeu a missão de estudar a fundo o problema do xisto de Taubaté e foi depois retirado, para organizar a empresa. Ele disse: "mas como é? Eu nunca trabalhei com milhões de contos..." O encarregado do assunto era um civil de grande capacidade, da área da Fazenda. Ele disse: "Mas coronel, o senhor vem fazer..." E ele: "Mas eu não quero saber disso: Eu gasto, na minha vida, sete cruzeiros (sic) como que eu vou discutir sete milhões de cruzeiros? É diferente."

A Secretaria do Conselho hoje um órgão mais pesado e profundo. Naquele tempo, também já tinha muitos civis. Dentro da secretaria há muitos militares e há muitos civis categorizados, de diferentes setores de atividades profissionais.

A.C.- A margem de autonomia do ministro da Guerra bem maior do que a do chefe da Casa Militar com relação ao presidente da República?

A.M.- Não tenha dúvida. O chefe da Casa Militar um auxiliar do presidente, o outro não. O ministro, inclusive, o comandante do Exército.

A.C.- Em casos, por exemplo, em que o presidente possa querer tomar alguma distância

com relação ao Ministério da Guerra, a Casa Militar pode ser um canal...

A.M.- De aconselhamento, de assessoria, mas não pode ser de decisão; enquanto o ministério órgão de decisão.

O Ministério da Guerra era muito grande. Depois eu senti isso diretamente, quando eu fui chefe do Estado-Maior.

A.C.- E funcionava naquele prédio perto da Central?

A.M.- Durante a administração do Dutra derrubou-se o prédio, o QG, e fez-se o outro. Foi construído pelo Dutra.

L.H.- O senhor disse que o relacionamento dependia muito dessas três pessoas - presidente da República, chefe da Casa Militar e ministro da Guerra - que estavam ocupando os cargos.

A.M.- Não. No bom relacionamento, eu me referia a quem o ministro e quem o chefe da Casa Militar. Vamos ver um caso mais típico.

L.H.- O caso do Denis e do Pedro Geraldo, por exemplo.

A.M.- Mas aí há uma diferença de escala muito grande. O Denis era quatro estrelas e o Pedro Geraldo era de brigada. Então, a posição do Denis era muito mais importante para o Exército do que a do Pedro Geraldo. Mas eu quero ver um outro caso típico. Aliás uma das coisas delicadas justamente a posição do chefe da Casa Militar, para não interferir no problema dos ministérios. Isso aí depende muito do temperamento e da habilidade do presidente, para botar as coisas nos seus lugares. Isto não fácil.

L.H.- Acho que poderíamos entrar agora nas relações propriamente políticas do Canrobert com o presidente Dutra.

A.M.- O Canrobert foi chefe do gabinete do Dutra durante uma porção de anos. Era um homem de toda a confiança do Dutra e do Exército. O Dutra tinha nele um auxiliar de uma lealdade absoluta. Era um homem que vivia para o Exército.

Mas como acontece com as pessoas que se desenvolvem nos períodos difíceis, começaram a aparecer os círculos para levarem o Canrobert a interferir na política do presidente. O Canrobert sempre fugiu dessa interferência. Mais tarde a coisa evoluiu, mas ele reagiu o quanto pôde para não se deixar envolver nos problemas políticos do presidente Dutra.

Nesta fase, ele estava acompanhando os problemas do Brasil e as agitações que existiam na área política, inclusive o problema com o Ademar de Barros. E aí eu entro num episódio muito interessante.

O Novelli, genro do Dutra, era adversário do Ademar. O Ademar, governador de São Paulo, em choque com o Novelli, estava automaticamente em choque com o Dutra. O Novelli era vice-governador. Os problemas, então...

[FINAL DA FITA 16-A]

A.M. - O Novelli procurou levar o Dutra a fazer a intervenção em São Paulo.

O Ademar tinha uma porção de defeitos de administração. Havia aquela sua política do "rouba mas faz". Era um homem muito atacado. Até onde isso era verdade, eu não sei. Eu tenho muito boas recordações do Ademar de Barros e vou mostrar como.

Mas a questão política envolvia e, naquele tempo, havia liberdade absoluta: a imprensa dizia horrores de c e de lá. O que se inventa a respeito dos homens públicos uma barbaridade. Eu, que estive sempre dentro da administração, vejo quanta coisa se diz a meu respeito. Eu sou considerado um homem de "linha dura": "O general Muricy duro, da linha dura." Eu não vou dizer nada. Vejam depois o relato que eu vou fazer, para ver onde está a minha dureza. Ainda outro dia, pegando uns jornais, li: "O general Muricy foi designado... É da linha dura, que ainda predomina no Exército." Isso um fato mínimo. O que se inventa das autoridades uma coisa louca.

Mas, nesse período, criou-se um ambiente contra o Ademar e o Dutra chegou a pensar em fazer a intervenção. Mas não se pode fazer uma intervenção militar no Brasil sem o apoio do Exército. E o comandante do Exército chamava-se Canrobert Pereira da Costa. O Dutra e os políticos começaram a trabalhar o Canrobert para ele concordar. Foi assim que se agiu quando se fez o Estado Novo. O Getúlio trabalhou o Dutra, que era ministro. E foi o ministro Dutra que permitiu a instalação do Estado Novo. Não foi o Góis Monteiro. Eu estava muito de fora, não tive participação, mas acompanhei os fatos. Quem permitiu que fosse implantado o Estado Novo foi o Dutra, que era quem tinha força no Exército.

L.H. - Quer dizer, a concordância do ministro da Guerra fundamental.

A.M. - Fundamental. Agora vem um episódio, que vou contar para mostrar como eram os chefes.

Uma tarde, naquela confusão toda, o Canrobert foi, logo depois do almoço, ao palácio do Catete. lá pelas três horas, ele voltou, chamou o Pedro Geraldo e disse: "Reúne todos os generais que estiverem no ministério, já, no meu gabinete." O Geraldo falou comigo e mais um outro. Eu peguei um setor, o Pedro Geraldo outro e telefonamos: "O ministro está convocando-o ao gabinete dele." Marcamos para meia hora depois. Chamamos todos os que estavam no Ministério. Reunimos vinte e tantos generais no gabinete que eu chamo de "Dom João VI," porque tem aquela estátua do D. João VI sentado. A mesa do Canrobert era ali embaixo. Formou-se um semicírculo de generais; do outro lado, o Canrobert. Como sempre, nós os oficiais de gabinete ficamos atrás do Canrobert. E o Canrobert começou uma conversa meio descosida. Eu, com os meus botões, pensava: "O Canrobert não homem de dizer uma coisa assim, eu não estou entendendo." Quando acabou, ele disse: "Bem, meus senhores, para terminar, quero declarar que continuarei ministro da Guerra, enquanto merecer a confiança do excelentíssimo senhor presidente da República, e enquanto o excelentíssimo senhor presidente da República merecer a minha confiança. Está encerrada a reunião.

L.H. - Alguém entendeu alguma coisa?

A.M. - Todo mundo entendeu. E era só isso que ele queria: Quando ele acabou, todo mundo se perguntava: "O que há?" E eu, com toda a intimidade, embora fosse tenente-coronel e ele ministro, lhe disse: "General Canrobert, barbaridade! Isso aí vai cair nos ouvidos do general Dutra já!" E ele: "É para isso mesmo." Não houve intervenção em São

Paulo.

Depois, isso vai interferir no envolvimento do Canrobert na eleição para presidente.

A.C. - Porque ele vai ser lançado, mas o Dutra talvez já não tenha interesse.

A.M. - Não. Cortou! Agora, vem o Ademar de Barros. O Ademar de Barros tomou conhecimento. Aquilo que aconteceu chegou ao conhecimento de todas as autoridades. O ministro declarar que continua enquanto o presidente da República merecer a sua confiança... Isso coisa que nunca ouvi em parte nenhuma. Nunca. E nunca mais vi coisa semelhante.

O Ademar soube. Na primeira vez em que veio ao Rio, ele foi falar com o Canrobert na casa dele. Foi agradecer a atitude, a firmeza, e expor os seus pontos de vista. E daí em diante o Ademar nunca mais veio ao Rio de Janeiro sem ir ao gabinete e falar conosco. Ia com a maior naturalidade, porque éramos auxiliares do Canrobert. Ele morreu grato pela atitude que o Canrobert tomou. E nós, que éramos auxiliares, ganhamos um pouco dessa gratidão. Do Ademar de Barros, me lembro disso. Ele bonachão, eu um simples tenente-coronel, e ele: "Como vai, coronel Muricy?" Mas ele fazia questão. Por aqueles mais chegados, ao Canrobert, então ele fazia tudo que pedia.

A.C. - Voltando ao gesto do Dutra, ficou um pouco chocante essa idéia de intervenção, porque, aparentemente, não havia um motivo assim...

A.M. - Não havia. E todo mundo estava vendo que era um problema do Novelli. Não era um problema de política interna de São Paulo, era do Novelli, que queria ficar dono da situação no estado.

L.H. - A constituição permite a intervenção no estado, mas a argumentação...

A.C. - Eu me pergunto se não teria sido uma tentativa do Dutra para preparar o candidato presidência. Se ele tivesse uma pessoa da sua confiança em São Paulo, certamente poderia manobrar mais facilmente.

A.M. - Isso aí uma hipótese que... pode ser verdadeira, mas eu não tenho elementos para comprovar. Não tenho. Depois, já no final do período do Dutra, começou o envolvimento do nome do Canrobert. Começaram a aparecer nos muros os dizeres "CANROBERT PARA PRESIDENTE". Ali na rua Farani, naquela pedreira, havia um enorme. Em toda parte via-se o nome Canrobert. Ele era um homem respeitado por todos, inclusive nos meios civis.

A.C. - O senhor tem idéia de onde partiu essa sugestão do nome do general Canrobert?

A.M. - Nomes, eu não posso dar. Havia grupos que procuravam ir contra o pessoal mais ligado UDN, que apoiava mais o nome do Canrobert para enfrentar o Dutra e o seu pessoal, que era do PSD.

L.H. - A UDN, então, estaria mais voltada...

A.M. - Estaria mais inclinada a apoiar o Canrobert e ali dentro, naturalmente, certos elementos procuravam criar um ambiente para se lançar o nome Canrobert.

L.H. - Eu não sei se estou enganada, mas pensou-se até em criar um partido especial, o POT, para apoiar o Canrobert?

A.M. - Foi, exatamente. O pessoal que era contra o PSD começou a criar um ambiente e aí houve luta absolutamente política. Não tinha nada de ideológica, era principalmente política. Era uma luta do PSD com a UDN. E havia dissidências, que sempre ocorrem.

Chegou um momento em que ou Canrobert se desincompatibilizava, ou ele perdia a oportunidade de ser indicado. E ele, muito sabiamente, resolveu não se desincompatibilizar. Ele dizia: "Eu saio do ministério e ele fica matroca. Faz-se a política dentro do ministério." Ele queria evitar a entrada a política no ministério.

L.H. - Mas o senhor, pessoalmente...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.H. - Dentro do ministério, vocês acompanharam o problema da cassação do Partido Comunista?

A.M. - Ah, claro. Nós acompanhamos.

L.H. - Como que esse problema, que era, aparentemente, político, mas era ideológico...

A.M. - Mas o problema ideológico sempre atacou profundamente o Exército.

L.H. - Como isso foi acompanhado dentro o Exército? E no ministério?

A.M. - O Exército ficou profundamente chocado com a Intentona de 35. E desde então, até hoje, o Exército reverência, no dia 27 de novembro, as vítimas da intentona, para formar uma consciência profunda, estimulada pelos chefes, contra a penetração do comunismo dentro do Exército e dentro do Brasil.

L.H. - Às vezes dá a impressão, general, de que essa comemoração de 35 que se repete anualmente maior do que realmente foi a intentona, com a intenção de fixar sempre o perigo que pode acontecer.

A.M. - É exato. A intentona foi uma coisa violenta. Eu me lembro da nossa reação, do nosso ímpeto de raiva ao ver os companheiros mortos assim.

L.H. - Mas foi sustada rapidamente.

A.M. - Foi. lá no Nordeste foram três dias, de 24 a 27; aqui, foi 25 e no mesmo dia estava debelado. Então, a ação, propriamente, não foi tão profunda. Mas, nas mentes, era preciso eliminar a ideologia, porque o perigo do comunismo já estava sendo sentido nas forças armadas desde a década de 30. Daí, então, essa persistência. Falo sobre isso naquele meu

trabalho, A Intentona de 35. Falo sobre essa necessidade de, todos os anos, se comemorar, para prevenir, formar uma consciência e evitar a infiltração comunista dentro do Exército. Enquanto as forças armadas forem isentas de comunismo, possível lutar contra o comunismo. Na hora em que elas forem minadas, desapareceu a possibilidade de reação. Este foi sempre o nosso cuidado. Mais tarde, vai-se sentir isso quando eu tiver ação de comando, porque ali já havia necessidade de evitar a infiltração comunista ou paracomunista dentro das forças armadas.

L.H. - Quer dizer que vocês acompanharam muito de perto esse problema da cassação do partido.

A.M. - Nós acompanhamos e, embora sem demonstrarmos, dávamos aos nossos chefes todo o apoio para que eles, por sua vez, apoiassem o ministro, que apoiava o presidente. Então, a cassação do Partido Comunista veio tranquilizar a área militar democrática. Embora com os inconvenientes de partido ilegal e subterrâneo, ele ficou muito menos eficiente na penetração das mentes. A sua ação era mais limitada. Então, atingia certos elementos, mas não dez ou vinte vezes mais do que atingiria se a propagação...

A.C. - Naquele momento o Partido Comunista estava muito forte, não? Tinha obtido resultado eleitorais espetaculares.

L.H. - Em São Paulo foi uma...

A.M. - Mas em São Paulo tinha uma penetração... Conte as lutas de rua que houve entre integralistas e comunistas em São Paulo. O pessoal se esquece disso. Hoje, ninguém mais fala nisso. Mas lendo os jornais antigos, encontramos isso.

Mas, voltando ao Canrobert, começou-se a fazer a campanha a seu favor. Mas houve reação no PSD e no presidente. As relações entre o Dutra e o Canrobert passaram a esfriar.

A.C. - E esse esfriamento foi a partir da questão de São Paulo?

A.M. - Daí em diante houve um esfriamento, embora continuassem a se falar e se respeitar mutuamente. Os dois tinham sido chefe e subordinado juntos durante muitos anos e tinham qualidades muito grandes.

L.H. - E interessante que o Dutra não o substituiu no ministério.

A.M. - Não, não substituiu, porque ele sabia que o Canrobert era um homem capaz de manter o Exército unido.

L.H. - E talvez fosse mais interessante mantê-lo como ministro do que tê-lo na oposição.

A.M. - Exato. O fato que, politicamente, começou-se a preparar a eleição do Canrobert e chegou um momento em que tinha que haver a desincompatibilização. E o Canrobert disse: "Eu não posso largar sem um sinal de que realmente eu terei apoio do presidente."

L.H. - O senhor sentia nele algum desejo de ser presidente?

A.M. - Houve um momento em que houve o desejo, assim como isso ocorreu comigo, mutatis mutandis, em Pernambuco. Depois, eu vou contar. É um fenômeno que temos que compreender. Não digo que tenha sido uma das minhas maiores frustrações, mas foi um dos maiores erros que cometi na vida.

L.H. - Num determinado momento, há uma atração, não é?

A.M. - Ha uma atração, até pelo desejo de servir. Eu vou mostrar o fenômeno comigo, o que explica um pouco o que ocorreu com o Canrobert. O desejo de servir, que inato dentro do militar verdadeiro, leva o indivíduo a tomar posições em que ele esquece um pouco de si para pensar no país, ou na região, ou no estado.

Mas o Canrobert não teve o sinal verde. Todo mundo se perguntava: "Ele vai se desincompatibilizar ou não vai?" E aí o Canrobert sumiu do Rio de Janeiro. Foi para Teresópolis sem dizer nada a ninguém. Foi para a casa do Machado. Hoje a fazenda Paraíso, na saída da estrada que vai de Teresópolis a Friburgo. Ele passou, na granja do Machado, uma semana desaparecido. E com isso, passou o prazo da desincompatibilização. Ele não saiu mais do ministério e ficou até o fim do governo Dutra.

Nesse momento, já vinham lançadas as candidaturas do Getúlio e do Eduardo. E, de uma maneira geral, começou a haver, dentro do Exército, uma divisão de pensamento. Mas a grande maioria tendia para o Eduardo. Nós ali, ligados ao Canrobert, tendíamos para o Eduardo. Pessoalmente, tínhamos sido contra Getúlio, direta ou indiretamente, embora não fôssemos por ação. Engraçado, no meu caso particular, eu tinha grande amizade e simpatia pelo Getúlio.

O meu irmão Jos Cândido, que tinha atuado em 32 com o avião "vermelhinho", vinha ao Rio e às vezes ia almoçar com dona Darcy. Uma das suas cunhadas era auxiliar direta de dona Darcy, lá na Casa do Pequeno Jornaleiro, Às vezes, ele ia ao palácio e o Getúlio conversava com ele. O Getúlio, quando raramente se encontrava comigo, se lembrava da entrega de diplomas da minha turma na Escola de Estado-Maior. Quando eu fui receber o diploma de fim de curso, a turma toda fez uma verdadeira ovação: Ele dizia: "Não me esqueço disso." Naquele tempo, eu era capitão.

Foi-se formando esse ambiente dentro do Exército, mas o sentido de disciplina estava todo retomado e o Exército impôs... A não ser um candidato comunista, qualquer candidatura política sem dúvida seria respeitada. E o Canrobert deu a demonstração. Pessoalmente, ele era pelo Eduardo, seu amigo e companheiro, e era contra o Getúlio, já tendo estado contra anteriormente em 45. Ele ficou nesta posição até o fim.

Nesse caso, vai um caso pessoal. O Gashipo Chagas Pereira, do Rio Grande, era elemento meio ligado às esquerdas e aos comunas. Era um homem com quem eu tinha muita conversa. Eu gostava muito do Gashipo, apesar de discordar das suas idéias.

O Gashipo andava com o Getúlio para cima e para baixo, de avião. Ele estava ainda na ativa, mas estava licenciado. Mas o Canrobert não criava o menor embaraço, para não parecer que estava tomando partido. Ele procurou ser um elemento imparcial na campanha política de Getúlio e do Eduardo. E foi. Nunca tivemos a menor insinuação.

L.H. - Acho muito importante o que o senhor está nos contando, porque, a impressão que se tinha era de que o presidente Dutra estava muito hesitante em aceitar o nome do Cristiano Machado, do PSD, porque queria lançar o Canrobert. Mas o que o senhor está

nos contando agora mostra que, na verdade, o Dutra cortou o Canrobert.

A.M. - Estou convencido de que cortou. Pode ser que eu me iluda. Ele pode ter pensado, antes. Mas estou convencido que foi o Dutra quem cortou o Canrobert.

A.C. - Esses elementos que o senhor nos trouxe mostram que talvez ele tenha cortado exatamente porque não foi uma pessoa dele. Talvez o Canrobert tivesse uma margem de autonomia que o Dutra não desejava.

A.M. - Eu vou dar uma opinião. Em linha geral todo chefe tenta fazer o seu sucessor, para que ele possa prolongar um pouco a sua autoridade. E todos os sucessores tendem a se livrar dos seus mentores. Assim, começam a haver choques. Temos inúmeros exemplos, até hoje. Ninguém tenha dúvida: os chefes querem fazer os seus sucessores e os sucessores não querem ser tutelados, a não ser quando são simplesmente fantoches.

A.C. - O general Canrobert, em certo sentido, marcou as distâncias com relação ao Dutra, antes mesmo de ser o sucessor.

A.M. - Vocês podem ter observado, através da minha vida, que nós no Exército, vivemos nos encontrando e reencontrando. Todos nós, que saímos do mesmo forno e que nos criamos através da vida, exercemos atividades que se encontram e que se interpenetram. Todos nos conhecemos muito bem. Então, o Dutra devia conhecer o Canrobert melhor do que eu, inclusive porque o conheceu durante mais tempo, tendo sido o Canrobert seu auxiliar direto. Então, ele devia saber que não ia dobrar o Canrobert, assim como não ia dobrar Alcio. Eram homens que tinham uma opinião, e aquela opinião era deles. Eles podiam, como disciplina intelectual, adotar a decisão do chefe e lutar por ela, embora pensando contra. Mas eles tinham a sua opinião e ninguém ia muda-la.

Então, pensar que Canrobert seria seguidor ou continuador de Dutra seria sonho. Eu não faço esta injustiça do Dutra.

L.H. - Mas o Dutra, no episódio da intervenção de São Paulo, de qualquer forma, tentou envolver o Canrobert.

A.M. - Ele tentou envolver o Canrobert, mas o Canrobert não tinha uma posição definida. Mas, depois da posição definida...

A.C. - Mas era indispensável a participação do Canrobert para ele intervir.

A.M. - Exato. Era indispensável.

A.C. - Eu queria fazer uma pergunta sobre o problema do petróleo. O senhor mencionou há pouco que o Gabriel tinha-se envolvido muito com os problemas do xisto. Desde ali já começa uma campanha pelo monopólio?

A.M. - Aquele problema ainda não tinha começado. O Petróleo começa com o Estillac. A década seguinte a do petróleo. O Dutra, no seu governo, lançou o Conselho Nacional do

Petróleo.² E procurou desenvolver o problema. O Dutra lançou a Chesf, Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco. Foram duas grandes decisões que, entretanto, só frutificaram mais tarde, assim como Volta Redonda só frutificou durante a guerra, embora a companhia tivesse sido criada em 1939. Mas só foi efetivada em 1944 ou 1945 ... não me lembro mais.

Tudo isso tem um tempo de gestação muito grande. Portanto, o petróleo já era uma preocupação dos militares. De uma maneira geral, nós temos que pensar nos problemas de segurança e nos problemas de defesa, e uma coisa básica o problema do transporte e de energia para o transporte. Portanto, o problema do petróleo básico para as forças armadas. Naturalmente, o Dutra era um militar e com isso, estava olhando para o problema. já tinha sido criado o Conselho de Petróleo. Tinha sido presidido pelo João Carlos Barreto e depois passou para o Horta Barbosa.³

O Horta Barbosa era um homem sério, de grandes serviços prestados ao Exército, um homem de honorabilidade incontestada. Embora facilmente...

A.C. - Positivista, não é?

A.M. - É... sugestionável, o que se vai ver depois no prosseguimento da campanha " O petróleo nosso". Ele se deixa envolver, honestamente; eu não o acuso, porque, nas coisas controvertidas, sempre todo mundo tem razão, de um lado e de outro. Uns tem mais razão num determinado momento e podem ter menos no ponto de vista seguinte.

Mas o fato que o problema do petróleo já vinha agitando o Brasil. já se tinha descoberto o poço de Lobato. Isso tudo fermentava. E uma das alternativas era o xisto de Taubaté, que já vinha sendo pesquisado há muitos anos. A companhia do Roberto Simonsen já tinha pesquisado o xisto de Taubaté. Inclusive, quem trabalhou naquela área foi um parente meu, o Egídio Moreira de Castro e Silva. Ele trabalhou muitos anos com o Simonsen e dirigiu as primeiras pesquisas. Realmente existia o xisto. Mas a tecnologia era muito primária, nós não a possuíamos. Coube ao Gabriel estudar a possibilidade de instalação de uma refinaria experimental. Ele entrou em ligação com uma firma, Foster Wills, que era, naquele momento, a mais credenciada. Ainda hoje continua sendo, nesse setor de grandes refinarias, uma das maiores do mundo.

Ele começou a estudar o problema da retortagem do xisto e dedicou-se cem por cento. Acabou morrendo pelo trabalho a que se dedicou. Mais tarde, a Petrobrás, no tempo em que o Janari foi diretor, homenageou o meu amigo Gabriel, dando o seu nome a um petroleiro.

[FINAL DA FITA 16-B]

A.M. - Mas no momento isso, porque o problema do petróleo agita-se no segundo governo Getúlio, com a questão do Clube Militar e do Estillac.

A.C. - Não repercute diretamente no ministério?

A.M. - Não. Nesse momento, tudo estava perfeitamente na mão do Canrobert, controlando

² O Conselho Nacional do Petróleo foi criado em 1938.

³ Horta Barbosa precedeu a João Carlos Barreto na presidência do Conselho Nacional do Petróleo.

e assegurando facilmente qualquer resultado da eleição.

L.H. - De qualquer forma, o senhor estava nos falando que o Canrobert, com uma mão mais firme, impediu que o Exército se envolvesse demais com essas questões políticas. Mas, antes mesmo da eleição presidencial, que foi em outubro de 1950, nós tivemos a política entretanto no Exército, com as eleições de 1950 do Clube Militar. Como foram as eleições desse ano?

A.M. - Mas no momento isso, porque o problema do petróleo agita-se no segundo governo Getúlio, com a questão do Clube Militar e do Estillac.

A.C. - Não repercute diretamente no ministério?

A.M. - Não. Nesse momento, tudo estava perfeitamente na mão do Canrobert, controlando e assegurando facilmente qualquer resultado da eleição.

L.H. - De qualquer forma, o senhor estava nos falando que o Canrobert, com uma mão mais firme, impediu que o Exército se envolvesse demais com essas questões políticas. Mas, antes mesmo da eleição presidencial, que foi em outubro de 1950, nós tivemos a política entrando no Exército, com as eleições de 1950 do Clube Militar. Como foram as eleições desse ano?

A.M. - aí já era o problema ideológico, que novamente estava tentando... Com a volta de Getúlio em perspectiva, houve muita agitação política. Toda vez que há um problema de agitação política, há facilidade para o lançamento de idéias. E os comunistas também aproveitaram a situação e começaram a fazer o seu trabalho. E começa a se formar então, dentro do Exército, a luta política, que marchava *pari passu* com a luta ideológica. Isto que importante caracterizar nesse período: havia duas coisas que marchavam paralelas. Muita gente olhava apenas o lado político e esquecia o lado ideológico. Mas cada lado sempre se aproveitava do outro.

Nesse momento, começou-se a fazer a campanha do Clube Militar. Normalmente, no Clube Militar, nos períodos de tranqüilidade, não tem importância se o presidente A, B ou C. Mas naquela ocasião, o clube já começava a ser um palco de importância para o lançamento das idéias. Nesse clima e aproveitando-se os problemas que iam aparecer, lançou-se a candidatura do Estillac.

O Estillac, era um homem de esquerda, como eu disse. Eu, pessoalmente, tive conversas com ele e não sei até onde ia o seu comunismo; até onde ia o comunismo do Osvino, eu também não sei. Mas não tenho dúvida de que existia. Apesar de eu ser amigo dele, há pouco tempo encontrei-o.

O fato que, em torno disso, apareceu a figura do Humberto Freire de Andrade, que era o homem da redação da revista. Foi meu aluno. Eu disse que tive dois alunos chamados Humberto: Humberto Gordo e Humberto Medalha. O Humberto Gordo o Humberto Souza Melo, que depois foi general do Exército. E o Humberto Medalha o Humberto que vai para a reserva, posto para fora do Exército logo depois da revolução de 64.

Pessoalmente, eu nunca achei que o Humberto fosse comunista. Eu acho que ele era um homem de idéias de esquerda e, principalmente, um homem de uma vaidade imensa. Foi meu aluno, tinha uma letra bonita, as suas provas eram de uma apresentação impecável.

Ele escrevia as provas e no fim parecia que as tinha desenhado. Gostava de andar bem-fardado, com todas as medalhas. Arranjava condecoração de todo mundo. Mais tarde, houve um excesso, daí sair uma legislação regulamentando tudo isso. Criou-se medalha de tudo quanto foi tipo e o Humberto tinha todas elas.

A.C. - Foi bom aluno?

A.M. - Foi. E ele foi para a revista. E assim, por uma inadvertência nossa, porque somos sempre descuidados nos momentos de tranqüilidade -s" no momento de ação que vamos agir -, o Clube Militar caiu nas mãos do pessoal de esquerda. Começou a dar guarida a todas as campanhas manipuladas pelos comunistas e pelo pessoal de esquerda.

A.C. - O senhor falou da revista. A luta começou, então, lá?

A.M. - A luta começou no Clube Militar, nas declarações e nos artigos que o Humberto escrevia na revista.

A.C. - Antes do Estillac ganhar as eleições?

A.M. - Não! Depois... porque ele subiu com o Estillac. E o Estillac subiu por uma inadvertência nossa. Não nos organizamos, porque não estávamos dando ao Clube Militar a importância que ele podia...

A.C. - O derrotado foi o general Cordeiro.

A.M. - Foi.

A.C. - E em torno de que a campanha foi centrada?

A.M. - Eu não me recordo mais. Esse período de tal agitação, tantos foram os fatos, que eu não posso dizer que eleição foi essa, porque, houve umas três ou quatro eleições agitadíssimas. Inclusive, íamos para a porta do Clube Militar e fazíamos proselitismo, porque depois começou a reação. Depois da subida do Estillac que se organizou a célebre Cruzada Democrática.

L.H. - Ela posterior eleição?

A.M. - E! O Cordeiro já estava na Escola Superior de Guerra, onde ele tinha acabado de fazer a primeira turma. Em 1949 ele fez a estrutura e em 1950 saiu a primeira turma. Nós lutamos pelo Cordeiro. Os auxiliares do Cordeiro iam lá, no gabinete, pois eram todos ligados a nós. O Cordeiro e o Canrobert se davam muito bem. Tínhamos toda ligação, mas não nos estruturamos para enfrentar a eleição e perdemos. E assim eu creio que termina o meu período de gabinete. Porque o Getúlio eleito e, para nossa grande surpresa, escolhe Estillac para ministro.

A.C. - Foi surpresa?

A.M. - Foi surpresa completa para o Exército. O Estillac era um homem inteligente, um homem revolucionário de 22, mas que não tinha vivência no Exército. Não merecia a confiança do Exército e contra ele pesavam muitas acusações de vida irregular.

A.C. - Vida irregular em que sentido?

A.M. - Ele era um solteirão, com problemas de que todo mundo falava, tanto que foi uma surpresa para todos quando ele, já ministro, se casou. Eu preferia não entrar em certo tipo de comentário.

A.C. - Claro. Além do fato dele ter algumas idéias eram que consideradas como idéias de esquerda na época, o senhor insiste em que ele não seria um chefe militar, um homem representativo do Exército. Por quê? Como foi a carreira dele?

A.M. - Ele foi sempre ligado revolução, mas nunca... Foi fazer os cursos depois de 30, como, aliás, o Cordeiro e outros foram. Mas alguns se integraram no Exército e o Estillac nunca se integrou. Nunca desempenhou funções onde ele pudesse se firmar como chefe. Mesmo na turma de Estado-Maior, ele foi matriculado independentemente de concurso, numa dessas coisas que...

A.C. - Era possível?

A.M. - O ministro chamava-se Eurico Gaspar Dutra. O presidente chamava-se Getúlio. O Estillac era exponencial, revolucionário.

A.C. - Talvez mais pelas mãos do Getúlio, neste caso, do que pelo Dutra.

A.M. - Sim, acredito. Mas o fato que há outros que entraram também assim, pela mão do Dutra, inclusive o nosso amigo Ângelo Mendes de Moraes.

O Ângelo Mendes de Moraes fez o concurso comigo e foi reprovado. No ano seguinte, ele foi matriculado, independentemente de concurso. Quem o matriculou foi o Dutra. O Mendes de Moraes era muito amigo de dona Santinha⁴. Da mesma maneira, aconteceu com o Estillac. Com uma razão mais forte, porque o Estillac tinha estado completamente fora do Exército, nunca tinha feito coisa nenhuma. Não me lembro mais quando ele fez o Estado-Maior, mas isso foi depois de mim... ou foi antes, eu não sei mais direito. Não sei se foi em quarenta e poucos. Inclusive, como era o mais antigo - não era o melhor - foi o orador da turma e fez um discurso político que causou uma celeuma brutal no país e no Exército.

A.C. - Foi sobre o que?

A.M. - Eu não me recordo mais. Eu lembro que o seu discurso repercutiu brutalmente. Foi em meados da guerra, naquela agitação que precedeu a derrubada de Getúlio em 1945. Era um discurso de conteúdo puramente político. Não me recordo mais dos termos do discurso, mas causou uma celeuma, uma coisa brutal.

⁴ Dona Santinha era mulher do general Dutra.

A.C. - Ele não foi primeiro aluno?

A.M. - Não. Mas podia ser, porque era inteligentíssimo. Mas era um homem que não tinha cultura militar. Era um homem culto, mas cultura militar, ele não tinha. Ele não se preparou, mas subiu na carreira e foi ministro. As funções que ele exerceu nunca foram de relevo, até ele ser ministro, de maneira que ele foi jogado de pára-quadras no ministério. Levou para a chefia do gabinete o Osvino, que já era o seu chefe-de-gabinete em Santa Maria.

O Osvino tinha mais vivência, embora jamais fosse um oficial destacado intelectualmente ou culturalmente. Osvino era muito bom como oficial, mas nunca teve destaque. Não fazia parte daquele pessoal que se destaca sempre nos cursos, nos trabalhos, nas funções, homens que vêm... Subimos uma escada. De tenente a general-de-Exército há uma escada, e quem pula um degrau sempre fica alguma deficiência.

L.H. - O senhor disse que até há pouco tempo a carreira terminava em general-de-brigada. O Canrobert era brigada.

A.M. - Ele era de brigada, mas a carreira acabava em divisão.

L.H. - Quando que entra o posto de general-de-exército?

A.M. - Bem depois da guerra. Primeiro, foram criados as zonas militares. Quando houve o 11 de Novembro - a morte do Canrobert -, o Cordeiro era chefe da Zona Norte, no Recife.

L.H. - Ele já era governador nessa época.

A.M. - Exato, ele já era.

A.C. - Então, quando se criaram os Exércitos - primeiro, segundo, terceiro e quarto - que se criou o posto, o general-de-exército?

A.M. - Mais ou menos na mesma época. Eu não posso jurar. Pode até ser que esses comandantes de zona fossem já generais-de-exército.

A.C. - Pensei que teria sido uma influência da guerra, porque Mascarenhas foi para lá como comandante de um exército.

A.M. - Não há dúvida que a influência da guerra veio. E' o problema das estrelas. O Exército americano foi a quatro estrelas, normalmente, e havia cinco estrelas. No Brasil, íamos a três estrelas e então foi acrescida a quarta. O único cinco estrelas, oficialmente, foi o Mascarenhas.

A.C. - Pelo que o senhor contou a propósito do Mascarenhas e de outros, ficamos realmente pensando que havia a idéia de burocratizar as funções: então começam as promoções etc. Na verdade, o critério normal seria o funcional: tem cinco estrelas aquele que exerceu na sua vida funções de cinco estrelas.

A.M. - Exato. Mas, não posso dizer de saída quando foi instituído o posto de quatro estrelas. Mas foi depois da guerra e tenho a impressão de que foi, mais ou menos, no fim da década de 40, por aí. Prefiro não avançar. O fato que o período do Dutra termina com o Exército preocupado com o governo de Getúlio que se instalava. O problema dentro do Exército foi agravado, principalmente, com as idas do Estillac para o ministério e do Osvino para a chefia do gabinete, dando uma conotação de esquerda cúpula do Exército e de apoio da esquerda a Getúlio.

L.H. - Mas, de qualquer forma, o Estillac deveria ter algum apoio dentro do Exército, não?

A.M. - Tinha, mas pequeno. Não há chefe que não tenha o seu...

L.H. - Mas não era suficiente para dividir o Exército?

A.M. - Não. E isso ficou demonstrado quando chegamos a 1964. Quando se fez um balanço, a proporção era de dez para um, ou menos. Então, ele não dividiu.

Mas começa, então, o período do Getúlio, com um sentido de desconfiança e o Clube Militar nas mãos dos esquerdistas. Porque o Estillac nunca foi lá. Tudo era entregue ao vice-presidente, que era... eu não me lembro mais. Ele, inclusive, era ministro e não tinha tempo de ir lá.

L.H. - Eu tenho a impressão de que a chapa vencedora era Estillac Horta Barbosa.

A.M. - O Horta Barbosa dava mais o nome, era impulsionado pela diretoria, na qual havia uns dois ou três elementos que eram, evidentemente, comunistas. Então, esta a perspectiva da nossa próxima conversa. Com um primeiro complemento: terminava o governo do Canrobert e ele, sentindo que mudava a orientação dentro da política brasileira e, principalmente, dentro do Exército, procurou ver onde colocava os seus auxiliares, para que eles não sofressem devido às injunções e choques. Nessa ocasião, ele conversou com o Cordeiro, que disse: "Eu tenho lugar para dois aqui na Escola Superior de Guerra." Fomos para lá, eu e o Eduardo Domingues de Oliveira. Então, começa agora um outro período.

A.C. - Nós tivemos o depoimento do general Cordeiro sobre a Escola Superior de Guerra e o senhor vai nos mostrar outros aspectos.